

**JAIR IZAÍAS KAPPANN**

**AS DROGAS SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Guimarães.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
**Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP**

K17d	<p>Kappann, Jair Izaías As drogas segundo a percepção de professores e alunos do ensino fundamental / Jair Izaías Kappann. Assis, 2005 160 f.</p> <p>Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.</p> <p>1. Adolescentes – Uso de drogas. 2. Drogas – Utilização. 3. Professores e alunos. 4. Psicologia escolar. 5. Prevenção. I. Título.</p>
	<p>CDD 155.5 370.15</p>

## AGRADECIMENTOS

---

Aos professores, alunos e a direção da escola pesquisada.

À Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Luisa L. de Castro Valente pelas valiosas sugestões ao trabalho, na oportunidade da qualificação.

À Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Regina Cássia Rondina pela disponibilidade em participar da banca.

Ao orientador Prof. Dr. José Luiz Guimarães que com muita paciência me. acompanha à alguns anos.

À Fernanda e Bruno que muito colaboraram.

Ao Prof. Dr. Raul Aragão Martins pelas valiosas contribuições e sugestões.

À FAPESP pela concessão do financiamento para a realização da pesquisa.

KAPPANN, Jair Izaías. **As drogas segundo a percepção de professores e alunos do ensino fundamental**. 2005, 160 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis.

## RESUMO

Na sociedade atual o consumo abusivo de drogas psicoativas tornou-se motivo de constante preocupação por causar problemas sociais, associados ao tráfico, violência, criminalidade e à saúde do indivíduo usuário. As pesquisas epidemiológicas apontam que o início do consumo de drogas começa no final da infância e início da adolescência. O ambiente escolar que é o ponto de encontro por excelência desta faixa etária, torna-se, dessa forma, o local ideal para a realização de atividades preventivas e para promover a educação para a saúde e a qualidade de vida. Visando contribuir para a ampliação do conhecimento qualitativo em relação a uma questão tão proeminente em nossa sociedade, foram analisadas a percepção que professores e alunos têm da questão e a melhor forma de tratá-la na escola. Os participantes são alunos de 12 a 16 anos de ambos os sexos e de diferentes turmas do ensino fundamental e 8 dos seus professores, todos de uma escola pública, de ensino fundamental e médio da cidade de Assis-SP. Os adolescentes foram divididos em 6 grupos focais de 8 membros cada, 3 grupos do sexo masculino e 3 feminino, com os quais utilizou-se a técnica do grupo focal e questionários, para a coleta dos dados. Com os professores, foram usadas entrevistas semidirigidas e questionários. Para analisar os resultados foi utilizada a análise de conteúdo. Constatou-se uma carência de conhecimento por parte dos professores em relação às drogas e suas características, como consequência uma declarada dificuldade para lidar com alunos, por eles identificados como usuários, que despertam diferentes sentimentos como medo e apreensão. Os alunos, por outro lado, percebem esse medo e utilizam-no em benefício próprio, para infringir as normas e se “destacar” entre os colegas. Tornam-se assim “heróis” por suas atitudes contestatórias e inconseqüentes e são considerados “líderes negativos”, transmitindo aos colegas a mensagem de que são as drogas que lhes dão esse poder e aparente onipotência. Os alunos, também demonstraram conhecimento prático em relação às drogas, por elas estarem presentes em seu ambiente e no dia a dia. Entretanto, faltam-lhes informações básicas sobre dependência, tipos de drogas e tratamento, deixando-os à mercê das informações repassadas pelos usuários. Na opinião de ambos os grupos é urgente a necessidade de realização de campanhas preventivas, porém elas devem ser feitas de forma apropriada, respeitando às características individuais e faixa etária dos alunos. Enfatizam o desejo de conhecer mais sobre o assunto, mas que não se restrinjam a meras palestras informativas que seriam muito “chatas” e “não são suficientes”. Sugerem o uso de outras linguagens e meios de expressão como filmes, gincanas, teatro e jogos de conhecimento e o conteúdo deve ser elaborado a partir do interesse e das necessidades deles próprios. O consumo de drogas e suas consequências estão presentes no cotidiano escolar, de forma preocupante. Diante disso, cabe a sociedade preparar alunos e professores para enfrentar a questão, de forma que esse fenômeno não prejudique ainda mais a qualidade do ensino e as relações humanas aí estabelecidas.

**Palavras chave:** Drogas; escola; professores; alunos; adolescentes; prevenção.

KAPPANN, Jair Izaías. **Drugs in the perception of the teachers and the students of middle school**. Assis, 2005.160f. Master Dissertation. Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis.

### ABSTRACT

In the current society the excessive psychoactive drug use has become a reason for a constant worrying by causing social problems which are associated to the drug trafficking, violence, criminality and to the drug user health. The epidemiological researches show that the beginning of drug use starts at the end of childhood and in the beginning of adolescence. The school environment that is the meeting place of this age group becomes the ideal local for preventive activities and to organise the education for health and for the quality of life. With the aim to help the qualitative knowledge enlargement in relation to a very much important question in our society it was analysed the perception that the teachers and the students have about the question and the best way to deal with it at the school. The students who took part were from 12 to 16 years old from both sexes and from different classes of middle school, and 8 teachers who teach them. Everyone belong to a public school which was chosen randomly and is situated in the city of Assis-SP-Brazil. The school-age adolescents were divided into 6 focal groups with 8 members each, where 3 groups were male sex and 3 female. To the teachers were applied semi-managed interviews and to the students the focus group technique and questionnaires. In order to analyse the results it was used the content anlysis. It was verified a lack of knowledge by the teachers in relation to the drugs and its characteristics , and on the other hand a great difficulty in dealing with students when the teachers had noticed a student was a drug user and in its turn can arouse different feelings as fear and apprehension. On the other hand, the students can notice this fear and use it on his own benefit so that they can infrige the rules and stand out among their friends. Due to this behaviour they are seen as “heroes” because of their contradictory and inconsequent attitudes, and are considered as “negative leaders”, showing their friends that the drugs give them this power and an apparent omnipotence. Yet, the students showed to have a practical knowledge in relation to the drugs because it is present in their environment and in their day by day, but they are lack of basic information about being an addicted, kinds of drugs and treatment, letting them at the mercy of information which is passed again by the drug users. In both groups the opinion is that there is an urgent appeal for preventive campaingns, however they must be done according to the individual characteristics and to the students age group. They emphasize that they need to know more about this subject but mere lectures just to provide information are very “boring” and are not enough, so they suggest other ways like films, theaters, funny competition games and knowledge games and the content must be done from the students own needs. The drug use and its consequences are present everyday in the school in a worrying way. Faced with this situation it is up to the society to prepare students and teachers to face the problem up so that this situation can not be overharmful to the education quality and the human relationships here established.

**Key words:** Drugs; school; teachers; students; school-age adolescents; prevention.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
-------------------------	----

### CAPÍTULO I

#### O consumo de drogas no contexto escolar e social

1.1 Educação escolar.....	16
1.2 As drogas psicoativas.....	20
1.3 Adolescência.....	22
1.4 O uso de drogas na adolescência.....	24
1.5 Epidemiologia do consumo de drogas entre estudantes brasileiros.....	28
1.6 Relevância do presente estudo.....	32

### CAPÍTULO II

#### A pesquisa

2.1 Objetivo.....	35
2.2 Escolha do método: pesquisa qualitativa.....	35
2.3 Análise de conteúdo.....	38
2.4 Sujeitos.....	41
2.5 Instrumentos utilizados.....	43
2.5.1 Entrevistas e questionários.....	43
2.5.2 Grupo Focal.....	45
2.6 Estudo observacional e inserção na instituição.....	48
2.7 Ética na pesquisa.....	48

### CAPÍTULO III

#### Resultados e discussão

<b>3.1 O que dizem os professores</b> .....	53
3.1.1 Educação escolar.....	54
3.1.1.1 Concepção de alunos.....	54
3.1.1.2 Interesse dos alunos por assuntos extracurriculares.....	57
3.1.1.3 Relação professor aluno.....	59
3.1.2 Escola.....	60
3.1.2.1 Problemas da escola.....	60
3.1.2.2 Ensino público: problemas e soluções .....	62
3.1.3 Satisfação profissional.....	64
3.1.3.1 Dificuldades da profissão.....	64
3.1.4 Adolescência.....	67
3.1.4.1 Adolescentes e as drogas.....	70
3.1.5 Percepção sobre as drogas psicoativas.....	71
3.1.5.1 Drogas na sociedade.....	71
3.1.5.2 Legalização das drogas.....	73
3.1.6 Prevenção.....	74
3.1.7 Conhecimento em relação às drogas.....	76
3.1.7.1 Tipos de drogas.....	76
3.1.7.2 Informações.....	78
3.1.8 Drogas na escola.....	80
3.1.8.1 Drogas mais usadas pelos alunos.....	81
3.1.9 Usuários de drogas.....	82
3.1.9.1 Motivos para o consumo de drogas.....	86
3.1.9.2 Atitudes práticas com os alunos usuários.....	87
3.1.9.3 Medidas tomadas pela escola.....	90

3.1.10 Prevenção às drogas na escola.....	91
3.1.10.1 Atividades preventivas.....	91
3.1.10.2 Papel da escola e do professor na prevenção.....	93
3.1.10.3 Nível de informações dos alunos sobre as drogas.....	96
3.1.11 Drogas e violência .....	96
<b>3.2 O que dizem os alunos.....</b>	<b>99</b>
3.2.1 Percepção sobre as drogas.....	101
3.2.2 Conhecimento sobre as drogas psicoativas.....	105
3.2.2.1 Álcool e cigarro.....	107
3.2.2.2 Drogas para emagrecer.....	109
3.2.3 Conseqüências do uso de drogas.....	112
3.2.4 Efeitos das drogas.....	114
3.2.5 Motivação para o consumo.....	116
3.2.6 Fontes de informações.....	126
3.2.7 Drogas na escola.....	129
3.2.7.1 Percepção em relação aos usuários.....	130
3.2.8 Drogas no local de moradia.....	133
3.2.9 Prevenção.....	136
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>140</b>
REFERÊNCIAS .....	146
APÊNDICES.....	151
Apêndice 1- Roteiro de entrevista com professores.....	152
Apêndice 2- Questionário professores.....	154
Apêndice 3- Roteiro grupo focal.....	155
Apêndice 4- Questionário alunos.....	157

Apêndice 5- Termo de consentimento livre e esclarecido.....158  
Anexo 1- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....160

## INTRODUÇÃO

---

O consumo de drogas psicoativas é um dos grandes problemas que atinge a sociedade contemporânea e vem se agravando à medida que avança o hedonismo e o consumismo exacerbado. Apesar de causar sérios danos à sociedade e aos indivíduos em particular, só recentemente recebeu a devida atenção da Ciência, que procura, através de estudos e pesquisas, encontrar a forma mais adequada de encarar o fenômeno.

O nosso primeiro contato com o assunto ocorreu com a realização de duas pesquisas de Iniciação Científica, que realizamos nas escolas das cidades de Assis e Ourinhos, ainda durante a graduação no curso de Psicologia da FCL de Assis, sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Guimarães. Os resultados encontrados foram então considerados satisfatórios, pois ofereceram dados objetivos para fomentar a discussão e a busca de soluções e alternativas que possibilitem a elaboração de políticas públicas eficientes na área da drogadição.

Nesse contato que tivemos com o ambiente escolar e nas nossas conversas informais com os educadores e alunos das escolas pesquisadas, notamos a existência do problema das drogas e ao mesmo tempo o desconhecimento em relação à questão, principalmente por quem tem um papel fundamental na formação dos indivíduos: o professor.

Desta constatação e da análise da literatura científica sobre o assunto,

percebemos a necessidade da realização de um estudo qualitativo que priorizasse a busca do entendimento que esses sujeitos tem sobre o tema, tendo em vista que uma eventual intervenção preventiva não poderia prescindir de tal compreensão.

A forma como realizamos tal intento, e os resultados encontrados são agora apresentados e estão organizados em três capítulos. No capítulo introdutório, são expostos tópicos relativos a revisão bibliográfica que fundamentam a compreensão do assunto e, no que tange a educação, optamos por aprofundar um pouco mais nosso entendimento a respeito da realidade escolar para podermos entender melhor o sistema educacional, bem como os sujeitos que estão nele envolvidos e que são alvo de nossa pesquisa. Em seguida são expostas algumas considerações sobre a adolescência e as características sociais e psicológicas desta fase, sua relação com o uso de drogas e também são apresentados dados epidemiológicos que possibilitam dimensionar a prevalência do consumo de drogas entre os alunos, incluindo nosso estudo anterior, que fez parte da amostra também a escola, alvo da presente investigação.

Na seqüência (capítulo II) retomamos a metodologia adotada assim como seus fundamentos históricos e sua operacionalização prática. Do mesmo modo, na mesma perspectiva, são relatados os procedimentos metodológicos adotados para a seleção dos sujeitos e a coleta de dados.

No capítulo posterior (III) são apresentados e discutidos os resultados do estudo com a percepção em relação drogas, por parte de professores e alunos, que é o tema central do trabalho. Ainda são analisados, divididos em categorias e subcategorias, tópicos referentes às drogas na sociedade, na escola, conhecimento sobre as drogas e

o usuário, atitudes frente ao consumo, prevenção e a melhor forma de realizá-la segundo a ótica dos participantes.

Nas considerações finais são apresentadas algumas reflexões sobre os resultados encontrados e sua implicação para o aprofundar o conhecimento sobre o assunto.

## **CAPÍTULO I**

---

# **O CONSUMO DE DROGAS NO CONTEXTO ESCOLAR E SOCIAL**

## 1.1 Educação Escolar

A educação escolar é um fenômeno social que está vinculado ao contexto cultural e político da sociedade da qual faz parte. Para Libâneo (1994), ela “constitui-se num sistema de instrução e ensino com propósitos intencionais, práticas sistematizadas e alto grau de organização, ligado intimamente as demais práticas sociais”.

O processo educativo que se desenvolve na escola pela instrução e pelo ensino consiste na assimilação de conhecimentos e experiências acumulados pelas gerações anteriores no decurso do desenvolvimento histórico-social. É através da educação que as novas gerações recebem os valores sociais e culturais do país onde vivem.

Dessa forma a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da sociedade e também na formação individual de cada um de seus membros. Ao possibilitar aos alunos os conhecimentos culturais e científicos, a escola socializa o saber e capacita os cidadãos contribuindo para a democratização social e política da sociedade.

A educação tradicional tem um caráter relativamente conservador, ignorando seu papel sócio-político e está mais preocupada com questões de como fazer, não questionando as relações entre conhecimento e poder, ou entre cultura e política. Está estritamente atenta aos objetivos imediatos, princípios de aprendizagens que tratam o conhecimento como algo a ser consumido, tornando as escolas, locais meramente instrucionais e os professores meros transmissores de informações (GIROUX, 1997).

A educação brasileira atual passa por um período de transformações e mudanças, fruto de um processo natural de desenvolvimento da sociedade com a globalização e a informatização crescente e, por outro lado, o estabelecimento, na

última constituição, do ensino básico como direito fundamental do indivíduo e dever do Estado.

O estabelecimento da educação como um direito de todos os brasileiros, fez com que o número de crianças e adolescentes, na escola pública, aumentasse consideravelmente, assim como mudou o perfil dos alunos, muitos vindos das classes mais desfavorecidas da população, que antes estavam excluídos do sistema educacional.

Mas este salto quantitativo não foi acompanhado por um avanço qualitativo, com a capacitação profissional dos educadores e mais investimentos na infra estrutura do ensino, tanto na estrutura física, materiais, equipamentos e prédios, como nos fundamentos pedagógicos, com métodos e técnicas de ensino apropriados para a nova realidade. A prova disso é o grande número de alunos que chegam às séries finais, sem saber ler e escrever corretamente, e outros que abandonam a escola antes de concluí-la.

Isso demonstra que tanto a instituição escolar quanto os professores estão tendo dificuldades em se adaptar a esta nova realidade e despreparados para lidar com o novo perfil da clientela. A crise que a educação atravessa é um reflexo da crise da sociedade como um todo, que atinge todas as instâncias sociais. Como uma instituição social, a escola acaba refletindo esses problemas existentes na sociedade e tem que sobreviver dentro de um contexto, vivenciando em seu interior, as suas próprias atribuições, assim como outras que lhe são impostas pelo momento atual como a violência, desemprego, doenças e drogadição.

Aliado aos problemas externos que afetam a escola, existem aqueles que são criados no seu interior, uma vez que também é um sistema micro social que produz exclusão, repressão e preconceitos e demais fenômenos das relações pessoais e institucionais. Nesse sentido um ambiente de ensino ineficaz além de não cumprir sua função de educar pode ainda produzir indivíduos com problemas de se integrar na vida social, devido aos efeitos nocivos de práticas normatizadoras e rotulativas.

Dessa forma, escola que no começo do século XX era destinada à uma elite, apesar das transformações ocorridas, ainda hoje continua excluindo, só mudando a forma e as estratégias de exclusão, que se tornaram bem mais sutis e se efetivam, através de um ensino inócuo e desestimulante provocando o desinteresse e a evasão de muitos alunos (AQUINO, 1996).

As explicações para o fracasso escolar e as dificuldades na aprendizagem dos alunos das classes populares foram mudando no decorrer da história, segundo Patto (1992), mas, quase sempre, situando as causas dessas dificuldades no próprio aluno e seus familiares ou nas carências do ambiente onde ele está inserido.

Inicialmente essas explicações eram de cunho racista e médico. A partir dos anos trinta, até meados dos anos setenta, elas passaram a ser de natureza biopsicológica: problemas físicos e sensoriais, intelectuais e neurológicos, emocionais e de ajustamento. Nos primeiros anos da década de setenta, até os dias atuais, passa a predominar a chamada teoria da *carência cultural*, nos termos em que foi gerada nos EUA, e que influencia as práticas educacionais até os dias atuais.

A teoria da *carência cultural* foi elaborada e disseminada pela classe dominante, em consonância com seus interesses e foi na época, validada pela Psicologia e obteve

boa receptividade entre os educadores. Ela afirma que o ambiente familiar, na pobreza, é deficiente de estímulos sensoriais, de interações verbais, de contatos afetivos entre pais e filhos, de interesses dos adultos pelo destino das crianças, num visível desconhecimento da complexidade e das nuances da vida que se desenrola nas casas dos bairros mais pobres (PATTO, 1984).

Apesar de as pesquisas mostrarem a ineficácia de tais teorias para explicar os problemas escolares, elas ainda permeiam a prática educacional das escolas, e só serão definitivamente banidas do sistema escolar “a partir do conhecimento dos mecanismos escolares realmente produtores de dificuldades de aprendizagem” (PATTO, 1996).

Mesmo que, eventualmente, determinado aluno tenha alguma dificuldade de aprendizagem motivada por razões individuais ou pessoais, as causas dos problemas do ensino devem ser analisadas tendo em vista o contexto sócio-histórico da instituição escolar, bem como a fundamentação ideológica das práticas de ensino ali adotadas que muitas vezes não permitem que os alunos tenham acesso ao saber.

Tendo em vista o importante papel da escola como formadora dos jovens, torna-se assim um local apropriado para a realização de uma educação preventiva em relação às drogas. Para tanto é preciso analisar como as drogas estão inseridas neste contexto e a compreensão que os professores e alunos tem desse fenômeno.

## 1.2 As drogas psicoativas<sup>1</sup>

São consideradas drogas psicoativas toda substância que atua sobre o sistema nervoso central do ser humano, modificando seu comportamento psicológico e algumas funções biológicas. No entanto, seus efeitos devem ser considerados tendo em vista três fatores: a substância, o indivíduo e o meio social onde vive, ou seja, a mesma substância pode causar reações adversas em cada indivíduo, em diferentes ambientes ou contextos sociais (BUCHER, 1992).

Com base nos efeitos causados no organismo, as drogas lícitas e ilícitas são classificadas como depressoras, estimulantes e alucinógenas. Os principais tipos de cada categoria e formas de consumo são apresentados a seguir.

As depressoras são aquelas que inibem o funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC) diminuindo a atividade cerebral. As mais conhecidas são: álcool, barbitúricos (Gardenal, Pentotal), benzodiazepínicos (Diazepan, Valium, Lorax e Lexotan), opióides (xaropes com codeína) e solventes ou inalantes (cola de sapateiro, acetona, lança-perfume, “cheirinho da loló”, removedores e éter), heroína e morfina.

Os estimulantes agem aumentando a atividade do cérebro e nesta categoria estão o tabaco (cigarro), anfetaminas (“bolinha” ou “rebite”), que são os remédios para emagrecer (Moderex, Inibex, Hipofagin), cocaína (crack, merla e “mesclado”) e a mescalina (cacto mexicano).

---

<sup>1</sup> Será usado o termo drogas psicoativas, como sinônimo para drogas psicotrópicas ou simplesmente drogas, incluindo tanto as substâncias lícitas (álcool, tabaco e medicamentos.) como as ilícitas (cocaína, maconha, etc.).

Já as alucinógenas provocam perturbações no SNC sem deprimir ou estimular, provocando mudanças na percepção sensorial, nos sentimentos e pensamentos, causando alucinações.

Algumas dessas substâncias são extraídas de plantas como a maconha (*cannabis sativa*), haxixe, chá de lírio, cogumelos, santo daime e outras são fabricadas em laboratórios, designadas como drogas sintéticas: ecstasy, speed, ice e LSD (ácido), e os anticolinérgicos (Artane, Bentyl e Akineton). Já os orexígenos são remédios para estimular a apetite, Periatin, Apetivit, Periavida, etc.

Apesar de o consumo dessas substâncias estar em evidência na atualidade, em todas as épocas e em diferentes culturas sempre ocorreu o uso de drogas psicoativas, seja de origem vegetal ou química, às vezes em rituais religiosos, outras como remédio para aliviar a fome, a fadiga e toda espécie de sofrimento humano.

Segundo Bucher (1996), o homem desde sempre tenta modificar suas percepções e sensações, bem como a relação consigo mesmo e com seus meios naturais e sociais. Recorrer a drogas psicoativas representa uma das inúmeras maneiras de atingir estes objetivos, presentes na história de todos os povos, no mundo inteiro. No entanto a classificação de uma substância específica como “droga” tem diferentes conotações, de acordo com as práticas sociais e as ideologias predominantes em diferentes momentos históricos de uma sociedade ou país.

Os critérios de proibição ou liberação são, portanto, socialmente construídos, e dependem do contexto sociocultural e histórico. No Brasil, por exemplo, as drogas que causam proporcionalmente mais danos e atingem um maior número de pessoas têm seu consumo liberado e até incentivado pela mídia – o álcool e o tabaco. Outras como

os solventes e os medicamentos são muito consumidos sem que haja um devido controle de sua comercialização pelos órgãos competentes.

Neste sentido, as substâncias psicoativas não devem ser analisadas e combatidas tendo como fundamento a dicotomia legais/ilegais, mas sim tendo em vista os danos causados à saúde e qualidade de vida das pessoas, sem nenhum tipo de estereótipo social ou preconceito moral ou ideológico, sendo este o objetivo do conhecimento científico sobre o assunto. Como o primeiro contato e experiências com o uso de drogas geralmente acontece no início da adolescência e para que se possa ter uma melhor compreensão da forma que isso ocorre, serão descritas a seguir algumas considerações sobre esse período do desenvolvimento humano.

### **1.3 Adolescência**

A adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano, caracterizada por transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais que são fundamentais para a estruturação final da personalidade. As características físicas e biológicas são designadas como puberdade e ocorrem por volta dos 12 aos 15 anos de idade. Nem sempre, porém, o início da adolescência coincide com a puberdade que pode precedê-la ou sucedê-la.

A puberdade pode ser determinada cronologicamente e possui poucas diferenças de um indivíduo para outro enquanto a adolescência, por ser marcada por processos psicológicos e socioculturais, pode variar muito, tanto na idade quanto no comportamento, dependendo de ocorrências internas e do meio onde o sujeito está inserido (OSÓRIO,1992).

Para KNOBEL (1986), os processos ocorridos nesta fase do desenvolvimento podem ser designadas como uma *síndrome normal da adolescência* cujas características são : 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a homossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversas intensidades; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, típicas desse período; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

No aspecto psicológico o principal desafio do adolescente é a conquista de sua identidade pessoal, ou seja, a consciência que tem de si mesmo. Para tanto é muito comum a formação de grupos nessa fase, que se deve a necessidade de socialização e independência pessoal. "Os grupos de jovens têm uma função importante de pólo identificatório, condensando as identificações fragmentadas e dispersas através da coesão afetiva da convivência grupal" (BUCHER, 1992 p.33).

Para SALLES (1998), é nesse período que o jovem se afasta da família para conseguir sua independência pessoal. Isso faz com que ele busque estabelecer relações com pessoas da mesma idade e esse contato com pessoas diferentes de seus familiares possibilita uma revisão nos valores e educação que recebeu em casa, o que pode ocorrer de forma contestatória e rebelde.

Muitas vezes a sociedade tende a considerar a adolescência meramente como uma transição da infância para a idade adulta. Designar uma pessoa como adolescente, às vezes, é uma forma encontrada pelos adultos para não ouvirem o jovem em suas opiniões e contestações. Geralmente a família e a escola encaram a adolescência somente como um período de preparação para a maturidade. Dessa forma a eles tudo é permitido ou negado como se não tivessem ainda preparados para tomar qualquer decisão e participar da sociedade como cidadãos.

No nosso país as crianças e adolescentes só passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direito após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990 (BRASIL,1991), que pode ser considerado um avanço no sentido de assegurar seus direitos e servir de parâmetro para a elaboração de políticas públicas para essa faixa etária (SOARES; SALVETTI; ÁVILA, 2003).

Devido às peculiares características dessa fase da vida, é preciso que a sociedade se empenhe em fornecer as condições adequadas para que o jovem tenha um desenvolvimento saudável e, para tanto, é essencial conhecer sua realidade e sua forma de pensar e agir.

#### **1.4 O uso de drogas na adolescência**

O consumo de drogas acentua-se em uma época em que o consumismo e o materialismo imperam na sociedade, onde o neoliberalismo econômico atribui ao próprio indivíduo as razões de seu sucesso ou fracasso, postergando para um segundo plano as soluções coletivas e éticas para os problemas sociais.

As desigualdades sociais e as dificuldades econômicas submetem grande parte da população à marginalidade social, afetando principalmente os mais jovens que ficam sem perspectiva de futuro e sem as mínimas condições para uma vida saudável com saúde, educação e lazer. Assim sendo, o adolescente carente está mais exposto ao fenômeno das drogas – não só ao consumo mas também ao tráfico – à violência e à desestruturação familiar (MINAYO; DESLANDES, 1998).

Muitas indagações são feitas no sentido de buscar os motivos que leva um adolescente a consumir drogas psicoativas embora os estudos demonstrem que não há um fator único e preponderante e sim vários fatores interrelacionados. Esses fatores podem ser de ordem social, econômica, psicológica e cultural, dependendo do ambiente onde o indivíduo estiver inserido (BUCHER, 1992).

A Organização Mundial da Saúde considera mais propensa ao uso de drogas a pessoa: a) sem informações adequadas sobre as drogas e seus efeitos; b) com uma saúde deficiente; c) insatisfeita com sua qualidade de vida; d) com personalidade vulnerável ou mal integrada; e) com fácil acesso às drogas (GALDURÓZ; NOTO; CARLINI, 1997).

Seriam esses os principais fatores de risco mas, por outro lado, existem os fatores protetores que merecem uma especial atenção na fundamentação de ações que visem a prevenção ao uso de drogas.

Em um estudo qualitativo, realizado por SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, (2004), envolvendo 62 jovens de 16 a 24 anos de idade de classe social baixa, usuários e não usuários de drogas foram citados como fatores protetores: a família, religiosidade, informação, perspectiva de futuro, personalidade/consciência, medo e amor próprio.

Esses fatores foram considerados relevantes tanto pelo grupo de usuário quanto de não usuário na mesma proporção de importância.

O pesquisador norte-americano J. D. HAWKINS (1992), fez o mais completo levantamento sobre o assunto, com base em um amplo banco de dados epidemiológicos, apontou os principais fatores de risco e proteção para o consumo de drogas, elencados a seguir.

### **FATORES DE RISCO**

#### **Pessoais – primeira infância**

- histórico familiar de consumo de drogas ou doenças mentais;
- carência de vínculo com a mãe;
- carência de monitoramento familiar;
- graves conflitos familiares;
- predisposição fisiológica (genética ou bioquímica);
- rejeição pelos colegas.

#### **Pessoais – segunda infância/adolescência**

- manifestações precoces de comportamento anti-social e agressivo;
- insucesso na escola;
- fraca ligação com a escola;
- atitudes positivas em relação ao uso de drogas;
- alienação ou rebeldia;
- associação com colegas usuários de drogas;
- uso precoce de drogas.

#### **Ambientais**

- privação econômica e social;
- disponibilidade de drogas;

- escasso vínculo com a vizinhança/comunidade desorganizada;
- difíceis transições (de vida);
- normas comunitárias favoráveis ao consumo de drogas.

### **FATORES DE PROTEÇÃO**

#### **Pessoais primeira infância**

- relação calorosa com a mãe;
- estabilidade psicológica da mãe;
- bom gerenciamento familiar;
- bom temperamento/ estabilidade emocional;
- evitar situações de perigo;
- bons modelos parentais

#### **Pessoais segunda infância/adolescência**

- realizações acadêmicas;
- boas relações com os colegas;
- envolvimento em atividades comunitárias e sociais;
- estrutura familiar recompensadora;
- monitoramento parental;
- envolvimento parental de qualidade com as atividades da criança;
- regras parentais claras relacionadas ao uso de cigarro, álcool e outras drogas;
- fortes vínculos escolares;
- fortes vínculos com colegas.

#### **Ambientais**

- limitação das possibilidades de acesso ao álcool, cigarro e outras drogas; (Apud SLOBODA, 2004, p. 107),

Um ou mais desses fatores acima especificados podem ser determinantes para que o indivíduo venha a experimentar e eventualmente tornar-se dependente de uma

droga, sem ser possível determinar uma variável *a priori*, como causa única para tal comportamento.

Neste sentido uma educação preventiva deveria ter por objetivo reforçar os fatores predisponentes ao uso de drogas e tentar evitar os fatores de risco e tal estratégia deveria ser posta em prática desde a mais tenra idade, assim que a criança entrasse na escola, com programas específicos para cada grupo ou faixa etária.

### **1.5 Epidemiologia do consumo de drogas entre estudantes brasileiros**

O consumo de drogas é um fenômeno que está presente em nossa sociedade há muito tempo ainda que nem sempre a população e até a mesmo a imprensa tenha uma idéia adequada sobre o assunto (NOTO et al., 2003). Geralmente as pessoas têm uma percepção distorcida dos fatos que muitas vezes não correspondem à realidade (CARLINI et al., 2001).

Os levantamentos epidemiológicos tornam-se importantes por fornecer dados objetivos para dimensionar de uma maneira mais detalhada e isento de julgamentos de valor o consumo de drogas. Determinam, por exemplo, a quantidade e a freqüência do consumo, diferenciando o uso esporádico, freqüente da dependência, o tipo de droga preferida por determinada faixa etária, sexo ou segmento social e a prevalência do uso entre a população estudada.

O primeiro levantamento domiciliar para verificar a prevalência do uso de drogas na população em geral, incluindo os adultos, só recentemente foi realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) em 2001. Participaram do estudo 8.589 sujeitos de 12 à 65 anos de idade distribuídos nas 107 maiores

idades brasileiras. O *uso na vida*<sup>2</sup> de drogas, exceto álcool e tabaco, foi de 19,4%, sendo as drogas mais consumidas o álcool (68,7%), tabaco (41,1%), maconha (6,9%), solventes (5,8%), orexígenos (4,3%), benzodiazepínicos (3,3%) e cocaína (2,3%) (CARLINI et al., 2001).

Para determinar a prevalência e o padrão de consumo das diversas substâncias entre os adolescentes o local preferido pelos pesquisadores é a escola, tanto pela facilidade de obtenção das amostras quanto por ser o local ideal para realizações de ações preventivas (SOARE; JACOBI, 2000; CARLINI-COTRIM, 1998; BUCHER, 1996).

Quanto ao uso de drogas entre alunos, o mais recente e completo levantamento conduzido pelos pesquisadores do CEBRID em 2004, com 48.155 estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas de 27 capitais brasileiras, constatou que o índice médio para o *uso na vida* de drogas, foi: álcool (65,2%), tabaco (24,9%), solventes (15,5%), maconha (5,9%), ansiolítico (4,1%), anfetamínicos (3,7%), cocaína (2,0)% e anticolinérgicos (1,2%). O índice total de experimentação pelos estudantes, exceto álcool e tabaco foi de 22,6%.

Também foi constatado que a primeira experiência é cada vez mais precoce: 12,6% dos alunos de 10-12 anos já fizeram uso na vida de alguma droga psicoativa, exceto álcool e tabaco e 41,2% declararam ter experimentado bebidas alcólicas (GALDURÓZ et al. 2005).

---

<sup>2</sup> Critério de classificação de usuários criado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que possui 5 categorias: **Uso na vida**: quando a pessoa utilizou qualquer droga psicoativa pelo menos uma vez na vida; **uso no ano**, utilizou drogas nos últimos doze meses anteriores à pesquisa; **uso no mês**, consumiu drogas nos últimos trinta dias; **uso freqüente** utilizou drogas seis ou mais vezes nos últimos trinta dias e **uso pesado** utilizou drogas vinte ou mais vezes no mês antecedente.

Em uma pesquisa realizada, na cidade de Assis-SP, (KAPPANN et al., 2004), com a mesma metodologia, constatou-se que os índices de consumo para as drogas mais experimentadas, por ambos os sexos foram: álcool (68,9%), tabaco (22,7%), solventes (10,1%), maconha (6,6%), ansiolíticos (3,8%), anfetamínicos (2,6%), cocaína (1,6%) e anticolinérgicos (1,0%).

Tendo em vista que a escola onde foi realizado o presente estudo também constituiu a amostra da pesquisa realizada na cidade de Assis, reproduzimos a seguir uma tabela, para uma visão geral das drogas mais consumidas de acordo com o sexo e a idade.

**Tabela 1. Uso na vida de drogas psicoativas por 2.123 estudantes do ensino fundamental e médio das redes pública e privada de Assis, em porcentagem levando-se em conta sexo, idade e as diferentes drogas individualmente.**

Drogas	Sexo (%)			Idade/anos (%)				
	M	F	NI***	10-12	13-15	16-18	>18	NI***
Maconha	8,7	4,8*	4,3	0,7	4,8	11,8	21,3	10,4
Cocaína	2,5	0,9*	1,1	0,2	1,0	2,5	9,6	2,1
Anfetamínicos	1,8	3,5*	1,1	0,9	2,9	3,4	5,3	2,1
Solventes	12,6	7,9*	6,4	7,1	10,0	12,4	10,6	14,6
Ansiolíticos	2,8	4,9*	1,1	0,5	2,9	7,1	8,5	4,2
Anticolinérgicos	1,4	0,7	1,1	-	1,6	0,8	4,3	2,1
Barbitúricos	0,4	0,6	1,1	0,2	0,4	0,9	1,1	-
Opiáceos	0,6	0,3	-	-	0,8	0,3	1,1	-
Xaropes	0,9	0,4	1,1	0,2	1,3	0,5	-	-
Alucinógenos	0,7	0,3	-	-	0,9	0,3	1,1	-
Orexígenos	0,4	0,1	-	-	0,3	0,3	-	-
<b>Total de Usuários**</b>	<b>19,7</b>	<b>16,0*</b>	<b>10,6</b>	<b>9,0</b>	<b>15,8</b>	<b>24,6</b>	<b>33,0</b>	<b>20,8</b>
Tabaco	23,1	22,7	19,1	5,4	21,6	36,6	43,6	25,0
Álcool	70,7	68,4	55,3	43,7	73,8	84,6	83,0	62,5

Fonte: Revista de Saúde Pública, 2004;38(1):130-2.

\* Diferença estatisticamente significativa entre os sexos, Teste Qui-quadrado,  $p < 0.05$ .

\*\* Exceto tabaco e álcool. \*\*\* Não informados.

Dados semelhantes foram encontrados em levantamento epidemiológico realizado com estudantes da rede pública e privada de Ourinhos-SP, cidade do mesmo porte de Assis, corroborando os resultados acima (KAPPANN; GUIMARÃES, 2002).

Em uma análise geral sobre os dados de estudos brasileiros disponíveis, pode-se constatar que há convergência para muitos resultados, considerados consistentes, obtidos através de outros levantamentos realizados por diferentes pesquisadores com amostras de alunos adolescentes: (GALDURÓZ et al., 2005; KAPPANN et al., 2004; SOLDERA et al., 2004; BAUS et al., 2002; KAPPANN; GUIMARÃES 2002; QUEIRÓZ et al., 2001; TAVARES et al., 2001; CARLINI-COTRIM et al., 2000; SOUZA; MARTINS, 1998; GALDURÓZ et al., 1997; MUZA et al., 1997a; MUZA et al., 1997b; BUCHER, 1992; GODOI et al., 1991).

- O sexo masculino usa mais drogas ilícitas e o feminino mais drogas lícitas, principalmente medicamentos;
- Tendência de alta no uso de drogas entre as meninas, que tradicionalmente usavam menos que os meninos;
- Associação entre o consumo de drogas e baixo rendimento escolar;
- Associação entre uso de drogas e classe econômica de maior poder aquisitivo;
- Uso maior de drogas na rede privada de ensino comparada à rede pública;

O álcool e o tabaco são as duas drogas mais experimentadas e mais freqüentemente consumidas de acordo com todas as pesquisas analisadas. Em um estudo qualitativo realizado com usuários de *crack*, essas drogas foram apontadas como as primeiras por eles consumidas, corroborando assim esses achados

demonstrando que o consumo de drogas inicia-se pelas drogas lícitas (SANCHEZ; NAPPO, 2002).

Em relação ao alcoolismo no ambiente escolar, uma pesquisa implementada entre alunos de escolas públicas de Cuiabá-MT, detectou uma prevalência de 13,4% de adolescentes alcoolista e a associação positiva maior para os que trabalhavam e também para o sexo masculino (SOUZA et al.,2005).

### **1.6 Relevância do presente estudo**

Os dados epidemiológicos sobre o consumo de substâncias psicoativas, indicam que o começo do uso ocorre no final da infância e no início da adolescência, época em que a quase totalidade dos indivíduos dessa faixa etária estão freqüentando uma escola, o que faz dessa instituição o lugar ideal para realização de políticas públicas voltadas à educação preventiva.

Por outro lado, na complexa questão do consumo abusivo de drogas, já é consenso entre os especialistas no assunto, que a melhor forma de enfrentar o problema é através da prevenção. Tal procedimento porém, não deve ser realizada de modo aleatório e amadorístico com base em suposições ou preferências pessoais, sob pena de não surtir qualquer efeito e, além de sua ineficácia, pode ainda causar o efeito contrário. É preciso ter um conhecimento específico das dimensões socioculturais e psicológicas da população alvo, para a obtenção dos resultados almejados.

O contato tido com ambiente escolar em trabalhos anteriores possibilitou perceber, nos relatos e solicitações informais de professores e alunos, de um lado a incapacidade da instituição e despreparo dos professores, de outro a divergência de

concepções e atitudes de ambas as partes no que concerne a questão das drogas.

Dessa forma, ações preventivas eficazes ficam comprometidas, uma vez que,

As estratégias preventivas devem ser desenhadas no sentido de que se atue a partir das interações sociais e formas de socialização que acontecem a partir do entorno social mais próximo e que são reconhecidas e valorizadas pelos adolescentes. É preciso, portanto conhecer essas realidades específicas... É preciso, ainda, estar atento aos mecanismos pelos quais os significados são construídos no curso das interações sociais. Tais mecanismos envolvem subjetividades capazes de mobilizar afetivamente os jovens para compreender, não só racionalmente, mas também emocionalmente, e aprender a viver sem se prejudicar (SOARES; JACOBI, 2000, p.223).

Para que isso ocorra, tendo em conta a complexidade inerente à questão das drogas, cabe à ciência, fornecer subsídios através de estudos direcionados à análise das múltiplas dimensões do uso de drogas em diferentes locais, principalmente no âmbito escolar. Porém, os estudos qualitativos que permitem melhor compreensão do fenômeno e da subjetividade das pessoas envolvidas, ainda são relativamente escassos.

Devido à escassez de pesquisas qualitativas relativos a esta problemática no ambiente escolar (SLOBODA, 2003; BUCHER,1992; CARLINI-COTRIM;PINSKY,1989), acreditamos que o presente trabalho poderá fornecer importantes subsídios para entendermos que tipo de percepção esses sujeitos tem a respeito das drogas, o que vai ao encontro à necessidade de fundamentação teórica consistente para a difícil tarefa de prevenir o consumo de drogas psicoativas na sociedade.

No capítulo seguinte será descrita a forma com que foi realizada a pesquisa e a fundamentação metodológica adotada.

## **CAPÍTULO II**

---

### **A PESQUISA**

## **2.1 Objetivo**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a percepção de alunos e professores do ensino fundamental em relação às drogas psicoativas e compreender eventuais diferenças ou similaridade de opiniões e concepções entre esses dois grupos, que convivem em um mesmo ambiente. Também visamos analisar a forma com que os participantes percebem, compreendem e reagem ao fenômeno do consumo de drogas no ambiente escolar em todas as suas dimensões e fatores, evidenciando assim, subsídios que possibilitem à fundamentação da prevenção com base no conhecimento de quem eventualmente a efetuará, os educadores, bem como seus destinatários, os alunos.

## **2.2 Escolha do método: a pesquisa qualitativa.**

A discussão quanto à metodologia mais adequada para estudar determinado fenômeno está longe de ser conclusiva, porém ela é necessária e útil, sobretudo, para deixar claro ao pesquisador os limites e alcance do seu método de pesquisa.

Por outro lado a metodologia não deve ser entendida somente como um conjunto de técnicas utilizadas pelo pesquisador para captar a realidade sem considerar a interação deste com o objeto conhecido.

Para FRANCO, a metodologia

quando associada à epistemologia do conhecimento, numa perspectiva histórica e crítica, pressupõe um processo de construção que leva em conta a

apreensão da realidade como um momento indissociável da intenção prática do sujeito ao apreendê-la (FRANCO, 1988, p.76).

Com o avanço da Ciência os pesquisadores procuraram o método mais apropriado para o estudo das ciências sociais. Inicialmente utilizaram a mesma metodologia aplicada às ciências naturais, que possui três características básicas: defende o dualismo epistemológico, ou seja, a separação radical entre sujeito e o objeto do conhecimento; vê a ciência social como neutra ou livre de valores e considera que o objetivo das ciências sociais é encontrar regularidade e relações entre os fenômenos sociais (SANTOS, 1995).

A partir da metade do século XIX os cientistas sociais começaram a formular críticas a essa forma positivista de entender o ser humano, que tende a valorizar em demasia o seu lado biológico e social e desconsiderar a dimensão de sua liberdade e individualidade.

Um dos primeiros críticos da utilização do positivismo nas ciências sociais e culturais foi DILTHEY, que afirmou,

O objeto das ciências culturais refere-se aos produtos da mente humana que estão intimamente conectados com as mente humanas, incluindo sua subjetividade, emoções e valores. Ele concluía que a sociedade é o resultado da intenção humana consciente e que as inter-relações entre o objeto pesquisado e o investigador são inseparáveis. Não há uma realidade objetiva como tal, no contexto da realidade humana; portanto, não há forma de se distanciar dos eventos da vida, para com isso, descrever o que significam (Apud SANTOS, 1995 p. 25).

A escolha de uma abordagem quantitativa ou qualitativa não se resume a mera opção por um método, mas se dá mais em razão da natureza do problema e o nível de aprofundamento que pretende-se chegar.

A pesquisa quantitativa é aquela associada à necessidade de obtenção de precisão numérica, descrevendo variáveis quanto suas tendências centrais ou de dispersão e a possibilidade de generalizações (RICHARDSON et al.,1999). Um exemplo típico de tal metodologia seria as pesquisas para a quantificação do consumo de drogas (GALDURÓZ et al.,1997; KAPPANN et al., 2004).

A pesquisa qualitativa não visa a mensuração de fenômenos, mas sim procura entendê-los em profundidade. Visa descrever e analisar a cultura, o comportamento, valores e atitudes , a partir da visão que o próprio investigado tem do assunto.

A principal vantagem desta metodologia é permitir que o investigador obtenha informações sobre o fenômeno a ser estudado diretamente dos participantes, ou seja, da fonte estudada (PATTON, 1990).

Há determinados fenômenos que devido à sua complexidade não podem ser quantificados e só um estudo qualitativo fornecerá um resultado satisfatório. Para RICHARDSON,

os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON et al., 1999, p.80).

A pesquisa qualitativa produz dados descritivos fornecidos de forma escrita ou falada pela população amostral e pelo comportamento observado dentro deste grupo pelo pesquisador. Permite, essencialmente, a investigação de comportamentos, sentimentos e opiniões. A população investigada é observada como um todo e não

reduzida a variáveis dentro de um conjunto, onde o foco principal é a vivência que ela tem do fenômeno estudado e as aquisições de conhecimentos diários frente ao “foco-problema”.

Para proceder-se à investigação dos dados coletados em estudos qualitativos, uma das técnicas mais apropriadas é a análise de conteúdo conforme descrevemos a seguir.

### **2.3 Análise de conteúdo**

A análise de conteúdo teve seu nascimento e sistematização realizada nos Estados Unidos no início do século. Porém a hermenêutica, a arte de interpretar textos sagrados e misteriosos, é uma prática muito antiga, e era utilizada para exegese bíblica e interpretações dos sonhos.

Segundo BARDIN (1977), o primeiro trabalho que utilizou a análise de conteúdo foi um estudo feito na Suécia em 1640 que analisou a autenticidade e possíveis efeitos sobre os luteranos de 90 hinos religiosos e foi efetuada uma análise dos diferentes temas religiosos, seus valores e modalidades de aparição (favorável ou desfavorável), bem como de sua complexidade estilística.

No início do século XX diferentes pesquisadores propagaram o uso da análise de conteúdo. Neste período os estudos eram essencialmente quantitativos sendo muito usados pela Escola de Jornalismo da Universidade de Colúmbia. Era uma tentativa de aplicar às ciências humanas a mesma objetividade positivista das ciências exatas, devido a forte influência do Behaviorismo sobre o conhecimento científico neste período, principalmente nos EUA. Harold Laswell é considerado o primeiro autor a usar

a análise de conteúdo de forma sistemática. Ele estudou a imprensa e a propaganda nos anos de 1915 durante o período da primeira Guerra Mundial (RICHARDSON et al., 1999).

Nos anos de 1940-50 cientistas políticos americanos, estimulados pelo governo, usaram o método para detectar, nos jornais e periódicos suspeitos, propaganda subversiva de caráter nazista. Gradualmente seu uso foi se expandindo para outras áreas como a literatura e análise de personalidade. Destaca-se o estudo de A. Baldwin (1942), que fez uma análise das “cartas de Jenny”, num total de 167 cartas que foram enviadas por ela a outras pessoas, para determinar a personalidade dessa mulher.

A análise de conteúdo foi muito usada neste período, surgindo assim as primeiras controvérsias e necessidade de definição em termos metodológicos. Como bem definido por BERELSON (1954), “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (Apud BARDIN, 1977).

Essa definição foi posteriormente superada por ser muito limitada e só perdurou por mais tempo na França, sob a influência do estruturalismo e dos estudos lingüísticos.

Depois de um período inicial de euforia com o novo método, após a Segunda Guerra, houve um desinteresse no uso dessa metodologia como instrumento usado para o avanço do conhecimento, até mesmo por parte de seus próprios idealizadores.

Foi só na década de 1950 e, sobretudo, nos anos 60 que a análise de conteúdo ressurgiu e despertou o interesse de pesquisadores de áreas como a Antropologia, Psicologia, Psicanálise, Jornalismo e Sociologia, que contribuíram com críticas e questionamentos à sua forma de aplicação inicial.

Desenvolveram-se assim duas visões distintas, tanto no plano epistemológico quanto no metodológico. No plano epistemológico, confrontam-se duas concepções de comunicação, o modelo “instrumental”, que defende que numa comunicação o mais importante não é o conteúdo manifesto da mensagem (como defendia Berelson), mas o que ela expressa graças ao contexto e às circunstâncias em que se dá; e o modelo “representacional” que dá fundamental importância ao conteúdo lexical do discurso, defendendo a idéia de que através das palavras da mensagem podemos fazer uma boa análise de conteúdo, sem nos atermos ao contexto e ao processo histórico (MINAYO, 2000).

No plano metodológico aprofundam-se as polêmicas entre as abordagens quantitativas e qualitativas na análise do material de comunicação. Na primeira, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo, na segunda é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (BARDIN, 1977).

Os pesquisadores adeptos da metodologia qualitativa questionam a minúcia da análise da frequência como critério de objetividade e cientificidade e procuram ultrapassar a mera descrição do conteúdo manifesto da mensagem, para atingir, mediante a inferência, uma interpretação mais profunda.

Polêmicas à parte, a análise de conteúdo é um instrumento muito importante para estudar a comunicação humana e a interação entre os indivíduos. Segundo MINAYO,

todo o esforço teórico para desenvolvimento de técnicas, visa – ainda que de formas diversas e até contraditórias – a ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica frente à comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas ou observação (MINAYO, 2000 p.203).

Tendo em vista os objetivos do presente estudo e das características dos dados coletados será priorizada a análise qualitativa dos mesmos visando obter um maior aprofundamento e compreensão do fenômeno estudado.

## **2.4 Sujeitos**

### **2.4.1 Professores**

Na pesquisa qualitativa o número de participantes independe da representatividade estatística em relação ao universo dos sujeitos, ou seja, não é levado em consideração o critério numérico dos mesmos e sim que a amostra represente a totalidade do fenômeno que se pretende estudar, em suas múltiplas dimensões (CAMPOS, 2001; BIASOLI-ALVES, 1998).

O número de participantes é suficiente quando abarcar todas as variações possíveis e nenhuma nova informação for descoberta. O ponto de saturação teórica deve ser alcançado, onde as informações tornam-se redundantes (MINAYO, 2000; PATTON, 1990).

Para o presente estudo foram entrevistados 10 professores do ensino fundamental e médio, sendo que 8 entrevistas foram selecionadas para análise, número considerado satisfatório pelas informações obtidas evitando assim a redundância, uma vez que não surgiram novas informações. Devido ao baixo número de professores do

sexo masculino, e a impossibilidade de participarem, fez com que todos os sujeitos sejam do sexo feminino.

Em relação aos professores, foram escolhidos aqueles que lecionam para os alunos que participaram dos grupos focais, possibilitando assim uma análise comparativa, detectando eventuais similaridades ou diferenças na visão de ambos os grupos ou a confirmação de determinadas informações, sobre o ambiente onde convivem. Também será possível detectar eventuais influências dos educadores sobre os alunos e de como isso se reflete em sua forma de pensar e agir, bem como a maneira peculiar à cada segmento de perceber às drogas no ambiente escolar.

#### **2.4.2 Alunos**

A amostra foi constituída por 48 estudantes na faixa etária de 12 a 16 anos distribuídos em 6 grupos focais distintos, sendo 3 com alunos do sexo feminino e 3 masculino. Essa divisão entre os sexos visa, além de evitar possíveis constrangimentos e inibições, comparar as diferentes concepções, fornecendo ao mesmo tempo um eixo temático para a discussão (CARLINI-COTRIM, 1996).

A definição dessa faixa etária deve-se ao fato de as pesquisas apontarem ser esta a idade de iniciação dos alunos ao uso de drogas caracterizando o período de maior vulnerabilidade e necessidade de ter uma postura ou opinião sobre o assunto, seja devido à pressão do grupo ou sua curiosidade pessoal.

Em relação à escolha de alunos para os grupos focais, foram selecionados alunos de 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries que estivessem dentro da faixa etária dos doze aos dezesseis. A Coordenadora Pedagógica nos forneceu uma relação com o nome de

todos os alunos de todas as turmas, a partir daí foram selecionados alguns de cada turma e convidados a participar.

Os professores e alunos sujeitos da presente pesquisa, pertencem a uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada em um bairro da cidade de Assis-SP, que já participou de pesquisa sobre o consumo de drogas, que realizamos em outra oportunidade (KAPPANN et al., 2004).

## **2.5 Instrumentos utilizados para coleta de dados**

### **2.5.1 Entrevistas e questionários**

A entrevista semidirigida foi organizada com questões abertas que, teoricamente, asseguram possibilidades indefinidas de aprofundamento dos entrevistados no tema, pois permitem formular hipóteses enquanto se observa e, durante a entrevista, verificar e retificá-las no momento mesmo que ocorrem, em função da observação (BLEGER, 1998). Por estas características, a entrevista semidirigida é a mais indicada para as pesquisas exploratórias, como a presente, que estudam problemas ainda pouco conhecidos e tem por objetivo a avaliação de crenças, valores, atitudes, razões e motivos das pessoas (MINAYO, 2000; BIASOLI-ALVES, 1998).

O tema principal foi o uso de drogas e tópicos relacionados ao assunto, tais como o tipo de uso e de usuário, diferenciação das drogas lícitas e ilícitas, tabus e preconceitos existentes, violência, vício, prevenção e formas de abordar a questão com os alunos, (Apêndice 1).

A elaboração da entrevista assim como os temas e a forma de abordá-los, resultou do conhecimento teórico da literatura referente às drogas, bem como as observações realizadas na instituição, que possibilitou conhecer melhor a realidade dos sujeitos e a forma mais adequada de abordar o assunto.

A distribuição das questões baseou-se no critério de abordar inicialmente o assunto de uma forma geral para depois aprofundar-se em questões mais específicas, que são o maior objetivo deste estudo. Esta forma de realização da entrevista facilitou a abordagem do tema, uma vez que as drogas, muitas vezes, podem despertar um certo receio ou inibição devido ao seu caráter polêmico, dificultando a livre expressão dos indivíduos.

Os professores também responderam um questionário que permitiu coletar dados pessoais, tais como, formação, frequência a cursos sobre drogas e demais questões relacionadas ao assunto (Apêndice 2). Essas respostas permitiram checar em uma análise posterior com o conteúdo da entrevista, identificando a origem de determinadas concepções e eventual eficiência de cursos ou publicações a que possam ter tido acesso e eventuais informações omitidas.

As entrevistas foram realizadas nos horários do HTP<sup>3</sup>, que eles obrigatoriamente têm que cumprir na escola. Optamos por utilizar esse horário para evitar que os professores tivessem que vir especialmente para tanto. Todos manifestaram boa vontade em participar, sendo que a maior dificuldade residia na disponibilidade de tempo, principalmente em épocas de provas e fechamento de notas.

---

<sup>3</sup> O HTP, Hora de Trabalho Pedagógico, é o momento em que os professores planejam suas atividades e recebem capacitação pedagógica semanalmente.

Após agendamento, as entrevistas foram realizadas na própria escola, na sala da Coordenadora Pedagógica, previamente organizada para proporcionar a tranqüilidade necessária para a realização do trabalho.

### **2.5.2 Grupo Focal**

O Grupo Focal é uma técnica de coleta de dados utilizada em pesquisas qualitativas que procuram analisar as opiniões, crenças, percepções e atitudes dos sujeitos em relação a um assunto e suas reações frente a um grupo de pessoas (KRUEGER, 1988).

O Grupo Focal teve sua origem na técnica de entrevista em grupo. O termo grupo refere-se às questões relacionadas ao número de participantes, às sessões semi-estruturadas, a existência de um *setting* informal e à presença de um moderador que coordena e lidera as atividades e os participantes. O termo focal é designado pela proposta de coletar informações sobre um tópico específico, ou seja, direcionar o assunto a um determinado tema ou foco.

Esta técnica de coleta de dados foi estruturada inicialmente por Robert Merton e colaboradores na década de quarenta. Foi utilizada em pesquisas sociais com soldados durante a II Guerra Mundial, cujo objetivo era conhecer a eficácia do material de treinamento para as tropas e o efeito de propagandas persuasivas. Em 1952, Thompson e Demerath estudaram os fatores que influenciam a produtividade nos grupos de trabalho, ao mesmo tempo em que Paul Lazarsfeld e outros adaptaram o Grupo Focal para pesquisas em *Marketing*.

A partir da década de 1980, os grupos focais foram utilizados em estudos nas áreas de Saúde, das Ciências Sociais, Educação e Psicologia tanto como método

principal como também como fonte complementar de dados. Atualmente vem sendo muito utilizado também em pesquisas qualitativas em saúde e comportamentos de risco e na avaliação de programas de intervenção na comunidade (CARLINI-COTRIM,1996; MINAYO, 2000). Apesar de ter origem nas entrevistas grupais, no entanto cabe ressaltar algumas diferenças em relação à entrevista em grupo.

A diferença está no papel do entrevistador e no tipo de abordagem. O entrevistador grupal exerce um papel mais diretivo do grupo e, com cada membro em particular. Ao contrário, o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema. O que importa nesse caso é a produção do grupo e não de cada participante individualmente (GONDIM, 2003).

A escolha de uma técnica que permitisse analisar a percepção dos alunos adolescentes frente às drogas, em pequenos grupos é de especial relevância, uma vez que os adolescentes tendem a aderir facilmente aos grupos, fazendo do grupo seu habitat natural e seu meio de expressão (BUCHER, 1992; ZIMERMAN, 1997).

No caso específico das drogas, em que na maioria das vezes, seu consumo ocorre na companhia de outros jovens, é interessante analisar como o indivíduo se comporta frente à seus colegas da mesma faixa etária, e que, podem ter opiniões divergentes da sua, sobre o assunto.

No presente estudo os grupos foram coordenados pelo próprio pesquisador com a ajuda de um auxiliar. Os encontros ocorreram em uma sala no interior da escola

previamente preparada, e seguiram um mesmo roteiro para todos os grupos (Apêndice 3).

O local escolhido para a realização dos encontros foi uma sala de aula localizada nos fundos do prédio, onde outros alunos não tinham acesso e a movimentação externa não era percebida.

Todos os alunos convidados, não manifestaram nenhuma objeção em participar, ao contrário muitos queriam participar mais vezes, de mais grupos e discutir outros assuntos, porque “foi muito legal”, segundo eles. Nos momentos precedentes ou após as discussões as meninas, principalmente, demonstraram muitas dúvidas sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis, evidenciando uma carência de conhecimento nessa área.

Inicialmente havíamos previsto dois encontros para cada grupo, porém, após realizar o primeiro dessa forma, um pré teste, percebemos que o rendimento foi menor, então optamos por fazer somente um encontro por grupo com cerca de 1 hora e meia cada um, como estava previsto no projeto. Geralmente no segundo encontro ocorrem muitas repetições de assuntos e opiniões, pois não há mais aquela sensação de “novidade” e a tendência é não aparecer muitos dados novos. Por outro lado, pelo fato de eles já estarem mais familiarizados uns com os outros, ocorrem mais conversas paralelas que inviabilizam o debate e provoca a dispersão da atenção dos integrantes.

Cabe ressaltar que em todos os grupos não houve qualquer problema em relação à indisciplina, apatia ou desinteresse em participar.

Os alunos também responderam um questionário contendo questões pessoais e perguntas sobre participações em atividades preventivas, família e experiência pessoal

com drogas, visando assim a obtenção de um perfil completo dos sujeitos participantes (Apêndice 4)

## **2.6 Estudo observacional e inserção na instituição**

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, que requer um conhecimento mais aprofundado sobre o cotidiano dos sujeitos e o estabelecimento de uma boa relação com eles e com a instituição, foi dispensado especial atenção a esta fase da pesquisa, o que refletiu positivamente na qualidade e fidedignidade dos dados coletados.

Por outro lado o conhecimento da realidade das pessoas envolvidas possibilitou uma confrontação posterior entre o que foi dito e o que foi presenciado pelo pesquisador, tornando possível uma compreensão melhor do fenômeno, e possibilitando uma “triangulação” dos dados que forneceu maior confiabilidade através destes estudos observacionais, que foram feitos durante todo o processo desde o primeiro contato com a instituição (PATTON,1990).

## **2.7 Ética na pesquisa**

Além dos procedimentos éticos normais a qualquer pesquisa científica, alguns cuidados adicionais foram observados, devido à complexidade do tema estudado. Tanto por ser considerado um tema polêmico, cercado de tabus e preconceitos e, por outro lado, pelo fato de muitas drogas serem consideradas ilegais, e a atitude assumida por determinado aluno de se declarar usuário ou não-usuário, poderia gerar algum tipo de consequência negativas, trazendo prejuízos à sua convivência social dentro da escola.

As entrevistas e os questionários preservaram o anonimato dos sujeitos pesquisados e foi enfatizado o caráter voluntário de sua participação e o sigilo com que as respostas são apresentadas e analisadas.

Antes das entrevistas foram explicados, para os participantes, todos os procedimentos da pesquisa. Ao final, foi lido o Termo de Consentimento livre e esclarecido (Apêndice 5), previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Anexo 1), não tendo havido nenhum caso de recusa em participar ou pedido de retificação.

No capítulo seguinte, são apresentadas as transcrições de fragmentos das entrevistas e discussões dos grupos, bem como a discussão desses resultados frente à outras pesquisas e dados da literatura sobre o tema.

## **CAPÍTULO III**

---

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No presente capítulo são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa ressaltando os aspectos mais relevantes das entrevistas de professores e alunos, confrontando-os com outros estudos e dados disponíveis. As conclusões que se podem inferir, com base nos resultados, serão apresentadas nas considerações finais.

As entrevistas foram transcritas e identificadas com nomes fictícios e codificadas da seguinte forma: inicial do nome atribuído, idade e sexo. Por exemplo P31F, poderia ser Paula, 31 anos de idade do sexo feminino.

Os sujeitos foram assim denominados: M33F, P29F, C55F, A36F, S52F, J35F, M44F e D38F, para identificar as citações dos discursos na discussão dos dados.

Os seis grupos focais foram codificados, com o número do grupo e o sexo dos participantes, apresentados da seguinte forma: GF1F (grupo focal 1, feminino), GF2F, GF3M, GF4F, GF5M e GF6M.

A transcrição na íntegra das entrevistas com os educadores assim como as discussões dos grupos focais se encontram em poder do autor para eventuais consultas por pesquisadores interessados.

Os membros dos grupos não são identificados individualmente, tendo em vista que a análise dos dados obtidas através da técnica de grupos focais é realizada com a produção de todo o grupo e não de cada sujeito individualmente (CARLINI-COTRIM, 1996).

O primeiro contato com o conteúdo das entrevistas se deu na aplicação das mesmas, que foram realizadas pelo próprio pesquisador, sendo esta a *primeira leitura*

*flutuante*, seguidas por outras, até o domínio completo dos dados coletados (MINAYO, 2000; BARDIN, 1977).

Na *preparação do material* as respostas foram agrupadas por tópicos pré-estruturados pelo próprio questionário, agrupando assim todas as respostas do sujeito sobre determinado assunto em diferentes momentos da entrevista.

Após este procedimento, foram impressos relatórios com todas as respostas de cada pergunta individualmente para a elaboração das *categorias e subcategorias* e a seleção das unidades temáticas, que melhor representassem a opinião dos sujeitos. Depois de determinadas as *categorias e subcategorias* os dados foram submetidos à triangulação, ou seja à submissão a outro pesquisador para análise e a confrontação com as observações e conversas informais com os sujeitos efetuadas na instituição (PATTON, 1990).

Mesmo quando não apareceram especificamente na resposta da questão formulada, as falas dos professores foram agrupadas por *categorias temáticas*, respeitando o critério de *exclusão e exaustão*, o que permite entendermos melhor a opinião do sujeito sobre o mesmo assunto em diferentes momentos da entrevista. Para melhor visualização, são apresentadas no quadro 1 as categorias e subcategorias extraídas das entrevistas com os professores.

**Quadro 1- Categorias e subcategorias extraídas das entrevistas com professores.**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Educação escolar	Concepção de alunos
	Interesse dos alunos por assuntos extracurriculares
	Relação professor aluno
Escola	Problemas da escola
	Ensino público: problemas e soluções
Satisfação profissional	Dificuldades da profissão
Adolescência	Adolescentes e as drogas
Percepção sobre as drogas psicoativas	Drogas na sociedade
	Legalização das drogas
Prevenção	
Conhecimento em relação às drogas	Tipos de drogas
	Informações
Drogas na escola	Drogas mais usadas pelos alunos
Usuários de drogas	Motivos para o consumo de drogas
	Atitudes práticas com os alunos usuários
	Medidas tomadas pela escola
Prevenção às drogas na escola	Atividades preventivas
	Papel da escola e do professor na prevenção
	Nível de informações dos alunos sobre as drogas
Drogas e violência	

### 3.1 O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Assim como outros problemas que afligem a escola na atualidade, as drogas aparecem neste contexto, como algo que os educadores tem dificuldade de enfrentar. Reconhecem sua impotência diante desse fenômeno que causa, ao mesmo tempo,

apreensão, perplexidade e medo, sentimentos que permeiam seus discursos e comportamentos.

Pode-se constatar que o problema das drogas é tema recorrente dentro da escola, seja nos comentários dos estudantes ou nos fatos que ocorrem intra ou extra muros. Assim, os professores sentem a necessidade de saber mais sobre o assunto para poder resolver os problemas que normalmente ocorrem e também, para poder ensinar aos seus alunos.

O entendimento que eles têm sobre a questão e a forma como eles e a escola lidam com o consumo de drogas, são apresentados nas categorias e subcategorias a seguir.

### **3.1.1 Educação escolar**

Mesmo não sendo a educação o tema central do presente trabalho, foram levantados alguns dados a cerca do ambiente escolar e as relações aí estabelecidas, tendo em vista que este pode ser mais um fator ligado ao consumo de drogas e a sua prevenção, seja como um fator protetor ou mesmo um fator de risco (SLOBODA, 2004).

O assunto foi abordado inicialmente de uma forma geral, visando verificar até que ponto a questão das drogas aparecia, espontaneamente, em suas falas, somente em seguida foram questionados aspectos específicos a respeito das drogas e fatores relacionados.

#### **3.1.1.1 Concepção de aluno**

Na análise dos discursos dos professores, pode-se verificar que para a maioria deles a educação atual enfrenta inúmeros problemas, e grande parte dessas dificuldades são atribuídas as características e deficiências individuais dos alunos, transparecendo assim a teoria *carência cultural* (PATTO,1984), ainda muito presente na educação brasileira.

Por outro lado ressaltam que a situação da educação na atualidade está muito pior do que em outras épocas e já não é possível ensinar como outrora. Em raros momentos, no entanto, são questionadas as práticas institucionais ou pedagógicas da educação, bem como, o processo de ensino e aprendizagem como um trabalho profissional à ser desempenhado pelo educador.

O desinteresse e desmotivação dos alunos são temas recorrentes em suas falas, seja como causa da indisciplina, ou como fruto da decadência moral da sociedade, perda dos “valores”, desestruturação familiar e pobreza, como pode ser constatado a seguir:

*“(...)eu não tenho muito tempo de magistério, mas eu tento comparar com o tempo que eu estudava. E eu percebo que a cada dia, hoje está mais difícil de educar do que antes.” (P29F)*

*“...eles tão perdendo muito os valores, nossa não faz tanto tempo assim que eu estava estudando numa escola (...)aprendi dessa forma não sei se estou errada, mas acho que muitas coisas foram se perdendo. (...)uma continuação daquilo que já vem de casa e eles já vem com uma mentalidade totalmente distorcida, né? Já vem com grandes problemas de dentro de casa e isso reflete muito na escola então, tá complicado, tá difícil.” (M33F)*

*“Eu acho que é difícil, é complicado e às vezes eu acho que a gente não consegue. Eu me sinto muito mal, (...) é a falta de interesse. Acho que são muitos alunos aqui, principalmente à tarde, são muitos alunos que tem até... não sabem nem ler e escrever, e eles não pegam num papel, não pegam em nada, porque eles ficam pensando: “Eu acho que eu vou me queimar se mostrar que eu tenho essa dificuldade.” Então prefere*

*ficar naquela bagunça, naquela brincadeira, a não mostrar que não tem a capacidade pra aprender.”(J35F)*

*“Eles não têm objetivo, ele entra senta, ele talvez copia alguma coisa, às vezes responde alguma coisa, mas está ali por estar, está preenchendo o espaço, o tempo, muitos por pressão da família ou nem por isso só para sair de casa mesmo, ter um lugar social para freqüentar. Porque é difícil, não tem muitos espaços aqui na cidade.”(D38F)*

*“Eles têm muita dificuldade sim, eu sei às vezes eu me ponho no lugar deles várias coisas que acontecem dentro do lar pode atrapalhar o rendimento do aluno, mas parece que está muito mais além disso, parece que eles perderam a identidade, perderam o respeito, que tem valor para mim pra eles não tem valor algum, (...) o aluno quando ele passa fome em casa, quando ele é maltratado dentro de casa, ele vem para a escola a primeira coisa é comer, vem para se alimentar, né, então ele não tem cabeça, quando acontece isso, esses maus tratos e no caso, passa fome isso altera totalmente, o sistema nervoso dele, o raciocínio dele ele vai perdendo ali, então precisaria de um trabalho bem mais abrangente (M33F)*

*“Porque na verdade eles não tem vontade. Eles chegam as 7 horas da manha, e eles já tão com fome, eles não se alimentaram bem em casa.(...) Então esse desânimo esse desinteresse também é isso. Porque gente com a barriga vazia não dorme e não aprende.” (S52F)*

*“Era uma reivindicação histórica que todo filho de trabalhador, todo aluno, tivesse acesso à escola, na medida que isso aconteceu a rotina da escola também mudou, porque este aluno trás uma dificuldade de casa, de horário de aprendizagem e a escola tem que se adaptar a isso. Então educar hoje é isso, a escola dar conta dessas várias nuances que o aluno apresenta.”(M44F)*

Os professores que têm uma concepção diferente do ensino ressaltam que isso é fruto de um conhecimento pragmático adquirido no dia a dia, devido a impossibilidade de lidar com os alunos de outra forma, não se caracterizando como uma reflexão amparada em sua formação acadêmica ou em um conhecimento pedagógico consolidado e validado cientificamente, exemplificado na citação abaixo:

*“Eu acho que a educação no momento é ensinar e aprender, eu acho que o básico é isso. Porque o professor às vezes pensa que ele apenas ensina, mas nós aprendemos muito com os nossos alunos, até a forma de lidar com eles, porque cada um tem sua*

*particularidade, sua história de vida, e isso nós temos que respeitar e aprender como lidar com essa realidade deles, com a história de vida de cada um.” (C55F)*

As formas de encarar os problemas do ensino, que aparecem nos relatos dos professores é a mesma que permeia a educação há muito tempo (PATTO,1996; LIBÂNEO, 1994). Talvez, à má formulação do problema, que coloca todas as mazelas da educação no aluno, seja impeditiva para que se encontre soluções mais adequadas para os problemas existentes.

Segundo apontou um estudo da UNESCO, sobre a violência nas escolas, os alunos se reconhecem como causadores de problemas disciplinares e falta de interesse, enquanto os professores não assumem a responsabilidade pelo fracasso na aprendizagem atribuindo a culpa somente aos alunos, suas famílias e às precárias condições de trabalho (ABRAMOVAY; RUAS, 2003 p.38). Dessa forma a busca de soluções fica comprometida por falta de envolvimento e entendimento entre ambas as partes.

### **3.1.1.2 Interesse dos alunos por assuntos extracurriculares.**

Os assuntos que não fazem parte do currículo normal e mais interessam aos alunos, segundo os docentes, são questões relacionadas à sexualidade, e, em alguns momentos, aparecem perguntas sobre drogas e família. Como pode ser observado a seguir:

*“(...) sobre sexo, é o que eles mais perguntam, sobre namorar, sobre ficar, querem saber da sua vida particular sabe aquela curiosidade, é isso que eles tem perguntado no geral, às vezes sai uma pergunta sobre emprego.” (M33F)*

*“Eu percebo...muita coisa relacionada a sexo. Eles perguntam muito, questionam muito. Questões de família, eles sempre estão perguntando, não perguntando, comentando. De pai, de irmão, como é, como não é... contando. Aqui na escola eles tem uma necessidade muito grande de conversar, eu percebo.” (A36F)*

*“Eu acho que as drogas fazem parte do dia a dia dos nossos alunos. Aqui na escola por exemplo, temos muitos alunos que tem contato direto com drogas, às vezes no uso, as vezes o pai usa, mãe, o tio usa, então ele vive no meio de usuários, é uma coisa muito próxima, mais na prática do que na teoria, eles não tem muito conhecimento teórico. (...) Então eu acho que os alunos de hoje não precisam de informação, isso eles tem até em excesso, eles precisam de formação isso em relação às drogas, a convivência social, à ética e em relação a tudo.” (M44F)*

*“De 5ª até 8ª série, eles são muito interessados em sexo. Eles são mais interessados nessa parte. Porque pra eles isso é muito curioso, eles tem interesse em saber. Eles estão desabrochando, né, pra sexualidade, então eles têm muita curiosidade. Agora, da 8ª até o 3ª colegial, são assuntos diversos, inclusive em relação à droga, eles às vezes trazem um artigo, lembro uma oportunidade que eles disseram que a maconha tinha sido liberada,... eu não tinha muita experiência pra dar respostas.” (C55F)*

Este interesse espontâneo dos estudantes por questões relativas à sexualidade, que também apareceu na discussão com os alunos, é um dado importante na fundamentação e elaboração de atividades preventivas às drogas. Mostra que esse assunto não pode deixar de ser abordado, atrelado ao programa de prevenção e pode ser, inclusive, um tema que serviria de atrativo para motivar a participação dos alunos. Estas constatações reforçam a tese de que o consumo de drogas não pode ser abordado de maneira isolada de outros tópicos pertinentes aos jovens, principalmente os relacionados à qualidade de vida e saúde, incluindo a sexualidade, aspectos já ressaltado em outros estudos (SLOBODA, 2004; SOARES; JACOBI, 2000).

Outro ponto a destacar é o fato de os estudantes não manifestarem muita curiosidade relativa às drogas, que pode ser devido ao fato de não considerarem o professor como conhecedor do assunto, como os próprios docentes reconhecem, ou

então por acreditarem que já sabem o suficiente sobre o tema pelo convívio com pessoas que usam. Ambas as possibilidades causam apreensão, por ser a informação apropriada um forte fator protetor para inibir o consumo de drogas (SANCHEZ et al., 2004; SLOBODA, 2004; BUCHER, 1992).

### 3.1.1.3 Relação professor e aluno

Todos os educadores afirmaram ter uma boa relação com seus alunos, enfatizando a amizade e afetividade, embora sejam ressaltados alguns desentendimentos e enfrentamentos que ocorrem no dia a dia. Não aparece no entanto nenhuma alusão à relação pedagógica e profissional professor-aluno ficando restrita somente às relações pessoais.

*“Olha, eu sempre tive uma relação boa com meus alunos. Não vou dizer pra você que a gente nunca teve um atrito, tivemos atritos sim. E faz parte, inclusive.” (C55F)*

*“Olha, eu tento ser amiga deles... acima de tudo alguém em quem eles possam confiar e tirar dúvidas.” (M33F)*

*“Tranqüila, sem estresse... de amizade... acho que eu aprendi a ser amiga dos alunos.” (P29F)*

*“Eu tento ter uma relação de amizade, tento ajudar quando alguém me pede alguma coisa, mas não passa disso também.” (J35F)*

*“Eu procuro ter uma boa relação com eles. Eu procuro ter uma boa relação, né? Mas eu sinto que às vezes tem aluno que... sabe... que me enfrenta, entendeu?” (S52F)*

Mesmo sendo positiva, problemas em uma relação assim estabelecida, com base na afetividade, podem ser facilmente levadas para o lado pessoal despertando sentimentos e atitudes que, eventualmente, dificultam o processo de ensino e

aprendizagem, que deve ter como premissa o bom desempenho profissional, independente de quem seja o aluno atendido.

Cabe notar ainda que não são mencionados as dificuldades encontradas na relação com os alunos “problemas”, seja por indisciplina ou uso de drogas, e o medo por eles despertados que aparecem em muitos outros momentos das entrevistas e também nos grupos de alunos, mostrando que o que eles relatam é mais uma relação almejada e idealizada e que nem sempre corresponde a realidade.

### **3.1.2 Escola**

#### **3.1.2.1 Problemas da escola**

Na abordagem dos principais problemas da escola aparecem, novamente, nos discursos dos professores, questões relativas aos comportamentos dos alunos cobrando, inclusive, atitudes mais enérgicas da direção no tocante à questões disciplinares.

*“Eu acho que as crianças dessa escola não tem muito limite. Por exemplo, nas outras escolas, nós não tínhamos esse problema de criança ficar andando no corredor durante a aula (...) nessa escola, eu acho que esse é um dos problemas mais sérios.” (C55F)*

*“Muitos, muitos problemas. Olha, eu acho que o principal problema dentro dessa escola, é que você não tem respaldo da direção em relação a disciplina, principalmente.” (P29F)*

*“A questão da disciplina. É difícil, você acaba... chega um momento que com alguns alunos você acaba até cansando, porque você toma uma postura, aí às vezes não melhora, é isso que eu estou te falando, a escola é tão solidária em alguns casos, que acaba... você vê medidas extremas são tomadas, em último dos últimos casos mesmo. (...) Acho que tem certas regras que tem que ser mais rígidas.” (A36F)*

*“O principal problema, que eu já falei é a falta de interesse dos alunos, nossos alunos estão muito desinteressados, sem sonhos, mesmo aqueles que apresentam um desempenho satisfatório, que são promovidos eu vejo eles muito desestimulados.” (M44F)*

Os estudos sobre indisciplina escolar têm demonstrado que comportamento indisciplinado dos alunos pode ser uma reação à má qualidade do ensino, e a tentativa de normatização do comportamento dos estudantes por parte da instituição ou dos docentes. Enquanto os professores apontam a indisciplina como problema da escola atual, as críticas dos alunos referem-se ao sistema educacional, qualidade e conteúdo das aulas, horários e aulas monótonas e cansativas, conforme constatação de diversos estudos na área educacional (ABRAMOVAY; RUAS, 2003; AQUINO,1996; REGO,1996).

Outro problema levantados pelos professores é a falta de recursos materiais que dificulta a prática docente nas escolas públicas:

*“Eu acho que também a questão do material, eu acho que tem que ter o material, principalmente no Ensino Médio, porque a gente passa, perde o maior tempo passando aqueles textos em lousa, e você não tem jeito de trabalhar de outra forma.” (J35F)*

*“Mas tem outros problemas também. Acho que o problema de não ter uma sala de vídeo, você não tem um apoio pra usar o vídeo.” (P29F)*

*“Falta de material, porque Inglês, por exemplo, não tem dicionário pra trabalhar, nunca teve. Então, é falta de material, é falta de um lugar... se um quer passar um vídeo, o outro não pode passar, então é falta de material mesmo. Material de apoio, pra você trazer uma coisa nova, o rádio às vezes está quebrado, às vezes está trancado em um lugar que você não pode pegar.” (J35F)*

*“(...) eu ainda queria saber por que tem tanta diferença de uma escola para outra, é lógico que a clientela daqui é diferente de outras, mas digo assim em relação à material, sabe, de como é cobrado de como é feito.” (M33F)*

A carência de materiais reflete a precariedade do ensino público brasileiro e a falta de investimento em educação nos últimos anos. Por outro lado, nem sempre há administração adequada dos investimentos disponíveis, que depende também da gestão local de cada escola e da maior ou menor participação da comunidade e da atuação dos pais junto à escola exigindo a melhoria da qualidade.

### **3.1.2.2 Ensino público: problemas e soluções**

Os problemas existentes nesta escola são comuns ao ensino público de um modo geral, segundo os docentes. Além da falta de cobrança por qualidade da família e da sociedade, são apontadas a precariedade das condições de trabalho e baixos salários, assim como a formação profissional que não seria condizente com a realidade que eles se deparam ao sair da faculdade.

*“Mas o que eu percebia com ele, no caso, é que essa rotatividade de professor, professor que tira licença a torto e a direito, depois professor faltando, isso daí eu acho que tem que acabar, o professor tem que ter o compromisso de faltar somente quando for realmente necessário.” (J35F)*

*“O professor deveria ser bem remunerado, ter melhores condições de trabalho, mais tempo para estudar, mais aulas, mais tempo para buscar capacitação para saber o que fazer com esse aluno que vem para a escola e não aprende. A formação acadêmica que tivemos na Universidade é uma formação de conteúdo teórico e não ensina o que fazer com esse aluno que não quer aprender nada disso.” (M44F)*

*“(…)uma mudança dentro das Universidades que formam os professores. Porque a gente sabe que começa lá e nós sabemos que é uma mudança difícil, porque os professores que estão lá dizem que nós temos que mudar, mas eles não mudam as pessoas que estão saindo de lá.” (D38F)*

Ao analisar a qualidade do ensino público os educadores, novamente, apontam os alunos e a família como causa da baixa qualidade do ensino principalmente no que diz respeito à cobrança por resultados. Destacam inclusive, que muitos dos professores das escolas públicas também trabalham na rede privada, considerada como tendo um ensino de melhor qualidade, e isso se deve, segundo eles, à maior cobrança exercida pelos pais e pelos próprios alunos dessas escolas.

*“(...) acho que a família tinha que estar mais presente, cobrando dos professores, cobrando dos filhos, pra ficarem mais atenciosos às aulas.(...) a diferença da escola particular para a estadual está na cobrança. Porque os professores são formados nas mesmas faculdades, são amigos tem muitos amigos nossos que trabalham na escola particular, só que lá eles são mais cobrados, cobrados de alunos, cobrados de pais.” (C55F)*

*“O mais grave é isso, a falta de interesse, soma-se a isso os problemas sociais que a gente tem, né? É tudo reflexo dessa falta de interesse de sonhos...” (M44F)*

*“A questão da falta de atenção, a questão do desinteresse, principalmente. Então, são problemas que não é só daqui da escola, não é só da cidade, é da região e talvez até do país inteiro.” (A36F)*

Transparece assim nestes discursos, uma clara incompatibilidade entre o aluno “ideal” imaginado pelo professor e aluno “real” que ali está e precisa ser educado. Esta concepção de aluno pode dificultar o aprendizado e o enfrentamento das questões educacionais de uma maneira objetiva e profissional (PATTO, 1996).

Quanto as soluções para os problemas existentes na escola, segundo os participantes, seria a maior presença da família e da sociedade de um modo geral, no cotidiano da escola e também a cobrança e acompanhamento mais próximo da vida escolar de seus filhos.

*“(...)eu acho que tem que estar todo mundo junto, tem que estar a escola trabalhando, tem que estar a comunidade, acho excelente esse trabalho, não venho aqui aos sábados e aos domingos, mas acho muito bom a escola estar aberta aí, pra tentar resgatar isso, de eles virem pra escola e gostarem da escola [Programa Escola da Família<sup>4</sup>]” (...)* (S52F)

*“Envolver mais a sociedade, acho que essa família na escola muito bom agora no segundo ano,(...) Já que os problemas todos são lançados em cima da escola devia ter mais apoio da sociedade, prefeitura a saúde, né... sobra tudo pra escola ela tem que educar formar, em todos os sentidos, pra vida, pro trabalho (...)* (M33F)

*“Uma grande dificuldade é essa falta que a família está fazendo, porque a gente acaba se deparando com muita situação de indisciplina na sala de aula, eu acho em função dessa falta de amparo. Nem dentro de casa eles respeitam, que dirá o professor. Já trás isso de casa,(...)”* (D38F)

A maior participação da sociedade e das famílias poderia contribuir para a melhoria do ensino público, porém as soluções deveriam ser encontradas no âmbito da própria escola que, ao atribuir suas dificuldades à fatores externos, estaria se eximindo de sua responsabilidade e sua função impossibilitando a busca de soluções para esses problemas.

### **3.1.3 Satisfação profissional**

Os educadores declaram estar satisfeitos com a profissão, apesar de todos os problemas existentes. Expressam também a sensação de não estarem conseguindo ensinar, ou seja cumprir o seu papel e atribuem isso à falta de interesse dos alunos em aprender, o que, aliado à indisciplina, seriam os maiores problemas da educação atual.

---

<sup>4</sup> Programa da Secretária Estadual de Educação em parceria com Unesco, com a abertura das escolas à comunidade nos finais de semana para atividades lúdicas, esportivas e culturais e funciona desde 2004.

*“Eu me sinto muito realizada e eu... sempre procurei fazer as coisas assim, diferentes de um ano para o outro, aprender e reaprender, porque eu acho que nessa vida, cada dia que você vive você aprende mais um pouco.” (C55F)*

*“Me sinto muito mais realizada dando aula na faculdade do que aqui, mas eu gosto de ser professora, acho que eu não... outra coisa eu não sei como é que seria, como é que eu... eu me sinto sim. Eu gosto.” (P29F)*

*“Olha eu amo o que eu faço, amo dar aula, entendeu? Me sinto muito realizada, muito realizada mesmo.” (S52F)*

*“Eu gosto muito de dar aula. No sentido assim, de colocar, de falar sobre o que eu aprendi. De ensinar, eu gosto. Principalmente para as séries que eu estou trabalhando, que é o Ensino Médio. Me identifico muito. Agora, se você for falar a minha profissão financeiramente, aí foge... Lógico, você trabalha insatisfeito, como a maioria das pessoas hoje nesse país trabalha insatisfeito.” (A36F)*

*“(...)eu me sentiria realizada se eu conseguisse entrar numa sala de aula e conseguisse passar pra eles um pouco que seja, que eles assimilassem, muitas vezes entro numa sala, isso acontece mesmo, e não há aprendizado parece que eu ali e nada é a mesma coisa.(...) de repente tudo fica frustrado diante de tanto problema que tem acontecido, não adianta tá tapando o sol com a peneira e falando não, nossa! tem problema sim e muito problema! O problema maior é a indisciplina (...)” (M33F)*

*“Ah, infelizmente não. Eu acho assim, quando eu comecei, eu tinha mais... não é vontade, mas eu tinha mais esperança de mudar alguma coisa, de trazer alguma coisa de novo, sabe, de ajudar.” (J35F)*

*“Olha, eu estou longe de ser uma professora realizada,(...) Naquilo que me propus até hoje, me sinto uma pessoa realizada, mesmo com as dificuldades, os troços, mas ainda quero realizar muita coisa.” (M44F)*

### **3.1.3.1 Dificuldades da profissão**

O despreparo profissional para enfrentar as dificuldades atuais da educação e conseguir ensinar de uma forma apropriada é um sentimento comum aos professores, inclusive, ressaltam isso, especialmente, no que diz respeito aos problemas da atualidade como drogas, sexualidade e violência:

*“...Olha, se fosse para dar uma nota, acho que eu daria uma nota 6 pra mim, porque eu não me sinto preparada não (...)” (P29F)*

*“Eu acho que você acaba se adaptando à situação. Não sem conseqüência,(...) Eu estudei numa faculdade pública, boa, tive uma educação legal, fiz cursos, passei em dois concursos e você não é valorizada, você é obrigada à uma situação, você se adapta, ou ..., sei lá vai fazer outra coisa. E as outras coisas por aí não fogem muito disso, então é difícil...” (A36F)*

*“Eu acho que isso daí é uma coisa complicada, eu não me sinto preparado. Eu me sinto assim... eu me sinto perdida, pra falar a verdade. Eu não sei às vezes o que eu faço,(...)” (J35F)*

*“Então, eu acho que de uns anos pra cá, deve ter quatro anos pra cá, estão aparecendo alunos que não lêem, não escrevem, alguns conhecem as letras, outros conhecem as sílabas, mas não chegam nem a formar palavras. E há uns anos atrás, quando os alunos chegavam na quinta série eles estavam todos alfabetizados.” (D38F)*

De um modo geral, pode-se constatar no ambiente escolar um desânimo generalizado, quanto ao futuro da educação e a impossibilidade de mudança que pode ser observado em suas falas. Isso causa uma certa apatia que se reflete na falta de criatividade, cansaço e *stress* que pode estar na origem desse tão propalado “desinteresse” do aluno. Assim o comportamento desses alunos seria uma conseqüência ou reflexo dessa realidade vivida no interior da escola, que não lhes proporciona motivos para se interessar em aprender.

Os docentes enfatizam ainda que as mudanças que ocorrem na educação são impostas a eles sem uma consulta prévia ou uma discussão democrática, dessa forma não concordam com muitas medidas que são tomadas pelo Governo do Estado e conseqüentemente não procuram colocá-las em prática.

Apesar de todos os educadores possuírem formação superior, estas dificuldades podem ser originadas na sua má formação, que muitas vezes prioriza o saber teórico

em detrimento do conhecimento da realidade escolar do país, com todas as questões sociais, políticas e culturais aí implicadas.

As questões levantadas pelos educadores e a sua importância para o sistema de ensino exige uma análise mais detalhada, que possibilitaria compreender o que acontece na escola atual e na educação pública, de um modo geral, mas tal análise extrapola os objetivos do presente trabalho que ficará restrito às questões relacionadas às drogas ou melhor, a um dos problemas que afetam a escola contemporânea.

#### 3.1.4 Adolescência

O adolescente, na concepção dos educadores, é um indivíduo em transformação e conflitos, caracterizado pela impulsividade, curiosidade e inconseqüência dos seus atos. Junta-se a isso a falta de interesse, natural à todos os alunos, segundo eles, e a falta de responsabilidade e projetos de vida, como pode ser observado a seguir:

*“Eles têm uma vida sexual mais ativa, até as crianças, nossos alunos de 11, 12 anos já tem vida sexual ativa e esse processo a dez quinze anos atrás começava aos 17 18 anos, mas eu acho que eles são reflexos dessa sociedade que taí, a informação vem muito depressa e eles não sabem muito bem o que fazer com ela, tudo é muito rápido, você não se concentra em uma coisa só, meus filhos são assim, mil coisas para fazer e são muito igual quanto a isso.” (M44F)*

*“Eles estão cada vez mais curiosos... mas eles querem saber de sexo drogas e rock rol, no caso deles eles gostam muito de Rap, namoro, namoro, eles só pensam nisso em sala de aula, viajam... (...) eles tão namorando muito cedo, se envolvendo sexualmente muito cedo, e isso tem atrapalhado muito.”(M33F)*

*“O adolescente é... uma pessoa passando por transformações. Ele tem muitos conflitos, muitos... está tentando se encaixar em algum lugar. E aí eu acho a importância da*

*escola, pra tentar meio que orientá-los para onde ir, porque é uma fase que, eu acredito, que se algum lado, seja ele qual for, puxar mais forte, eles vão...Então eu acho que os principais conflitos são conflitos de identidade mesmo, de saber quem ele é, o que vai fazer, por que ele está ali...” (P29F)*

*“...é uma fase que você está saindo daquela etapa de criança, sem grandes preocupações, com as pessoas te cuidando, pra uma fase mais adulta, de responsabilidade (...)na escola, que os nossos adolescentes são rebeldes, dão trabalho, vão pro lado errado, mesmo sabendo que aquilo lá está errado, eles vão para aquilo lá. Eu acho que é isso, é uma pessoa em busca de conhecer o novo, independente se aquilo é errado ou não é.” (J35F)*

*“Essa coisa de falta de interesse é comum nos adolescentes, (...)a irreverência ele não é o mesmo de antigamente é mais irreverente. No sentido de valores, ele é uma pessoa que não tem medo de nada, uma pessoa que está de braços abertos para tudo e esse tudo é tudo mesmo!” (J35F)*

*“E ele realmente às vezes fica um pouco agressivo, ele fica... ele não aceita muito o adulto, porque o adulto impõe regras, ele não quer aceitar as regras, (...) porque nós somos adultos, às vezes nós somos respeitados pelas nossas opiniões. Agora, não é porque o adolescente é adolescente que ele não tem que ser ouvido, eu penso assim. Isso não significa que eu não tive muito conflito com eles, tive sim.(...) Eles medem força com o professor. Agora, você tem que medir força respeitando esse processo deles de aceitação, né? Porque é difícil pra eles (...)” (C55F)*

Apesar de demonstrarem compreenderem esta fase da vida, o que emerge de suas falas é um sujeito irresponsável, rebelde e desinteressado. Esses discursos não condizem muito com os adolescentes que participaram dos grupos focais, pois mostraram-se interessados e motivados. Talvez eles não estejam interessados no que os professores ensinam e na forma de ensinar adotada ou então não estão sendo compreendido em seus reais anseios frente ao conhecimento.

O fato de atribuir todo e qualquer comportamento como sendo “normal” da adolescência impede que os adultos tenham uma relação positiva com eles em que seus desejos e opiniões sejam levados em consideração. Destarte, enfatizam também a

tendência do adolescente de andar em grupos, característica dessa fase do desenvolvimento ( BUCHER, 1992; KNOBEL, 1986).

Nos fragmentos abaixo destacam como esses adolescente se comportam no ambiente escolar:

*“A classe às vezes tem um líder negativo ou dois líderes negativos. E eles têm uma liderança tão grande no grupo, que o que eles falam o grupo aceita. “Vamos bagunçar? Vamos bagunçar”. Então o grupo, eu não digo que obedece, ele acha tão importante aquele líder na classe, que tudo o que o líder manda, é lei. “Vamos todos jogar papel na lousa? Vamos todos jogar papel na lousa. Ninguém vai abrir o caderno? Ninguém vai abrir o caderno”. Então qual a perspicácia do professor nesse momento? Descobrir o líder. Quando você descobre o líder é muito fácil.” (C55F)*

*“Eles acham que já estão preparados pra vida, eles acham que já são capazes de fazer qualquer coisa, que são capazes de resolver qualquer problema, qualquer situação, são donos de si. Mas aí fazem e depois na hora das conseqüências, aí eles vêem que não são tão adultos ainda. Mas todos eles eu acho que tem essas mesmas características.” (A36F)*

*“É o comportamento normal deles gostam de cantar, o que me estranha é eles não pensarem no futuro. Porque eu penso assim, na minha época, eu já pensava o que eu ia fazer, hoje eles não tem perspectiva, eles não falam em futuro, é só o presente, presente...” (S52F)*

*“Não dá para generalizar. Tem adolescentes que são extremamente calmos, outros que são extremamente agitados, outros são extremamente apáticos, vai depender do adolescente.” (P29F)*

*“...os problemas afetivos deles são diferentes (...)os nossos problemas aqui são outros. Aqui eles falam o que tem que falar pra gente na lata. “eu não gosto de você”, na bucha. É mais fácil você lidar assim, com pessoas verdadeiras. Eles sabem que se você disser aquilo é aquilo mesmo. Em outros lugares as pessoas são irônicas dissimuladas, aprendem isso. Então você não sabe exatamente como é aquela pessoa.” (D38F)*

Uma constatação interessante – e que foi confirmada também pelos adolescentes – foi a importância de determinados grupos no meio escolar e são

justamente os que usam drogas ou “parecem usar”. Segundo os participantes esses grupos exercem forte influência, em relação aos colegas e até junto aos educadores, pela sua postura contestatória frente as normas estabelecidas.

A forma como a instituição lida com estes grupos pode torná-los ainda mais influentes pois, ao serem discriminados, tornam-se diferentes, aos olhos dos outros alunos, e isso fortalece a coesão interna do grupo, motivo pelo qual muitos adolescentes sentem-se atraídos a fazer parte desses grupos (BUCHER,1992).

Considerando que a necessidade de formar grupos faz parte do desenvolvimento normal dos indivíduos, o esforço da escola deveria ser no sentido de integrar esses diferentes grupos, proporcionando meios de expressão adequados, neutralizando assim a influência negativa que por ventura possam ter sobre os colegas, principalmente no que se refere ao uso de drogas.

#### **3.1.4.1 Adolescentes e as drogas**

A vulnerabilidade dos indivíduos às drogas, nesta fase da vida, é apontada pela maioria dos professores de maneira enfática, no entanto, são ressaltadas também as características individuais de cada um que impossibilitam uma generalização.

*“Então eu acho que pela curiosidade, ou pra participar de um grupo eles tem... porque os grupos que usam drogas, eles são um pouco importantes na escola, viu, eles tem uma certa importância. Porque eles são vistos... eu vi assim, que o adolescente enxergava eles como os heróis, como fortes. E há essa tendência sim de querer participar desse grupo, que é visto como forte na escola. Corajosos, eles são corajosos, infelizmente. E aí é o perigo, eu acho. Porque eles enfrentam a família, enfrentam a sociedade, enfrentam as regras da escola, então eles são corajosos.” (C55F)*

*“Eu acho que o meio influencia bastante, muitos deles vão pelo grupo então o grupo usa acaba usando também. Mas isso não é uma regra, porque eu conheço pessoas que embora o grupo usasse, a pessoa nem por isso passou a ser usuário, (...)” (M44F)*

*“(...) eu acho que na adolescência é onde você está mais sujeito sim, porque você quer descobrir coisas, você quer experimentar coisas diferentes.” (P29F)*

*“(...) Eles vêem, eles não refletem, eles não trazem pra vida deles, eles só vêem. Então às vezes isso, esse excesso de informações, de coisas que passam por aí sem reflexão, é que pode alterar alguma coisa no adolescente.” (A36F)*

*“Eu observo muito nos nossos adolescentes essa falta de ter em quem se espelhar, de ter com quem contar, e eu acho importante na vida ter com quem contar. Falta um referencial mais definido para nossos jovens, e na minha formação a religião assumiu um pouco esse papel e também a família, acho que falta isso para os adolescentes.” (M44F)*

*“Mas eu acho que não. Eu acho que o que tem que ir já vai mesmo. E isso também, acho que muitos casos já vem da família também, porque eles já estão mesmo, o pai às vezes está envolvido, e tal, e aí não tem mais jeito.” (S52F)*

A opinião dos professores coincide, em alguns aspectos, com as dos grupos de alunos que também apontam a curiosidade e a influência dos grupos que se destacam na escola como motivadores para o uso de drogas. No entanto os alunos afirmam que não é o grupo que exerce a pressão sobre o adolescente para que usem drogas mas sim àqueles que desejam experimentar é que procuram esses grupos.

Cabe ressaltar que o fato de o adolescente ser mais suscetível à experiência com drogas não significa afirmar que ele está à mercê deste perigo e deve ser protegido, a todo custo, para não usar. Pensar assim seria ignorar a capacidade do indivíduo de fazer suas próprias escolhas e decidir o que ele considera melhor para sua própria vida. Compete aos adultos oferecer a esse jovem modelos adequados de comportamento, com ênfase na sua responsabilidade pessoal, fornecendo alternativas e informações apropriadas para amparar suas decisões.

### 3.1.5 Percepção sobre as drogas psicoativas

A forma como as drogas são percebidas pelos professores, que é o tema central do presente estudo, foi investigada em todos os aspectos, na sociedade de um modo geral e na escola especificamente, enfatizando-se a droga, o usuário, consumo, tráfico e demais questões correlacionadas.

Nos itens a seguir são apresentados os trechos das entrevistas que melhor representam o modo de pensar dos professores participantes.

#### 3.1.5.1 Drogas na sociedade

Apesar de destacar a importância da prevenção acreditam que a solução para a questão das drogas em nossa sociedade seria a maior repressão ao tráfico e o controle do consumo.

*“Eu acho que o governo tinha que se preocupar mais. Tinha estar vendo, sabe, eu acho que, mesmo a segurança tinha que estar mais presente, sabe? Porque se esse trabalho não for feito... a coisa vai piorar (...)” (S52F)*

*“Orientação sobre o que causa, é... não amedrontamento, mas mostrar para que as pessoas tenham o direito de escolher, se elas querem ou não. (...)Para todo mundo. Para toda droga, toda: álcool, nicotina, maconha, coca, LSD, tudo. A pessoa devia saber, se ela quiser usar, ela escolhe. Ter consciência.” (P29F)*

*“Acho que tem que ter políticas públicas para isso, para conter o tráfico, para ter o controle. Mas tem que investir muito em prevenção, em educação, investir em informação e formação e essa formação tem a ver com o que o aluno trás de casa, se a formação que a escola dá condiz com que com a realidade que ele vive lá e muitas vezes não condiz.(...) Não é só a educação que tem que fazer o papel de formar, é a saúde, através de orientações em postos de saúde e a parte social da fome e da miséria das pessoas, a droga passa por tudo isso.” (M44F)*

*“Eu acho que a base foi aí, o início deve ter sido com o grupo, porque é o primeiro grupo que eles tiveram, o primeiro grupo que a criança tem é a escola. Eu acho que a maioria foi na escola. Acho que se nós fizéssemos um trabalho de base aí, ajudaria muito. E uma fiscalização maior nessa distribuição de drogas, uma fiscalização até pela*

*justiça mesmo. Olha, sinceramente, eu não sei dizer muito à respeito, infelizmente.” (C55F)*

*“(...)Essas propagandas dos cigarros que eles fazem, você pode perceber, são as propagandas mais bonitas que tem, depois tem que o ministério da saúde adverte, por que não mostra eu era assim olha como eu estou, por que não põe? fiquei assim... igual eu vi uma vez, põe pessoas com AIDS. É feito um marketing muito pequeno em relação ao efeito das drogas, do álcool das conseqüências. É difícil falar do que deveria ser feito, muito difícil.” (M33F)*

*“Aumentar a fiscalização para cortar as entradas de drogas. (...)Não é só campanha: “Você não vai fumar porque faz mal à saúde.” Isso não resolve, nem falar, como eu já ouvi gente falando: “ah mas dá o exemplo, olha o fulano de tal que era um grande jogador, a situação que ele chegou hoje por isso, por aquilo.” Essa exemplificação talvez até faça algum efeito com os menores, com os maiores não resolve. Então não basta só ter campanha, tem que ter uma consciência maior das responsabilidades, o que aquilo vai acarretar pra vida de cada um.” (D38F)*

O raciocínio, em muitos casos, se mostra ambíguo; acreditam que a prevenção seja eficaz, porém reforçam a necessidade da repressão ao tráfico e ao consumo, ou seja a repressão confunde-se com a prevenção. Essa noção é oriunda do pressuposto histórico, já verificado por outros autores segundo o qual “a sociedade pode e deve atuar nas intenções dos sujeitos sociais de consumirem substâncias que alterem suas consciências” (CARLINI-COTRIM, 1998).

### **3.1.5.2 Legalização das drogas**

Quanto à legalização do consumo de drogas, há consenso entre todos que devem ser proibidas e, além disso, aumentar o controle para diminuir o consumo. Destacam ainda as conseqüências negativas do uso de drogas que seriam muito mais desastrosas para os indivíduos e para a sociedade, principalmente quanto ao aumento da violência e criminalidade.

*“Eu sou contra a liberação, eu na minha opinião até o cigarro devia ser proibido porque causa sérios problemas de saúde,(...) liberar? Iria só piorar.” (M33F)*

*“(...) é uma questão muito polêmica, porque você tem drogas que são liberadas, álcool e tabaco, que é liberado, e tem umas outras que não são liberadas. Então eu acho que primeiro, a liberação, ela passa por uma questão de poder. Porque libera umas e outras não? Quais são as razões? Mas se fosse para proibir ou para liberar, eu sou a favor da liberação. Eu acho que não deveria ser liberada nenhuma, não. Porque é uma coisa que acaba com o ser humano e parece que o ser humano, ele busca uma... ele busca sempre se destruir de alguma forma. E a droga é uma forma rápida de destruição, eu sou contra a liberação de droga, de qualquer uma.” (P29F)*

*“Eu acho um absurdo essa conversa de liberar, isso não existe. (...) Quem responde pelos atos deles? Você libera uma cocaína, quem responde pelos atos de quem usou? Ele é um doente, ele é um viciado, beleza. Ele mata a minha filha, e aí? (...)Ela sendo proibida ou não, a partir do momento que viciou, você vai utilizar do mesmo jeito. (...) teria que ser mais rígida ainda a legislação pra isso. Teria que ser mais rígido, eu acho.” (A36F)*

*“Eu acho que deveria ficar do jeito que esta mesmo, proibir. Porque eu acho que se liberar, vai ficar pior do que está. (...)Além da pessoa estar fazendo uma coisa mal pra ela, se prejudicando, as pessoas também podem fazer para outras, porque fica lá drogado, não tem noção das coisas, e acaba até prejudicando outras.” (J35F)*

*“Olha, eu sou contra a liberação eu acho que não é liberando que você vai reduzir a criminalidade, até por todos os quadros sociais aí envolvidos, por que se a coisa já está como está com toda a ilegalidade então se liberar é lavar as mãos e as coisas vão piorar. Na escola tem que fazer a prevenção...sempre que você pega um aluno se drogando você vai fazer o quê? Jogar ele fora da escola? Não se pode fazer isso, a escola tem que absorver esse aluno e tentar outros meios e esses outros meios é que compete às políticas públicas, a prevenção mesmo, falar para a meninada para eles trabalhar e correr atrás de seus sonhos.” (M44F)*

A opinião emitida sobre a legalização do consumo de drogas não se atém somente ao produto ou a dualidade legal/ilegal, mas denota também um juízo negativo em relação à droga e ao usuário que permeia a argumentação dos educadores, com ligação linear entre o uso de drogas e a violência e a criminalidade.

### **3.1.6 Prevenção**

A importância da realização da prevenção é confirmada pelos educadores, mesmo sem que tenham clareza sobre a forma ideal como ela deveria ser realizada. Enfatizam ainda, o combate ao tráfico e a repressão, resquícios do discurso de guerra às drogas que permeia as discussões sobre o assunto na nossa sociedade (BUCHER; OLIVEIRA,1994).

Por outro lado, ressaltam o desconhecimento que tem sobre o tema que consideram importante e atual:

*“Olha a fórmula eu não tenho, mas acho que muitos que entram nessa são filhinhos de papai que estão se drogando e até traficando.(...) mas acho que 80% dos que se envolvem são de famílias pobres, famílias carentes, pai de família, de repente não tem um emprego, que não tem uma estrutura familiar legal. (...) Então a respeito da drogas o que poderia ser feito é criar outras oportunidades para as pessoas.” (M33F)*

*“Se ele não fosse o traficante, de verdade,[governo] ele deveria combater o tráfico de drogas. Mas a gente sabe que tudo por trás são questões políticas, questões econômicas, de poder. Então, eu acho que quanto a isso de combater o tráfico, eu acho que diminuiria o consumo.*

*“(...) Bom proibir já proíbe. O que mais poderia fazer, eu acho que propor debates, propor grupos de estudos, de terapia, mostrando sei lá, uma coisa mais, sem essas palestras, por isso que eu falei pra você que eu achei legal essa... essas palestras que vem alguém que fala de droga: fala, fala, fala, mas fala tudo o que o outro falou. Fala o que faz a droga, o que... então, eu acho que tinha que usar outro artifício, usar outros meios para tentar alcançar os alunos. Como? Acho que o governo podia proporcionar isso através de dinheiro, ele tem o dinheiro, ele tem a máquina na mão, então ele vai buscar profissionais que entendam, que possam trazer soluções pra isso daí.” (J35F)*

*“(...) eu gostaria muito de saber mais sobre esse assunto, mas eu realmente... sou bem pequena para entender isso daí, viu?” (C55F)*

*“É complicado falar isso... você vê Assis é uma cidade pequena, você não acha que pela quantidade de policiais que tem, eles não sabem quais são os pontos que comandam e que vendem, que passam drogas? Não precisa ser muito inteligente para perceber na vila onde a gente mora. Então você não acha que o governo não sabe da*

*onde parte de onde sai. (...) Porque eu acho que tem muita gente importante por trás disso aí.” (M33F)*

*“(...) se tivesse uma formação de fato, contra a corrupção dentro da própria polícia, dentro do próprio governo, que acontece, a gente ouve toda hora em noticiários. Então as coisas assim, vão se fechando, a sociedade passa a cobrar mais, vai se formando uma geração mais consciente, sendo essa geração mais consciente ela vai ser mais crítica em relação a essa situação .” (D38F)*

*“Teria que ser mais firme, sabe? estar pagando bem esses policiais, e estar pondo esses policiais na rua, e fiscalizando mais. Porque hoje você não tem segurança nenhuma.”(S52F)*

*“Eu acho que poderia sim ser mais duro com o usuário, porque a gente escuta falando: “Ah, eu não, sou só usuário”. A gente sabe que aquela pessoa às vezes também, pra manter o vício, acaba fazendo tráfico da droga. Então eu acho que poderia se abrir sim... melhorar, endurecer com o usuário sim. E com o tráfico, que a gente sabe que existe e que às vezes também não é por questões, sei lá, políticas, acaba deixando acontecer aquilo ali.” (J35F)*

*“Deveria ser mais duro, inclusive... eu acho que as leis beneficiam um pouco, elas são muito mornas ... castigo desse pessoal mesmo, porque se você ver o traficante ou mesmo... o pessoal que vai preso, depois eles tem um período que eles ficam presos, depois eles saem e continuam no mesmo mundo.” (C55F)*

### **3.1.7 Conhecimento em relação às drogas**

Apesar da importância do tema e o reconhecimento de sua pertinência na educação escolar, os professores demonstram não possuir um conhecimento apropriado das substâncias psicoativas, ficando limitado ao senso comum e ao conhecimento popular, suscetíveis aos preconceitos ideológicos e sociais e toda espécie de suposição e julgamento de valor.

O conhecimento que têm sobre o assunto é fruto de observações dos alunos, suposições pessoais e de informações de palestras, nem sempre fidedignas, que

culminam em um desconhecimento generalizado em relação às substâncias e seus efeitos, sobre os usuários, prevenção e tratamento.

*“Então, eu acho que o cara consome drogas, ele de alguma forma, ele está buscando prazer, que a gente não pode negar, né, ele está buscando prazer. Mas por outro lado, um efeito compensatório, esse prazer, ele é muito mais destrutivo do que benéfico pra ele. Então pra mim, o cara que consome droga, ele é uma pessoa que está buscando uma destruição que ele não sabe. Não é uma coisa consciente.” (P29F)*

*“De uma maneira geral, eu acho que tem aumentado bastante o consumo, a variedade de produtos, vamos dizer assim, tá aí tem modificado, está mais fácil de as pessoas conseguirem., eu acho. Acho que a preocupação hoje número um da sociedade... relacionada a violência é isso.” (A36F)*

*“Eu acho péssimo, eu acho horrível...Tenho muito contato com alunos que se drogam, que não estão mais na escola, quando entram pra escola eles vão bem, ai você vê esse aluno alterado, seu comportamento mudado, fisicamente mudado e emocionalmente e você vai observando e não dá conta disso... porque é muito pessoal, a gente vê assim essas crianças, assim fugindo por entre os dedos, é muito triste...” (M44F)*

### **3.1.7.1 Tipos de drogas**

As drogas mais citadas são as ilícitas que chamam mais a atenção e despertam mais interesse das pessoas de um modo geral:

*“Eu sinceramente, eu sou leiga, muito leiga no assunto apesar de algumas oportunidades que eu tive. Gostaria de saber mais, mas eu não sei.” (C55F)*

*“Que eu conheço de ver, a maconha e a cocaína as outras só por nome.” (M33F)*

*“Que eu conheço assim, de ouvir falar? Acho que álcool, tabaco, maconha, cocaína, crack, heroína, LSD, ópio, ecstasy... chá de cogumelo... anfetamina...” (P29F)*

*“De vê eu nunca vi agora de falar assim, eu acho que eu conheço...de cursos assim quase todas: maconha cocaína, tem estas ...ecstasy, crack... o pessoal comenta por aí. Fora que hoje esses remédios antidepressivos, esses produtos todos também são drogas pesadas, hoje no mercado.” (A36F)*

*“Ah, eu acho que a maconha, que é a que a gente escuta mais, a cocaína, o crack. E depois essas outras que a gente vê no Fantástico, que é ecstasy, pílula não sei da*

*onde, essas coisas assim, mas que a gente ouve falar na escola, é mais crack e maconha. Nem cocaína a gente escuta muito falar, não sei se é por causa do preço,(...)." (J35F)*

*"A maconha, por exemplo, a gente sempre vê, ouve falar sabe a forma, sabe como é a planta, já até vê alguém trás e a gente acaba vendo como ela é mesmo. O ópio a gente vê, ouve falar papoula... A saia branca, que o pessoal faz chá e não sei o que e a gente vê. Alguns não sabem que é droga, acha bonito. Determinados fungos que crescem nos excrementos de animais também o pessoal disse que usa, cola de sapateiro.(...) tem remédio que é usado como droga, misturam remédios, apesar que com os adolescentes é menos, eu acho que essa questão de remédio que vira vício é mais com adultos, meninadinho não, não se envolvem muito com esse tipo de problema,(...)" (D38F)*

Destacam ainda que o conhecimento que possuem sobre os tipos e forma de consumo das substâncias é superficial, só de "ouvir falar", informações insuficientes para fundamentar qualquer argumentação racional sobre as mesmas ou para desenvolver atividades preventivas eficientes.

Na opinião dos docentes, a droga mais perigosa de todas é o crack, e também consideram uma das mais consumidas pelos seus alunos:

*"Todas são muito ruins, mas o crack, por exemplo é o mais rápido e mortal de todas elas, o LSD e coisas assim... são drogas que tiram você totalmente da realidade, acho que toda droga é ruim, por que se você fuma um cigarro de maconha você fica 50% alterado e você se permite fazer coisas que você não faria. Acho que todas elas tem seu grau de gravidade dependendo de quem usa, então isso é muito relativo. (...)E tem as drogas sintéticas que tem gente que usa e nós nem nos damos conta aqui em Assis,(...) existem pessoas que estão anos luz a nossa frente nessa busca, é tudo um comércio e o capital está por trás de tudo." (M44F)*

*"Das que eles tem acesso é o crack. Acho que tem outras piores, mas eles não tem acesso porque é muito caro. (...) Sempre falam, quem é viciado em maconha pra sair é um pulinho, já no crack, parece que toma conta, afeta o sistema nervoso." (M33F)*

*"(...)o crack é o mais perigoso, que é o mais difícil de se livrar, que é o que mais vicia e que mais estragos faz. Isso eu escutei na TV, não foi em palestra." (J35F)*

*"O crack é perigoso, essas são as piores, né? A meu ver, essas são as piores." (S52F)*

*“(...) mas eu acho que crack, dizem que tem um efeito devastador.” (D38F)*

Somente para uma das entrevistadas a substância mais perigosa é o álcool, pelos danos causado e facilidade de obtenção:

*“Mais perigosa... eu acho que é o álcool. Na minha opinião, é a droga mais perigosa. Porque é uma droga que é lícita, e ela causa muitos danos assim, muito rápido, a pessoa consegue se viciar muito rápido em álcool. E é muito fácil conseguir, (...)” (P29F)*

### **3.1.7.2 Informações**

Como não existe nenhum tipo de capacitação específica sobre as drogas atualmente em curso na educação, a fonte principal de informações é a mídia, mais citada por eles:

*“Textos que nós recebemos na escola, livros, tudo o que aparece a gente lê. Mas essas três palestras que eu tive a oportunidade de participar. E filmes, mas também eu acho que os textos que aparecem na escola, são textos bem assim, científicos, que eu acho que não trás essa linguagem popular...”(C55F)*

*“Livros, revistas, jornais...” (M33F)*

*“Livros, e acho que essas palestras na área de biologia, porque o pessoal acha que a área de biologia é a área que você tem que falar disso e...Leio mais. Livros e revistas.” (P29F)*

*“É mais na televisão, tá sempre aparecendo, então é o que eu mais aprendi, que eu vi, que eu conheci, é mais na TV. As mais perigosas e os efeitos.” (J35F)*

*“Pego livros, pego revistas e leio. Porque eu acho importante você como educadora, você tem que saber, porque se o aluno te pergunta, mesmo que você não saiba, você pesquisa e trás para eles. (...)hoje está bem mais fácil porque hoje você entra na Internet já pega... Em revistas como a Isto É, Veja e jornais e também pergunto par os colegas então eu sempre me informo assim.” (S52F)*

Em relação à qualidade das informações veiculadas na mídia, eles acreditam que sejam úteis, mas apontam o sensacionalismo com que o assunto é tratado em muitos casos.

*“Bem... no jornal vem aquelas estatísticas, os casos e tal, na TV passa também alguma coisa. Eu acho que falta informações tanto de drogas como de doenças como AIDS, são assuntos que estão ligados.” (M33F)*

*“Eu acho que os meios de comunicação, eles distorcem um monte de informações, por exemplo: eu lembro que eu comprei, não sei se você se lembra de uma revista, acho que... Época, que tinha até a Soninha na capa, falava: “Eu fumo maconha”, sei lá o quê. (...)Então eu acho que os meios de comunicação... mesmo na novela, distorce.” (P29F)*

*“Eu acho que são apropriadas para conhecer as drogas, mas também não chega a prevenir o uso. Então eles colocam lá como uma coisa meio técnica, mas para instruir a respeito de qual a substância química, onde age, essas coisas assim, eu acho, isso ajuda para a gente conhecer melhor.” (J35F)*

*“Informação tem a rodo. Revistas que o governo manda e manda preservativo e vem o pessoal falar as vezes, mas só isso não adianta.” (D38F)*

*“Algumas coisas sim, mas não é tudo não (...) tem muita coisa errada. Quando sai uma reportagem sobre drogas, tem muita coisa que você está lendo, que você diz isso é verdade. Mas tem muita coisa que a pessoa tem que ler e estar entendendo o que está lendo, tem muita coisa que é séria, agora tem muita coisa que é especulação,(...) (S52F)*

A cobertura da mídia brasileira desse assunto está muito aquém de ser coerente com a realidade. De acordo com um estudo conduzido por NOTO et al. (2003), com mais de quinhentos artigos sobre drogas publicados em jornais e revistas no ano de 1998, foi constatado que as drogas mais citadas não são as mais consumidas, destoando assim das pesquisas epidemiológicas. Geralmente a atenção da imprensa recai sobre as drogas ilícitas como crack, cocaína e maconha que, em muitos casos, são diretamente associados à criminalidade e a violência.

### 3.1.8 Drogas na escola

Quando questionados sobre o uso de drogas na escola os educadores afirmam que existem muitos alunos que a utilizam mas ressaltam que nunca presenciaram e só chegam a essa constatação pelos “efeitos” causados no comportamento dos alunos.

*“Olha, no ano passado, nós observamos um consumo maior do que esse ano. Parece que este ano tá mais de vagar um pouco. Inclusive alunos que eu via assim com mais dificuldade, esse ano parece que eu estou achando que eles melhoraram um pouquinho (...)mas... pode ser que eles tenham acostumado e nós também tenhamos acostumado com as reações deles.” (C55F)*

*“Olha, se eu falar pra você que eu já vi, é mentira. Mas eu sei que às vezes a gente tem alunos que entram bêbados na escola, alunos que entram com o olho vermelho, então quer dizer o consumo de maconha, mas eu nunca vi os alunos bebendo ou fumando maconha. E também nunca senti cheiro dentro da escola.” (P29F)*

*“Eu acho que sim. Tanto que a gente escuta muito assim, aluno falar depois que o aluno foi embora, falar assim: “Fulano fumava pedra no banheiro da escola”. Pra um aluno chegar e falar, quer dizer que acontecia alguma coisa.” (J35F)*

*“Não. Na escola funciona mais ou menos assim, você nunca vê o aluno usando. Você passa perto de um sente o cheiro de maconha na hora do intervalo, por exemplo, você sabe que ele usou mas não sabe como. Por mais que a escola esteja atenta é impossível controlar. (...)Não é que seja uma coisa rotineira, existem alunos na escola que são usuários, que a gente sabe que são, outros que a gente sabe que usam na escola mas a gente não dá conta disso, nenhuma escola consegue e existem os que são usuários só fora da escola, outros que já vem de casa alterado. A noite, por exemplo você acha vidrinho com pinga jogado, mas isso é uma porcentagem mínima dentro da escola.” (M44F)*

Como os educadores não possuem um entendimento apropriado sobre as substâncias e seus efeitos, os critérios para designar um aluno como usuário é mais subjetivo do que baseado em evidências concretas, o que pode facilmente gerar suspeitas incorretas difíceis de serem desfeitas posteriormente pela mudança de atitude frente a esse aluno que logo é disseminada entre os outros professores.

### 3.1.8.1 Drogas mais usadas pelos alunos

A cocaína, consumida na forma de crack, tem um dos menores índices de consumo entre estudantes em todos os estudos epidemiológicos com amostras brasileiras, tendo prevalência máxima em torno de 1% (GALDURÓZ, 2005; KAPPANN, 2004). No entanto, na percepção dos educadores, esta é a droga mais consumidas pelos alunos, conforme relatos descritos a seguir:

*“Na nossa escola, pelo que se comenta é o crack.” (C55F)*

*“O crack, por que a maconha pelo que eu estudei e que eu vi, dá uma despertada na pessoa, fica mais ativada mais corajosa, parece que o crack dá desânimo na pessoa. Eu vejo na sala de aula as vezes os alunos chegam com os olhos vermelhos, no mundo da lua, acho que é do crack mesmo.” (M33F)*

*“(...) maconha e o álcool, bastante é o álcool.(...) as pessoas dificilmente consideram o álcool como droga. Então o mais comum é o álcool e as drogas mais baratas, acetona, cola e até cocaína às vezes eles usam.” (M44F)*

*“O crack, que está na moda aqui, eles só falam em crack, crack, porque eles falam muito em cheirar, a maconha você não cheira você fuma, e eles falam vamos acender, queimar pedra, eles falam muito em acender uma pedra, pedra é o crack. Tudo isso eles comentam e você acaba ouvindo.” (M33F)*

*“Eles sempre usam no banheiro, o pessoal as vezes sente o cheiro, e a direção corre lá e vê, às vezes maconha, mas parece-me que o que eles têm visto mais é o crack mesmo. Eu nunca vi eles usando não.” (C55F)*

*“Não, nunca vi. Já vi assim, pessoas que você conhece de fora, que você sabe que usa drogas junto com os alunos na rua, mas ver fumando, ver usando eu nunca vi nada.” (M33F)*

*“Aqui na escola não. Pessoal comenta que usa né? Pra desestressar pra isso, pra aquilo, mas eles são... Quem faz ou deixa de fazer são reservados.” (A36F)*

*“Usando eu nunca vi. A gente supõe que o sujeito esteja usando pelos sintomas, porque em sala de aula não pode cigarro (...) as crianças pequenas raramente, então usando assim na cara dura eu nunca vi. Mas que a gente pode perceber, ou que a*

*“pessoa veio usando, por exemplo, lá fora sei lá onde, no banheiro, e vem com um jeito...” (D38F)*

Com relação ao tráfico de drogas na escola ou nas suas imediações eles relatam nunca ter presenciado este fato acontecendo e destacam inclusive que assessoramento da polícia através da ronda escolar tem contribuído para que isso acontecesse.

### **3.1.9 Usuários de drogas**

Fica evidente em seus discursos uma relutância nas atitudes tomadas frente ao aluno usuário. Em alguns momentos expressam um sentimento de compaixão por eles, mas, às vezes, mostram-se assustados com o comportamento que eles apresentam, sem saber se recorrem às normas institucionais punitivas ou aos sentimentos para dissuadi-los.

Muitos educadores têm medo dos “drogados” e de seu “comportamento violento”, apesar de ninguém ter relatado casos de agressão. Os alunos por, outro lado, percebem esse medo e utilizam-no em benefício próprio para driblar as normas e para destacar-se entre os colegas.

Tornam-se assim uma espécie de heróis por sua atitude contestatória e inconseqüente, e acabam sendo considerados como líderes pelos seus pares e transmitem aos colegas a mensagem de que são as drogas que lhes dão este poder e aparente onipotência.

Por outro lado o desconhecimento dos professores sobre as drogas, seus efeitos, tipos e formas de utilização acaba gerando suspeitas sobre determinado aluno

que muitas vezes não correspondem à realidade, e este estereótipo prejudica-o em suas relações com os colegas, que se afastam dele e deixam-no ainda mais vulnerável para aderir aos grupos que efetivamente consomem drogas. Suas opiniões são melhor visualizadas nos extratos a seguir:

*“Ah, o comportamento é muito diferente, né? Eles ficam com os olhos vermelhos, e a pupila parece que fica um pouco dilatada, e daí... você percebe isso sempre posterior ao comportamento. Ele não consegue parar na carteira, ele anda muito, toda hora ele pede para ir lá fora, e as vezes a gente fala: “ah, mas você foi agora mesmo” “mas eu estou com a boca seca”. (C55F)*

*“(...) mas o comportamento é diferente, e outra coisa, também vira um tabu na escola, porque se um professor desconfia, passa para os outros, aí você começa a ver aquele indivíduo como usuário. Aí você tem, nós temos, os nossos professores, qual é a nossa reação? Nós temos medo também deles. Nós temos medo, porque você nunca sabe a reação, e você não tem a experiência pra lidar com o assunto. Então você tem um pouco de medo.(...) E inclusive nestas palestras (...) os palestrantes sempre falavam pra gente que nós temos que ter medo mesmo, porque a reação deles é imprevisível. Então fica difícil você lidar com uma... você lidar com um assunto que você tem medo, você não pode ter medo pra resolver as coisas.” (C55F)*

*“Ele muda o comportamento dentro da sala de aula. Ele começa a se envolver com pessoas que você sabe que são usuários, porque dentro da classe você sabe que tem pessoas que usam mesmo. Então ele muda o comportamento, ele fica diferente, ele se envolve com outras pessoas, ele pára de fazer as atividades que antes era considerado normal.” (P29F)*

*“Dependendo do caso, ele fica mais agressivo e dependendo do caso ele fica mais apático também. Não faz mais nada.” (P29F)*

*“(...)tem comportamento diferente do normal. Mais agressivo ou às vezes ao contrário mais largado, não fala coisa com coisa, você vai perguntar as coisas não... se mostra desinteressado. Aí você já sabe que os colegas comentam que utiliza, aí você já associa os sintomas que são normais. Mas a maioria dos alunos aqui da escola, pelo menos, geralmente não permanece na escola. Chega assim, começo do ano, fica um dois três meses, não consegue levar a escola e o ensino adiante.” (A36F)*

*“(...)eu acho que só dá pra gente notar mesmo, quando o cara já está muito viciado. Agora quando ele faz um uso assim, de vez em quando, eu acho mais difícil de a gente notar na sala de aula.” (...) Eu não sei, mas pelo que as pessoas falam, as vezes outros professores falam: “ah ele está drogado”, “mas como você sabe?” ” ah o olho dele está*

*parado, ele está...” ou ele está muito agressivo ou está muito retraído. Eu nunca notei isso daí, mas pelo que as outras pessoas falam, é isso daí.” (J35F)*

*“Ficam diferentes em tudo no comportamento, em sala de aula , em participação em tudo... e faltam bastante.” (M33F)*

*“Na agressividade. Esse daí era muito agressivo, e aqui na escola pelo que a gente sabe, todos que usam e estão já num nível mais avançado, usando mais vezes, são mais agressivos que os outros. E o negócio de roubo, esse daí, não podia deixar nada na classe, que ele roubava.” (J35F)*

*“Eles são aéreos dá impressão que esquecem mais as coisas que aprenderam. Sabe fica assim vago, dá impressão que eles não tem objetivos mais nenhum. É aquilo por aquilo e acabou, não tem assim vontade de buscar uma melhora, talvez um emprego, construir uma família diferente das que eles tiveram, ou igual não sei (...) esses agressivos mesmo eu tenho medo. Então lido com cuidado, se ouço alguém falar que alguém é usuário ou a gente sabe, não enfrento.” (D38F)*

*“(...) tem uns que ficam parados, com o olhar fixo em um ponto. Tem outros que ficam muito agitados. Quando eu percebo que o aluno está muito agitado, eu falo pra ele se ele quer sair um pouco. Também não sei se esse é o caminho, viu? Não sei se esse é o caminho, mas eu tento... é eu percebo que o comportamento é diferente.” (S52F)*

*“Alguns ficam mais violentos, outros mais falantes, outros mais deprimidos. A reação, que muda muito, alguns tomam remédio depois ingerem algum tipo de bebida alcóolica, aí fica numa...Uma vez teve um aluno que aconteceu isso, ele tomava um remédio, esses calmantes fortes, eu acho que andou misturando com bebida, ficou assim super transtornado, sabe? E na época ele fazia... a gente vai sabendo disso depois né? (C55F)*

Os mais variados tipos de comportamentos e reações podem ser causados pelas drogas, no relato dos docentes, demonstrando que não possuem uma idéia clara sobre a questão, abrindo espaço a todo tipo de julgamento preconcebido e desconfianças infundadas que não contribuem para o encaminhamento adequado da questão.

Também apontam a total falta de estrutura institucional para lidar com alunos que, eventualmente, se tornam usuários freqüentes ou dependentes. Não existe

nenhum tipo de encaminhamento da questão de uma forma objetiva, somente conversas e tentativas esporádicas e infrutíferas de fazê-los desistir do uso. Isso se deve principalmente pelo fato desse tipo de problema estar sendo erroneamente encarado ainda, em uma esfera legal e moral e não como uma questão de saúde e qualidade de vida no atual sistema educacional (BUCHER, 1992).

Quanto a faixa etária, os educadores apontam a idade dos 13 anos acima como sendo a mais crítica para o início do envolvimento com as drogas, devido a curiosidade que eles tem de experimentar as coisas novas.

No que tange a diferenciação por gênero eles acreditam que os meninos são o maior grupo de risco, sendo que o sexo feminino sequer é mencionado:

*“Os meninos, muito mais. Olha, de toda a minha experiência, eu só tive uma menina que usava, que eu lembro.” (C55F)*

*“Eu acho que os meninos ainda são a maior parte, eles tem maior facilidade, acho que por estar ali no meio deles, e pela liberdade também, porque eu acho que os meninos tem mais liberdade que as meninas.” (J35F)*

*“Dos que eu conheço é mais meninos, assim de 13, 14 anos, eles começam a usar na 6ª, 7ª série. Até os de fora da escola, que eu conheço, começam a ter problemas de comportamento nesta idade, ai você percebe que é um reflexo do uso.” (M44F)*

*“Eu acho que os meninos são mais... são mais envolvidos, não sei se é impressão minha (...) Mas eu acho que as meninas, elas te ouvem mais. Quando você está conversando, elas te ouvem mais. Agora, os meninos parece que querem resolver tudo sozinhos.” (S52F)*

Essas opiniões evidenciam que o consumo de drogas entre as meninas é relegada ao esquecimento e não tem a devida atenção levando-se em conta o alto índice de consumo e o aumento considerável do uso de drogas entre o sexo feminino (KAPPANN et al., 2004).

O que as pesquisas demonstram é que o uso entre o sexo feminino é tão preocupante quanto ao grupo dos meninos, diferenciando-se apenas no tipo de substâncias consumidas e na motivação para o uso, conforme foi apontado no capítulo I.

### 3.1.9.1 Motivos para o consumo de drogas

Os professores apontam diversas causas motivadoras para o consumo de drogas pelos alunos, dentre elas destacam a influência de familiares usuários, busca de prazer e fuga dos problemas, não destoando muito dos motivos alencados pelos grupos de alunos.

*“Eu acho que até essa instabilidade emocional que eles tem nessa idade, mais a curiosidade... e gostar do diferente, é que faz com que eles...” (C55F)*

*“São vários problemas, eu acho que há vários motivos, por curiosidade, pode ser, pessoas que tem tudo classe média, o pai e mãe dão carinho dão tudo, só que ele pode ir por curiosidade, companhias, os amigos falam: “você é o único diferente aqui na turma” e também falta de personalidade. Por que quando eu era adolescente e não tive contato com drogas e eu fui de grupos de amigos que iam por esse lado, até então meu pai sempre falava: “diga com quem andas que eu direi quem és”, mais ou menos isso.” (M33F)*

*“(...) Pra se enturmar. Acho que é o primeiro motivo, e o segundo motivo, eu acho que é pra ter prazer, né? Ter um prazer imediato, e se enturmar....” (P29F)*

*“(...) pessoas carentes usam e filhinho de papai também, então é o lado emocional mesmo é fuga. Mas aí de repente nem tem um problema sério emocional. As vezes usam porque o colega também usa, ou quer curtir um barato, sei lá, numa festa, nunca usou e começa a usar. (...) (A36F)*

*“(...) são dois motivos básicos, né? Aquele que ele não se sente bem no mundo que ele vive, sei lá, ele precisa da droga par se sentir feliz, para se sentir bem. E aquele que faz por ser bobo mesmo, por ir por curiosidade, para não ficar separado da turma que já usa droga.” (J35F)*

*“Muitas pessoas usam pra fugir, sair do mundo, viajar, outros que eu conheço é por que acham que é natural. Tive caso lá em T., que começou usar porque o pai fumava, cheirava e oferecia pra ele, o pai chegava em casa e fumava um baseado então ele achava normal. Outros casos de alunos foi por dificuldades, brigas os pais se separaram e eles não souberam lidar com aquele momento difícil.” (M44F)*

*“Eu acho que a grande maioria busca a droga, primeiro como uma muleta, porque às vezes está passando por uma dificuldade, por isso que eu queria falar não é só rebelde, eu acho que aquele adolescente muito introspectivo, que não consegue extravasar, conversar com os pais, que não tem amizade, também são um alvo fácil. E aqueles rebeldes também, porque primeiro como uma amuleto, pra buscar algo que ele não consegue sozinho, segundo, esse rebelde por causa do grupo que ele anda.” (J35F)*

*“Eu acho que são vários motivos, tem o sujeito que usa por curiosidade viu todo mundo usando e vai usar também, de repente, eu não sei porque fatores, ele gostou daquilo, achou que é uma boa viver em outro mundo, e continua usando. “(...) Em vez de buscar solução para o problema ele quer fugir naquele mundo ali.” (D38F)*

*“(...) talvez por ser uma pessoa mais fraca. Por que você tem obstáculos e problemas, todo mundo tem. Então as vezes falam assim: “Ah, porque fulano não tem pai” pode até ser que ele venha a usar drogas, venha a ser usuário, pelo problema da família dele, mas também não sei se é só por isso.” (S52F)*

*“Eles mesmo tem um grupo, se o grupo é grande ou pequeno, é aquele grupo. Eles não se misturam. Isso que eu achava, assim... que eu não sei, por isso eu falo da minha falta de experiência. A influência deles, com esse grupo, não é ,eu vejo assim, o grupo se aproxima deles, são eles que se aproximavam do grupo. O pessoal vinha até eles por curiosidade, porque viam que eles eram diferentes, até na forma de se vestir.(...) o adolescente tem curiosidade, ele vai atrás, aí é o perigo.” (C55F)*

### **3.1.9.2 Atitudes práticas com os alunos usuários**

A maneira como a escola e os professores lidam com o aluno que usa drogas é de salutar importância pois pode contribuir para a prevenção ou mesmo para a disseminação desse comportamento entre os alunos, o que parece acontecer em alguns casos.

*“Em primeiro lugar ele tem querer mudar , porque não adianta você falar: “eu quero que você mude, quero que você pare de beber”, se a pessoa não quiser não adianta nada,*

*então primeiro, tem trabalhar o emocional, trabalhar toda essa parte, para depois partir para uma clínica.” (M33F)*

*“(...) a única coisa que você tem que fazer é usar a sensibilização, tentar com que ela se conscientize que aquilo que ela está fazendo com ela não é legal. Acho que é só porque uma medida mais drástica, eu acho que a gente escolhe aquilo que a gente quer fazer. Cada um tem o direito de escolha. Acho que a pessoa... mostrando pra ela os malefícios, se ela achar que quer continuar...” (P29F)*

*“Primeiro saber porque, e depois tentar conversar, alertar tirar, não sei. Acho que isso seria o mais sensato, porque você simplesmente trancar o cara lá dentro num quarto, não vai adiantar, vai? Na hora que soltar...” (J35F)*

*“O procedimento que nós tínhamos com esses alunos, você procurava, na medida do possível, fazer com que ele aproveitasse as aulas, apesar da dificuldade que eles sempre tiveram, fazer o possível pra eles aproveitarem. Mas ao mesmo tempo, nós tínhamos medo desse aluno. Então você sempre tinha uma cautela com essa cobrança. (...) uma oportunidade eu mandei chamar o pai, e o pai não veio, veio a mãe e a mãe falou pra mim: “Olha, o que ele conseguir é lucro, porque ele usa droga desde criança e o pai também usa”. Então você está lidando com um problema que já tem uma extensão muito maior do que você pode fazer.” (C55F)*

*“(...) porque de repente você descobre que o aluno usa drogas e quem fornece é o próprio pai, que é traficante, como você vai envolver nisso? Como você vai falar com ele pra não usar, vamos conversar com sua família e tal... A não ser que ele te procure e fale: quero ajuda, preciso de ajuda. (M33F)*

*“Se eu sei que ele está usando, eu tento fazer sensibilização, mas não diretamente, porque se você fizer abordagem direta, é a pior coisa que pode fazer. Então, eu tento inserir aquele assunto... perguntar a opinião dele, o que ele acha. É nesse sentido que eu tento fazer. Diretamente eu não abordo porque eu sei muito bem que se abordar direto, nossa, eles ficam agressivos, super agressivos.” (P29F)*

*“Porque às vezes a gente fala que não tem certeza, mas pelo comportamento, eu desconfio que fulano... Tem que alertar, professores que trabalham na sala, a direção, pra estar observando melhor. Agora, de chegar: “Você está usando, você não está usando, você faz isso, você faz aquilo”, não. (A36F)*

*“Não, eu não me sinto preparada. Eu posso até ajudar nesse sentido: Olha você não está bem? Quer ir lá conversar com a direção da escola? Quer sair um pouquinho? Eu tento resolver dessa maneira, Mas assim, eu começar a falar, entendeu, eu não estou preparada, não faço.” (S52F)*

*“Eu acho que aí a gente tem que ser meio apelativo, a partir do momento que a pessoa está usando vale tudo, vale fazer tudo. A igreja, por exemplo, tem muitos encontros*

*religiosos para buscar motivação para superar esse momento em outras coisas que não as drogas.(...) por pior que sejam não serão piores do que as drogas, de um modo geral. (...)Você pode fazer muito, vai também da relação que você desenvolve com o aluno, a relação afetiva que você tem com ele. (...) Eles tem o professor como um referencial, já é um referencial para um momento de dificuldade de angústia, então ele vai buscar esse professor para conversar e não vai buscar isso nas drogas.” (M44F)*

*“Essa pessoa com certeza precisa de ajuda, agora qual é o tipo de ajuda que o Estado dá pra gente? Qual é o respaldo, existe um profissional disponível num posto de saúde que seja, que a gente pudesse encaminhar para alguém ou que essa pessoa se dispusesse a vir para ajudar essa pessoa que esta tentando sair das drogas. Por que tem esse ponto, tem aquelas que talvez até queiram uma ajuda. Vai ser difícil também, porque devem existir aquelas que não querem, e você vai fazer o que com elas? Ela não vai querer ajuda, você não pode obrigar, e ela vai continuar no meio, talvez até intimidando outras pessoas.” (D38F)*

*“(...) aviso que fulano saiu e não está bem, comunico a direção da escola, eu sempre faço isso, eu sempre chamo, a minha medida sempre é essa. (...) porque é mais fácil a direção estar conversando com esse aluno.” (S52F)*

*“(...) você recebe algum aluno e vê que o teu aluno, que você conhece a mais tempo, tá andando, tá tendo um comportamento diferente, aí você costuma alertar os pais.(...) Dentro das possibilidades da gente, porque tem casos, pode dar um problema, dar um rolo. Você vê o que tem de diretor e professor morrendo aí por conta disso, né? O que tem aí... então tem muita gente que finge que não vê um monte de coisas por segurança mesmo.” (A36F)*

Fica evidenciado nos relatos acima a dificuldade que os educadores encontram em lidar com alunos que usam drogas e a única estratégia adotada é tentar conversar com ele ou encaminhar o problema para a direção.

### **3.1.9.3 Medidas tomadas pela escola**

A expulsão dos alunos e punições assemelhadas não são tomadas pela escola. Segundo os professores, apesar de não haver uma medida padrão pré-estabelecidas

as providências consistem em conversas com o aluno e, em último caso, a comunicação aos pais, uma vez que eles relutam em tomar essa medida por ter receio da reação da família, que muitas vezes não aceita o “diagnóstico” da escola, de que seu filho estaria usando drogas.

*“A escola sempre tem aquela preocupação de que o aluno não fique isolado. Como um todo, a direção, quando se reúne com os professores, pra gente dar uma atenção maior pra esse aluno, todos são orientados pra isso. (...)Acho que poderíamos fazer muito mais, mas não sabíamos o que fazer.” (C55F)*

*“Na minha opinião, a família tinha que ser alertada, chamar na escola, conversar, expor o problema, o que está acontecendo, mas de uma maneira cuidadosa, por que muitas vezes os pais não aceitam assim no primeiro momento, eles não querem aceitar, oferecer ajuda, falar estamos a disposição o que podemos fazer...” (M33F)*

*“(...)a gente conversa entre a gente, os professores, mas não tem uma medida imediata, assim. (...)Então, eu acho que conversar é bom, porque às vezes eles precisam conversar mesmo, mas eu acho que não precisa ser só isso, né? Podia ser outra coisa. Acho que essa coisa de sensibilização, palestras, de fazer visitas a alguns lugares, ou chamar alguém mais especializado seria o “canal”, como diz o povo.” (P29F)*

*“Pelo que a gente já ouviu falar, o Sr. J. tenta conversar primeiro com a pessoa, tente chamar os pais. (...)Eu concordo, eu acho que a gente é complicado você chegar para o pai e falar: “olha teu filho usa drogas”. A gente na verdade também não tem certeza de nada, a gente nunca viu. Mas eu acho que gente podia ser mais assim, presente, não simplesmente falar, mas podia estar buscando mais, por que geralmente depois disso, o aluno acaba sumindo, acaba parando de vir para a escola, e a gente simplesmente esquece daquilo lá.” (J35F)*

A tônica das “conversas” nesses casos é a de tentar persuadir o jovem a não usar mais tais produtos o que pode soar a ele como mais um “sermão” sem surtir grande efeito, uma vez que como já foi destacado acima, os professores desconhecem completamente o assunto e isso impossibilita uma orientação adequada a esses indivíduos com conhecimento de causa.

### **3.1.10 Prevenção às drogas na escola**

No que diz respeito à prevenção, os professores são unânimes em afirmar sua necessidade e apontam a escola como o lugar adequado para que ela aconteça. Sublinham também que essas atividades tem que ser bem preparadas e efetivadas por pessoas conhecedoras do assunto e ainda, que tenham estratégias bem elaboradas para os alunos a que se destinam.

E, a exemplo dos alunos, afirmam que meras palestras informativas e atividades esporádicas não vêm surtindo qualquer efeito para a inibição do uso de drogas ou mudança no comportamento dos alunos.

Gostariam, segundo eles, de abordar o tema com os estudantes, saber o que fazer em determinadas situações, mas devido ao despreparo e a complexidade da questão, preferem se omitir ou “levar o caso à direção” na esperança que o problema se resolva.

#### **3.1.10.1 Atividades preventivas**

Quando solicitados à discorrer sobre a melhor forma de realizar a prevenção no meio estudantil, enfatizaram mais o que não deve ser feito, por inócuo e ineficaz, do que sugestões propriamente ditas, mas consideram eficazes os depoimentos de ex-usuários, como pode ser observado a seguir.

*“Eu acho que palestras, reunião com os pais... sempre cobrando dos pais essa preocupação com as drogas, uma fiscalização maior. Uma fiscalização, eu acho que seria importante. (...)Pessoal de fora, eu acho que tem uma força muito grande dentro*

da escola. Eles são muito interessados com coisas que vem de fora. E nessa novidade aí, não que fosse só assim, palestras simplesmente, porque a criança enjoa. Mas que tivesse show de música, de dança, que tivesse tudo o que eles gostam, e palestra junto. E acampar aqui na escola, até uma oportunidade eu falei isso. “Vamos fazer uma coisa assim que agitasse a criançada pra mostrar ‘olha como eles são bonitos, e que eles são lindos, e que eles já tem uma vida maravilhosa sem isso’”. Mas eles tem que estar juntos, individualmente não funciona. Em grupos pequenos também não...” (C55F)

“Olha, eu acho que já até é feito. Sabe, essas campanhas que a gente volta e meia tá fazendo, tem determinadas épocas do ano que existe trabalhos interdisciplinares, que fala e alerta sobre o assunto.” (A36F)

“Ter mais palestras, trazer pessoas pra dar depoimentos, trabalhar bastante depoimentos, mostrando como era minha vida antes de usar drogas, melhorou piorou. Pessoas que possam vir falar de sua vida como era e como é hoje, as conseqüências,”(...) (M33F)

“Eu acho que tem que mostrar, eu acho que a gente não pode nunca chegar a agredir um aluno, você tem que acolher. A escola tem que acolher todos com seus problemas, com todas as suas diferenças. E daí buscar chegar naquele aluno. Eu sei que é difícil, quase impossível isso, mas é a única forma, porque como que eu vou prevenir? (...)A prevenção de maneira assim, só falando, mostrando, buscando, mas não assim, uma coisa geral, mas pessoal mesmo, particular, com cada um. Não sei se isso seria possível e viável dentro da escola, mas é a única forma.” (J35F)

“Só palestra, já observei pelos meus anos transcorridos, que pode até fazer efeito somente nos anos iniciais. Agora só palestra, no ensino médio por exemplo, talvez ... teria que ter coisas externas à escola, sabe o empenho maior externo. Talvez de outros setores da sociedade, igrejas que ajudassem. Por exemplo vivências de pessoas que foram usuárias fazendo testemunho.(...)” (D38F)

“(...)você tem que estar trabalhando com eles, estar mostrando para este grupo de 15 a 20 alunos, porque é melhor que um grupo grande (...)os Psicólogos, vinham nos orientar e faziam com a gente, depois a gente fazia com os grupos pequenos. Nós pegávamos uma semana e íamos trabalhando, mostrando, fazendo dinâmica conversando e isso daí, agora, desde que eu vim pra Assis, nunca mais foi feito um trabalho neste sentido.” (S52F)

### **3.1.10.2 O papel da escola e do professor na prevenção**

No tocante à prevenção do consumo abusivo de drogas na sociedade, há um consenso entre a maioria dos pesquisadores de que a escola é o local ideal para a sua realização, pela natureza de sua função, que é a formação integral do cidadão, e por desempenhar o papel de socialização das crianças e adolescentes. Os docentes também retratam esse importante papel da escola em suas falas:

*“A escola tem um papel muito importante, e ela tem um papel de responsabilidade, porque essas crianças passam com a gente às vezes um período muito maior do que elas passam com a família. (...) Se faz pouco diante da responsabilidade que nós temos, porque nós estamos formando jovens. Então nessa formação teria que estar incluído, mas não só com um professor ou outro, deveria ser com todo o grupo. Mas nós não temos formação para isso. Até os professores tem vontade mas a formação nossa é muito limitada, nós não sabemos como lidar muito com o assunto, apesar da responsabilidade que nós temos e da obrigação que teríamos de sabermos disso daí. Acho que nós temos obrigação de saber. (...) Eles sabem sobre a droga muito mais do que nós. Quando nós aconselhamos, nós aconselhamos de uma forma tão ingênua e inocente, que acho que eles acham até graça.” (C55F)*

*“(...) Eu acho que mais na parte do conhecimento, mesmo, do que faz mal, pra pessoa entender o mecanismo biológico, vamos falar assim. E, dentro da escola, que aí eu acho que a escola não está preparada, é você trazer pessoas pra trabalhar essa parte mais afetiva, mais emocional. Porque o uso, porque está fazendo isso, né, levar a pessoa a refletir mais nesse sentido, que talvez seja o mais forte, né?” (P29F)*

*“Eu acho que a escola é um local bom pra isso, mas não acho que é uma função só da escola, a escola pode ser usada pra isso, existem matérias que abordam isso assim como a sexualidade, a questão da gravidez precoce. Mas não perder a chance de fazer esteja fazendo o que, for o professor na aula e de tratar a coisa de maneira correta normal, por que esta questão das drogas não pode ser tratada como tabu.” (M44F)*

*“Eu acho que aqui é o lugar ideal. Eu acho que se aqui, na nossa escola, tivesse a prevenção, quando o aluno entrar numa faculdade, ele já não vai ter mais aquela fragilidade para cair nas drogas lá para frente.” (J35F)*

*“Eu acho que o melhor é falar mesmo, dentro do conteúdo que você desenvolve, dentro dos temas transversais, você tentar conversar e orientar mesmo, é isso muita conversa muita palestra, é isso.” (M44F)*

*“Nesse sentido do conhecimento eu acho importante. Na prevenção de drogas de DST, sabe o que é como é, você conhecendo você evita. Nesse momento até os pais*

*envolvidos conversando. Essas crianças vão ter essa informação, vão passar essa informação para os filhos, então forma um ciclo, né? E que vai ajudar na sociedade como um todo. Mas para os mais velhos eu acho que precisa de alguma coisa mais concreta, nem imagino o que, porque deve ter pessoas, que estudam na área, com outras idéias assim diferentes.” (D38F)*

*“Um dos papéis da escola é esse, porque é educar o adolescente é educar o aluno. (...) Eu por exemplo, se tivesse que fazer um trabalho com grupos de jovens eu teria que estar me preparando. E esse material que seria passado para nós, teria que ser por pessoas capacitados, que estariam por trás nos orientando, mas como eu disse é um papel da escola sim.” (S52F)*

Por outro lado destacam a necessidade de serem capacitados para poder implementar atividades preventivas e poder enfrentar os problemas existentes na escola e poder lidar com os alunos usuários com mais naturalidade podendo oferecer a ele o apoio que por ventura venha a precisar. Com o nível atual de conhecimento que possuem sobre o assunto, não se sentem preparados para implementar atividades preventivas.

*“O papel do professor seria de alicerce mesmo, para que esse aluno não entrasse na droga. Eu acho que o papel nosso é esse não seria é! Agora, eu acho que nós sabemos pouco, como alicerce, nós teríamos que saber muito mais. Não só o que sai nos livros, é da prática mesmo, pra saber como lidar com o assunto. (...) A escola tinha que ter o material e estudar este material de choque para estes alunos pra mostrar mesmo o que a droga trás mais desastre na vida deles.” (C55F)*

*“Então eu acho que o professor primeiro é um modelo, segundo, o professor, ele tem acho que acesso a mais informações dessa questão de drogas do que eles. Então, tendo um acesso maior nessa questão de drogas, eu acho que o professor tem um papel de sensibilizador.” (P29F)*

*“Eu acho que o professor podia intermediar, passar as informações para essa outra pessoa que fosse tratar desse assunto, mostrar quais são aqueles possíveis problemas, os alunos que poderiam estar com problema em casa, mostrar o pessoal, o particular de cada um, para aquela pessoa trabalhar em cima daquilo lá.” (J35F)*

*“Olha, pessoalmente eu me sinto bem informada. Agora, preparada eu não sei... Acho que eu tenho muito problema em lidar com essa questão de drogas. (...) Eu acho que eu não me sinto preparada pra trabalhar com isso.” (P29F)*

*“Você está lá dentro da sala, aparece um problema ou falam-se de alguma coisa e tal, você orienta instrui, mas eu acho que é esse o trabalho. É complicado fazer alguma coisa, ou ser alguma coisa diferente, você entendeu? É mais na prevenção mesmo, e quando algum caso, mais sério, conselho e tal, mas se limita a isso. É complicado o assunto.” (A36F)*

*“A gente até fala, tem ocasiões que tem, né semana disso, daquilo e vamos fazer todas as disciplinas em conjunto se preparar, ler sobre o assunto, falar sobre aquilo que leu. Mas não é o suficiente, eu acho que não é suficiente, eu acho que nada substitui sujeito que ficou anos e anos estudando aquele assunto em especial. Ele tem outra formação ele vê a situação de uma outra maneira, e daí vai passar aquilo seja com as crianças, os adolescentes, adultos, é uma outra forma de ver.” (D38F)*

*“Mas eu não tinha muita experiência. Confesso que às vezes eu aprendia até com eles.(...)Eu não me aprofundava porque realmente eu não tinha experiência pra me aprofundar. Não tinha preparo nenhum. Então eu ouvia mais assim... porque eu achava que era importante. Talvez se ele tivesse alguém pra contar, porque o pai e a mãe ele já não podia tratar do assunto, talvez a gente pudesse ajudar como educadora, a orientar do meu jeito simples e... mas era muito bom, apesar da falta de experiência que eu tinha, eu achava muito importante. E aprendi muita coisa com eles.” (C55F)*

O desconhecimento do assunto é evidenciado pelos professores de maneira constante em seus discursos, mesmo assim são solicitados a enfrentar a questão diariamente, seja na orientação de algum aluno com problema nesta área, ou nas dúvidas manifestadas pelos estudantes, como não tem nada para ensinar sobre isso se limitam a fazer alguns comentários que não contribuem para dirimir as dúvidas e podem inclusive fortalecer ainda mais os preconceitos existentes e desestimular o debate.

Além das conversas com os alunos que eles consideram que precisam de ajuda, e de algumas palestras realizadas de forma esporádica, não existe nenhuma atividade preventiva consistente atualmente na escola, apesar de os educadores ressaltarem sua necessidade e urgência.

### 3.1.10.3 Nível de informação dos alunos sobre as drogas

Os alunos não possuem informações suficientes sobre as drogas, segundo os educadores, isso corrobora o que fica evidenciado nas discussões com os grupos de alunos, sendo mais um indicio da falta de atividades preventivas mais sistemáticas no segmento escolar.

*“Não. A informação que eles têm é a informação que os passantes dão pra eles, traficantes. Essa é a informação que eles têm. A informação que nós passamos pra eles é uma informação científica, eu acho que muito fraca diante do que oferecem lá fora.” (C55F)*

*“Não, eles não têm. Eles têm a prática, né? Eles vivem, eles usam, e eles acham que está bom,(...) eu acho que eles conhecerem a forma de ação das drogas, e levar eles a pensar porque uma pessoa usa drogas. E mostrar pra eles se é legal uma pessoa que usa drogas ou não. Se eles conseguissem fazer isso... Porque o cara que usa, ele não consegue perceber que é ruim.” (P29F)*

*“(...) Mas eu acho que são aquelas informações superficiais, que vem aqui, se você assistir aqui um palestra sobre drogas, é a mesma palestra que você assistiu no ano passado, ano retrasado, entendeu? Eu acho que as questões que eles conhecem é: tipo de droga, o que ela provoca, aquelas coisas práticas. Não é uma palestra para prevenir você à não usar. Eu acho que é aí é que falta , o jeito que é abordado o assunto.” (J35F)*

*“(...) eu acho que eles não têm. E se algum tem, eu acho que é muito pouco, eles não tem não. Eu acho que muitos caem mesmo por serem inocentes, bobinhos, sabe? Sem saber..” (S52F)*

*“É na verdade...no vamos ver acho que existe... eles na verdade, acabam não sabendo mesmo, sabia, a eu acho que eles não são tão bem informados assim, eles acham que pode usar, que quando quiser pára. Sabe, eles acham que é só... não têm aquela noção da gravidade mesmo do problema.” (A36F)*

### 3.1.11 Drogas e violência

Para os educadores o problema das drogas está diretamente associado à violência, compartilham a opinião que há esta relação causal direta, não somente em relação ao tráfico mas também ao consumo.

*“Todo tipo de violência hoje, de uma maneira geral eu acho que passa pelas drogas...” (A36F)*

*“De uma maneira geral sim. Você vê, o cara assalta sua casa... acho que noventa por cento da vezes ele usa antes, pra poder estar fazendo isso. Então eu acho que é o problema número um.” (A36F)*

*“Eu acho que as pessoas que se envolvem com a droga, não quem fuma de vez em quando, mas aqueles que precisam da droga, eles estão muito em contato com essa pessoas que são os marginais, que vendem a droga, que matam, que roubam. E eu acho que a violência está aí, e se eu começo a usar drogas todos os dias, continuamente, eu vou estar muito ligada com esse tipo de pessoa” (J35F)*

*“Eu acho que é 100% relacionada, ou é de maneira direta que o usuário não sabe lidar com a situação na dependência nem sempre ele tem o dinheiro pra comprar e acaba assaltando para comprar. Ou no momento que ele está fora de si, não tem controle sobre o próprio corpo ele se toma uma arma, e os acidentes causados pelo uso de álcool e drogas, assassinatos, está diretamente relacionado, não só a droga por que nem todo usuário é violento, mas na maioria dos casos está relacionado”. (M44F)*

*“Então é assim a pessoa desocupada leva a isso às drogas, leva a violência ao assalto leva a tudo. E esses adolescentes não tem o que fazer, não tem perspectiva de nada, você passa eles estão todos sentados na calçada. Não, eu acho que você tem que ter suas horas de lazer, você vai passear, mas tem que ter o trabalho.” (S52F)*

Consideram que os alunos usuários ficam mais violentos e agressivos quando começam a consumir drogas, mudando totalmente seu comportamento, o que os deixa bastante apreensivo quando desconfiam que alguém está indo por esse “caminho.”

*“Eles ficam agressivos, tanto verbalmente como fisicamente, são mais violentos.” (M33F)*

*“Porque você percebe que os alunos que são mais violentos dentro da escola, você percebe que são usuários de drogas, ou que não são usuários freqüentes, mas eles tem um grupinho, já tem uma coisa... E é violência em todos os sentidos, violência de bater mesmo, de partir para as vias de fato, como falta de respeito.” (P29F)*

*“(...) E aí depois ele acaba virando uma pessoas violenta, acaba roubando até dentro de casa pra sustentar o vício, a mãe as vezes acaba enfrentando problema até de ameaça dentro da própria casa, (...) E a gente lá na sala de aula, olhando para o sujeito, sabendo de tudo isso e de repente achando que... de repente ele pode estar ali sentado armado você não sabe. (...) Que jeito você vai explicar determinado conteúdo, imaginar que o sujeito vai aprender, pensando que tem um revólver ali e de repente pode estar apontado pra você?” (D38F)*

*“As pessoas em geral, que usam ficam, mas eu nunca peguei um aluno assim. Tem uns que são violentos verbalmente, se levantam contra o professor, mas sem partir pra ação mesmo.” (M33F)*

*“Pelos cursos que eu fiz, cada pessoa reage de maneira diferente. Não sei se são estágios, tem pessoas que tem um comportamento mais agressivo, tem pessoas que dormem sei lá, parece que tem vários sintomas, para reação de cada um. Mas eu acho que de uma maneira geral, quem usa assim, a maioria dos casos, eu acho que é mais nervoso, mais agressivo, apesar de ter casos que dormem. Ficam na carteira dormindo.” (A36F)*

*“(...) eles são mais violentos, eles se tornam lideranças negativas, por que outros acham interessante ter um amigo assim, ele impõe respeito, os outros temem, então é interessante ser amigo do fulano. Só que o fulano, muitos aqui acabaram mortos, a gente tem vários aí que morreram no presídio, ou na cidade, tiro por aí. Então eles não vêm por esse lado, eles não tem medo, eles só vêm pelo lado da liderança que impõe respeito, que os outros temem.” (D38F)*

Segundo MINAYO (1998), a complexidade do fenômeno da drogadição e sua articulação com a violência, não permitem um raciocínio simplista de causa e efeito, como geralmente é aceito pela sociedade. Para considerar determinado fato violento como causado pelo uso de drogas seria preciso conhecer a seqüência e interações dos fatos que precederam e sucederam esse acontecimento e sua relação com o uso da substância, o que nem sempre é possível determinar com precisão.

Quanto a existência de tráfico de drogas na escola e nas sua imediações os educadores dizem não ter conhecimento e nunca terem presenciado este fato pessoalmente.

A seguir serão apresentados os dados relativos as discussões com os alunos nos grupos focais, que permitem fazer uma análise do que eles pensam sobre o assunto, bem como uma confrontação com as opiniões emitidas por seus mestres.

### **3.2 O QUE DIZEM OS ALUNOS**

As discussões com os alunos participantes dos grupos focais são aqui descritas e retratadas com fragmentos de seus discursos. Na realização dos mesmos foram separados os meninos e meninas, conforme mencionado na metodologia, no entanto para facilitar a discussão os resultados são apresentados conjuntamente onde as características à cada grupo são apontadas. Tal procedimento se mostrou eficaz, uma vez que a problemática das drogas tem conotações diferentes entre os sexos: elas enfatizando questões ligadas ao corpo e a auto estima, enquanto os meninos, mais voltados à busca de integração nos grupos e influência e poder juntos aos seus pares.

Cabe ressaltar que houve muitos confrontos de idéias e diferentes opiniões e concepções dentro dos grupos, mas o clima geral foi de cooperação e respeito mútuo, entre usuários e não usuários e mesmo entre os que possuíam opiniões divergentes, mostrando assim um cumprimento satisfatório às regras estabelecidas.

Na tabela 3 são apresentados os dados pessoais, da família e contato com drogas, dos 48 alunos participantes dos grupos focais.

**Tabela 3- Características dos sujeitos**

<b>Sexo</b>	
Masculino	24 (50,0%)
Feminino	24 (50,0%)
<b>Faixa etária</b>	
13 anos	17 (35,4%)
14 anos	14 (29,1%)
15 anos	12 (25,0%)
16 anos	05 (10,4%)
<b>Religião</b>	
Católica	22 (45,8%)
Evangélica	21 (43,7%)
Nenhuma	05 (10,4%)
<b>Família</b>	
Vive com a família	43 (89,6%)
Outros	05 (10,4%)
<b>Atividades preventivas</b>	
Participou*	39 (81,2%)
Nunca participou	09 (18,8%)
<b>Gostaria de participar</b>	
Sim	44 (91,7%)
Não	04 ( 8,3%)
<b>Alguém da sua família bebe demais?</b>	
Sim	29 (60,4%)
Não	19 (39,6%)
<b>Alguém da sua família usa drogas?</b>	
Sim	27 (56,3%)
Não	21 (43,7%)
<b>Já experimentou cigarro?</b>	
Sim	21 (43,7%)
Não	27 (56,3%)
<b>Já lhe ofereceram drogas?</b>	
Sim	15 (31,2%)
Não	31 (64,6%)
Não responderam	02 ( 4,2%)
<b>Já experimentou drogas?</b>	
Sim	08 (16,7%)
Não	38 (79,2%)
Não responderam	02 ( 4,2%)

\*A maioria participou do Proerd<sup>5</sup>.

As discussões oriundas dos grupos focais com os adolescentes foram analisadas com base na *análise de conteúdo* descrita no início do presente capítulo. Para tanto foram agrupadas em categorias e subcategorias descritas no quadro 2.

**Quadro 2- Categorias e subcategorias extraídas das discussões dos grupos focais**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Percepção sobre as drogas	
Conhecimento sobre as drogas psicoativas	Alcool e cigarro
	Drogas para emagrecer
Conseqüências do uso de drogas	
Efeitos do uso de drogas	
Motivação para o consumo	
Fontes de informações	
Drogas na escola	Percepção em relação aos alunos usuários
Drogas no local de moradia	
Prevenção	

### **3.2.1 Percepção sobre as drogas**

As drogas estão presentes na vida cotidiana dos alunos de forma direta, pela experiência pessoal de uso ou de colegas usuários, ou de forma indireta, através dos relatos dos outros. Assim sendo, este assunto não é algo hipotético e distante de suas vidas, mas algo que eles vivenciam rotineiramente.

De um modo geral, os adolescentes manifestaram uma opinião contrária e negativa em relação às drogas e, em muitos casos, transparece mais uma convicção

peçoal do que uma decisão tomada com base no conhecimento sobre as substâncias e seus efeitos, mesmo porque a maioria não demonstrou possuir um conhecimento suficiente e aprofundado sobre o assunto.

Mesmo assim, fica nítido que falta aos não-usuários um conhecimento maior que possibilitaria uma argumentação mais convincente, para sustentar sua atitude contrária frente às drogas, e assim fica percepção que os “especialistas” no assunto, no âmbito escolar, são os colegas que consomem.

Transparece em suas falas o julgamento de valor e argumentos de fundamentação moral, repercutindo muitas idéias que existem na sociedade e são expostas na mídia, com freqüência, conforme pode ser verificado a seguir:

*“Eu acho que perda de tempo, porque tipo você usa drogas pra fugir das coisas né? Não é porque é boa, sei lá pra fugir dos problemas que você tá tendo, então você vai lá e usa drogas, então é perda de tempo perda de dinheiro.” (GF1F)*

*“Você poderia usar em outras coisa, tipo ajudar sua mãe, cinco reais, dez reais você vai lá e junta já dá pra comprar um saco de arroz pra sua casa e tem que enfrentar os problemas porque quanto mais foge mais os problemas vem, eu acho que assim é perda tempo, desse jeito.” (GF1F)*

*“E é uma coisa que não leva a lugar nenhum.” (GF2F)*

*“Eu acho que as drogas levam para o caixão, a única coisa...” (GF2F)*

*“É igual o que dizem da droga: “você acende ela e ela apaga você.” (GF2F)*

*“É uma coisa que faz mal para a saúde, só prejudica.” (GF5M)*

*“Drogas... tipo assim tem pessoa que usa drogas para ver como é que é e acaba viciando.” (GF6M)*

---

<sup>5</sup> Proerd – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência que é desenvolvido pela Polícia Militar para alunos da 4ª série do Ensino Fundamental.

*“Eu penso assim, vai levar ao quê? Não tem futuro, você usar drogas, nada.” (GF3M)*

*“Porque se fumar droga, ninguém arruma serviço pra você, você não tem um serviço fixo, vai ficar no mundo jogado, porque a mãe vai expulsar de casa, as vezes acontece isso.” (GF3M)*

A percepção que há um consumo generalizado de drogas, principalmente a maconha, é consensual entre os adolescentes, mesmo entre aqueles que aparentemente nunca à utilizaram:

*“Normalmente maconha, a maioria dos casos que usam é maconha. Eles vão viciando cada vez mais, a maconha não vai dando aquela sensação da primeira vez, ai eles vão evoluindo até se matar.” (GF6M)*

*“Ah, maconha eu acho que é normal. É normal os meninos fumarem por aí.” (GF4F)*

*“É igual cigarro.” (GF4F)*

*“Maconha é normal, você pega assim, aqueles negócio, papelinho que vem no pão, enrola assim como um cigarro, fuma e já era.” (GF4F)*

*“Acho que de todas a maconha é a mais comum, você vai jogar bola tem gente fumando, aonde você vai sempre tem alguém fumando.” (GF5M)*

*“Às vezes você vai trabalhar em algum lugar que tem outros caras, sempre dois ou três fumam.” (GF5M)*

*“Os meninos que eu conheço, todos fumam.” (GF4F)*

*“Eu também. Ali na rua da minha casa, por exemplo, está cheio...” (GF4F)*

*“Festas então, nem se fala, sempre rola.” (GF5M)*

*“Principalmente as pessoas de baixa renda.” (GF6M)*

*“Alguns cheiram cola em festas.” (GF5M)*

*“Bebida também, as vezes o cara está triste vai lá no bar e enche a cara.”(GF5M)*

*“Muitos saem do serviço direto para o bar.” (GF5M)*

*“Maconha é baratinho.” (GF5M)*

*“Quando não tem nem para a maconha toma uma pinga.” (GF5M)*

A maconha parece ser a droga mais conhecida pelos alunos e segundo eles também a mais consumida, contrastando com os dados epidemiológicos disponíveis (KAPPANN, et al. 2004). Também destacam o consumo de bebidas alcóolicas, que aparece em vários momentos e em praticamente todos os grupos.

O argumento da utilização medicinal da maconha, muitas vezes evocado por usuários ou simpatizantes da legalização da mesma, apareceu na discussão de um dos grupos.

*“Sei lá, a maconha é uma erva, é uma planta e a maconha também é um remédio. Entre o remédio e a droga só muda a quantia.” (GF6M)*

*“Você pode pesquisar, é um remédio.” (GF6M)*

*“O que é que cura eu não sei, ela dá força para você comer, se você tiver anemia... não entendo muito disso mas é um remédio também.” (GF6M)*

*“Qualquer remédio é droga, você não vê a farmácia chama-se drogaria, se tomar qualquer remédio demais vicia...” (GF6M)*

Somente em um dos grupos foi mencionada a possibilidade da liberação das drogas, e assim mesmo, prevaleceu discursos contrários à liberalização.

*“Se liberassem a maconha teriam que liberar também as outras drogas que são piores e isso iria causar muitos problemas...” (GF5M)*

*“A maconha é a que é mais vendida.” (GF5M)*

*“Porque é a mais barata, qualquer um pode comprar.” (GF5M)*

*“Acho que não devia liberar nenhuma.” (GF5M)*

*“E a maconha também já está quase sendo liberada.” (GF5M)*

*“Tem lugar em outros países que até já liberaram.” (GF5M)*

*“Cigarro também é droga e é liberado.” (GF5M)*

### **3.2.2 Conhecimento sobre as drogas psicoativas**

O conhecimento que os estudantes demonstram possuir em relação às drogas psicoativas e demais fatores relacionados, como dependência, efeitos, tipos e nível de consumo não corresponde com a realidade demonstradas pelos estudos feitos no segmento escolar. Por outro lado, as informações por eles adquiridas são advindas das suas próprias observações e conversas com usuários. Citam também a convivência com consumidores e com a observação do tráfico e o consumo nas proximidades de suas casas ou na própria família. Cabe lembrar que 56% deles, quando questionados, disseram haver um usuário de drogas na família e isso pode ser caracterizado como um fator de risco (SANCHEZ, 2004; SLOBODA, 2004). Porém, nem sempre, o fato falarem muito sobre o assunto e com certa desenvoltura significa que sejam usuários, ou tenham um conhecimento apropriado sobre o tema. Muitas vezes simplesmente se apropriam desta forma de falar e da linguagem característica, por influência do meio ambiente em que vivem e do contato com usuários.

Por outro lado, procuram impressionar os colegas e até os professores que, sem ter um conhecimento maior sobre o assunto, não sabem se eles estão falando sério ou brincando e fica a falsa percepção de que quase todos os alunos são usuários de drogas. Tal constatação fica evidente quando os professores dizem ser o crack a droga

mais consumida, o que não corresponde com a realidade retratada pelas pesquisas e nem com a conversas com os alunos. Seria mais correto afirmar que o crack é a droga mais comentada pelos adolescentes desta escola, o que não significa que seja a mais utilizada.

As drogas mais citadas pelos alunos foram a maconha, crack, cocaína, cola, álcool e cigarro. Também citam a “pedra”, que serve para designar o mesclado<sup>6</sup> ou o crack, não havendo uma diferenciação muito clara em alguns momentos.

*“Mas tem todo tipo de drogas cigarros, bebidas.” (GF1F)*

*“Cigarro, maconha, crack, pedra, cocaína, cola...” (GF1F)*

*“Mesclado, pedra..” (GF2F).*

*“Maconha é o que mais falam.” (GF2F).*

*“ecstasy, farinha...” (GF2F)*

*“Boa noite cinderela.” (GF2F)*

*“Um amigo meu, eu já vi fumando pedra e a maconha .” (GF2F)*

*“Aquela que aplica... Cocaína...” (GF4F)*

*“Crack, cola, pedra. Já vi todo o tipo.” (GF4F)*

*“Eu acho difícil que eles usem todo tipo de drogas, fumam mais é a maconha e o crack.” (GF5M)*

*“Na escola os que usam, na maioria é maconha.” (GF5M)*

*“Drogas tem bastante... pedra, farinha, haxixe.” (GF5M)*

*“Tem lança perfume.” (GF5M)*

---

<sup>6</sup> Mistura de maconha com cocaína, dependendo da proporção é fumada da mesma forma que o crack ou a maconha.

*“A bebida é geral, todo mundo toma.” (GF5M)*

*“Tem uns que fumam maconha e não fumam pedra.” (GF5M)*

*“Se o cara estiver no mesclado, pronto já está na pedra.” (GF5M)*

Cabe ressaltar que eles destacam também as substâncias lícitas tabaco e álcool, na mesma categoria que outras drogas, o que nem sempre acontece na mídia e na sociedade de um modo geral, que evidência mais as drogas ilegais (NOTO et al., 2003).

Não há um consenso claro de qual seria a pior droga entre todas. Nota-se, no entanto, que eles fazem esta análise a partir de suas próprias experiências, seja na observação de colegas ou familiares, ou mesmo consideram piores àquelas que despertam mais curiosidade neles próprios:

*“Ah, é a cola.” (GF4F)*

*“É a cola, porque é a mais cara, muito mais cara...” (GF4F)*

*“A única coisa pior é a cola, você pega e ela já vicia na hora.” (GF4F)*

*“Maconha, pedra.” (GF3M)*

*“Farinha.” (GF3M)*

*“Crack.” (GF3M)*

*“Lança perfume.” (GF3M)*

### 3.2.2.1 Álcool e cigarro

O tabaco e as bebidas alcoólicas são reconhecidos como drogas pelos estudantes e ressaltam seus malefícios. No entanto, alguns deles, consideram que sejam menos prejudiciais do que as drogas ilícitas.

*“Cigarro também é droga.” (GF5M)*

*“Faz mal, eu acho assim, mas se você beber moderadamente, ai não faz tão mal assim não...quanto as drogas mas se você ultrapassar seu limite...” (GF2F)*

*“Tudo é vício.” (GF4F)*

*“Cigarro é droga, tem nicotina.” (GF4F)*

*“Os meninos bebem muito.” (GF4F)*

*“...Tem umas meninas pequenas que bebem e fumam. (...) Dá até dó dessas criancinhas.” (GF4F)*

*“A molecada bebe também mas é mais assim à noite ou nos finais de semana.” (GF5M)*

*“Mas quem já é viciado não tem dia e não tem hora.” (GF5M)*

*“Tem uns alunos que bebem todos os dias antes de vir para a aula.” (GF5M)*

*“Tem muitas meninas que bebem também, não é só homem.” (GF5M)*

*“Tem festas que as meninas detonam tudo, muito mais que nós.” (GF5M)*

*“Tem bastante gente que fuma aqui na escola, na nossa classe mesmo tem bastante.” (GF3M)*

*“Geralmente quem fuma pedra bebe pinga, pinga pura, por que ele fuma a pedra e bebe a pinga para ficar mais louco ainda.” (GF5M)*

A fala dos participantes corrobora os dados de vários estudos que apontam o álcool e o cigarro como as drogas mais consumidas e mais toleradas, até mesmo no meio estudantil (GALDURÓZ et al., 2005).

Conforme já foi mencionado no Capítulo I, essas drogas são as que deveriam causar mais preocupação na sociedade, não só pelos danos que causam aos indivíduos e à saúde pública, mas por serem as primeiras consumidas pelos jovens, antes de se envolverem com as substâncias ilícitas (SANCHEZ; NAPPO, 2002).

Por outro lado, cerca de 60,4% dos alunos participantes, acham que alguém de sua família bebe demais evidenciando assim a forte presença da bebida alcóolica também no ambiente familiar e a tolerância social e cultural com que é tratada pela sociedade.

O consumo de álcool pelos adolescentes é um problema social considerável. Em um estudo anterior, com uma amostra da população estudantil da cidade de Ourinhos-SP, foi possível verificar que 25,4% dos estudantes disseram que beberam até se embriagar, 33,0% tomaram bebidas alcóolicas pela primeira vez em casa e para 25,9% foram os próprios familiares que lhes ofereceram ( KAPPANN; GUIMARÃES, 2002).

### **3.2.2.2 Drogas para emagrecer**

O consumo de substâncias para emagrecer surgiu nas discussões de todos os grupos de alunas, onde muitas delas relataram seu uso e a opinião de que este tipo de medicamento também é uma droga. Mesmo assim elas declararam estarem insatisfeitas com sua aparência física e pretendem perder peso, nem que para isso

tenham que recorrer à métodos inadequados e prejudiciais à saúde, como o hábito de fumar, ou consumir “*qualquer coisa que emagrece*”.

*“Eu já tomei Desobesi, Lipozam, Pazanol, a gente compra receita, paga pro médico e ele dá.” (GF1F)*

*“Já tomei chá verde.” (GF1F)*

*“Vinagre...” (GF1F)*

*“E esses remédios naturais é história e também faz mal.” (GF2F)*

*“E outra coisa, é uma droga também!” (GF2F)*

*“Eu já fiz até simpatia para emagrecer.” (GF2F)*

*“Eu penso em emagrecer.” (GF2F)*

*“Eu tinha uma amiga que queria engordar e eu queria emagrecer.” (GF2F)*

*“A única coisa que eu queria emagrecer é a barriga.” (GF2F)*

Na fala das meninas que declararam não querer mais emagrecer fica nítido o fato de que, na verdade, elas se conformaram com esta condição, principalmente por não ter obtido sucesso em suas tentativas, o que não significa que isso deixou de ser um problema para elas. Apontam inclusive o preconceito social com as pessoas que se encontram acima do peso considerado normal:

*“Mas a gente é meio discriminada...” (GF1F)*

*“Mas a gente é gordinha mas é cheirozinha, limpinha, tem muitos magros que são fedidos, mal arrumado, mal acabado antes ser um gordinho cheirozinho do que um magrinho fedido passando fome... Eu tomei os remédios mas não adiantou, não emagrece nada.” (GF1F)*

*“Eu queria emagrecer, todo mundo quer, mas agora não quero mais, sei lá... eu sou gorda e não tenho vergonha de ser gorda não, agradeço a Deus por ser gorda e ter saúde, tem muita gente que não tem a saúde que eu tenho.” (GF1F)*

*“O que é que adianta, você toma comprimido para emagrecer, você para vai engordar de novo.” (GF2F)*

*“Tem muita gente que é magra e não tem saúde.” (GF1F)*

Há um certo consenso entre as meninas sobre a “eficácia” do uso de cigarro para emagrecer. A citação abaixo demonstra a crença no consumo desta substância, estritamente com a finalidade de perder peso e o esforço empreendido para tal propósito:

*“Eu comecei a fumar para emagrecer, “eu vou fumar para emagrecer”, eu estava com isso na cabeça. Mas minhas amigas elas falavam: “Eu sou gorda e sempre fumei, isso vai de pessoa pra pessoa, quer emagrecer fecha a boca”, fechei a boca e emagreci. Quando eu fumava para emagrecer, dava dor de cabeça, não estava me sentindo bem, mas continuava fumando para emagrecer!” (GF2F)*

As meninas também apontam uma pressão por parte das mães para que emagreçam e mantenham um corpo perfeito, mas sem que elas proporcionem as condições adequadas para isso e nem fornecem as devidas orientações.

*“Minha mãe falava, ‘você come de mais é muito gulosa’, aí eu falava ‘tem que dar graças a Deus de ter uma filha assim tão saudável.’” (GF2F)*

*“Minha mãe falou ‘vamos tomar sorvete, mas é uma bola só, senão você vai ficar muito gorda’. ‘Você vai ficar aí gorda, as outras vão estar bonitinha na rua’, ela fala desse jeito pra mim.” (GF2F)*

*“A minha ela fala ‘vai ficar com tudo caindo, vai ficar feia...” (GF2F)*

*“...’Tem 15 anos e um corpo de 40 anos, eu que tenho cinco filho tenho um corpo melhor do que o teu’, minha mãe fala.” (GF2F)*

*“Eu faço regime nem falo pra minha mãe para ela não ficar atormentando minha cabeça.” (GF1F)*

*“Se a gente come reclama, se não come reclama também.” (GF1F)*

*“A minha fala: “vai menina, vai fazer um regime você esta muito gorda’.” (GF1F)*

*“A minha mãe fala: “eu não vou mais prender não, senão vai falar que estou regulando comida” aí eu falo: “tá regulando comida. Ela fala quando tiver 15 anos pára, arrumar namorado pára.” (GF1F)*

Como evidenciado nos relatos acima, a questão estética e a satisfação com o próprio corpo é uma constante entre as meninas e pode estar na origem do início do uso de drogas, não só as medicamentosas para emagrecer ou levantar o “astral”, mas também as ilícitas para conseguir uma maior integração aos grupos e compensar a imagem negativa que tem de si mesma, com base na insatisfação em relação ao próprio corpo.

Os fragmentos apresentados demonstram a importância deste tema para as meninas e esclarecem, em parte, o índice significativo de consumo de substâncias medicamentosas pelo sexo feminino nas pesquisas epidemiológicas (GALDURÓZ et al.,2005; KAPPANN; GUIMARÃES, 2004).

Neste aspecto, as atividades preventivas que visem a diminuição do consumo de drogas não podem prescindir também de uma orientação para a valorização do próprio corpo e a desconstrução do estereótipo sobre o modelo de corpo perfeito colocado na mídia, que muitas vezes não condiz com a realidade.

Os regimes para emagrecer e a vontade de perder peso, são assuntos importantes para as meninas e não devem ser ignorados na prevenção. Caberia

portanto, fornecer também orientações nutricionais e alimentação saudável, exercícios físicos e práticas de esportes, para aquelas que queiram perder ou manter o peso.

Esse aspecto do fenômeno da drogadição é pouco lembrado quando se fala em prevenção às drogas e também não chama muita atenção da família ou da escola, porque são meninas “bem comportadas” e “quietinhas” não despertando suspeitas e por isso não são consideradas como grupo de risco.

### **3.2.3 Conseqüência do uso de drogas**

No tocante às conseqüências da utilização de drogas na vida das pessoas, os alunos são implacáveis quanto aos malefícios que elas causam, deixando claro um julgamento de valor que vai muito além do produto em si. Assim eles se expressam:

*“Vai dar cadeia ou cemitério.” (GF2F)*

*“E acaba com a pessoa, memória das pessoas, minha amiga mesmo, você tá falando com ela e ela está assim “no mundo da lua”. Ela está falando, que nem nós aqui e ela se perde na conversa e fala: o que vocês estavam falando mesmo?, não presta atenção no que estão falando.” (GF2F)*

*“E a droga além de acabar com a vida acaba também com a família inteira.” (GF2F)*

*“Crack mata.” (GF5M)*

*“Tudo faz mal para a vida.” (GF5M)*

*“Acaba com a pessoa...” (GF4F)*

*“Agora se está viciado só tem dois caminho: cadeia ou morte.” (GF5M)*

*“Imagina assim, moleque de 12 anos fuma e a mãe dele não está sabendo, uma pessoa vem e diz: “seu filho está fumando drogas...” (GF2F)*

*“Eu acho que todos sabem que faz mal, mas depois que entra não tem mais jeito.” (GF5M)*

*“Aí começa a roubar até pai, mãe.” (GF5M)*

*“Por que quando a pessoa está começando e ela for forte ela consegue ainda sair, se quiser, mas depois é difícil.” (GF5M)*

*“Lá perto de casa o cara fumou maconha e matou o vizinho.” (GF4F)*

*“Então, aí quando você compra uma droga, com aquele dinheiro o cara pode comprar uma arma.(...)” (GF3M)*

*“É, a pessoa perde tudo, chega vender até as cuecas para comprar droga.” (GF6M)*

*“Lança perfume vicia pra caramba.” (GF5M)*

*“Dá câncer de boca [cigarro].” (GF3M)*

*“Os caras começam na maconha e depois vai fundo nas outras.” (GF5M)*

A percepção sobre as conseqüências drásticas do consumo de drogas podem evitar que eles tenham o primeiro contato com as drogas porém, uma vez que se tornem usuários terão a sensação de que tudo está perdido e não tem mais salvação, este tipo de raciocínio poderá impedir, eventualmente a recuperação desses indivíduos se acaso se tornarem dependentes e precisarem de tratamento.

A opiniões por eles manifestadas podem ser efeito da observação diretas dessas conseqüências, bem como fruto do discurso preventivo de “guerra às drogas”, essencialmente baseado no amedrontamento, visando mantê-los longe das drogas, tanto por parte da família como da escola e da sociedade de um modo geral (BUCHER, 1994).

Discurso este, que não é considerado eficaz pelo simples fato de não ser baseado na realidade, e isso o adolescente constata assim que experimenta essas substância e percebe que não acontece nenhum efeito “devastador”. Tal discrepância e

incompatibilidade entre o discurso preventivo e a sua experiência faz com que passe a não mais acreditar em tais discursos, tornando-se assim ainda mais suscetível às drogas.

### 3.2.4 Efeitos das drogas

Entre os adolescentes não há consenso sobre a ação das drogas no organismo. Citam os mais diversificados efeitos com base na observação das pessoas que usam, inclusive não delineando claramente os efeitos físicos e sociais e nem distinguindo o uso ocasional da dependência:

*“Eles ficam doidão.” (GF4F)*

*“Só que eles sabem, tem uns amigos meus que sabem o que falam. Quando eles baforam cola já é outra coisa, eles ficam babando, entendeu? Agora, maconha é diferente.” (GF4F)*

*“É, porque senão fica louco. “Eu quero aquilo, meu Deus, eu sou viciado naquilo”.” (GF4F)*

*“Eles pegam dinheiro, eles roubam, eles ficam nervosos.” (GF4F)*

*“Eles ficam com os olhos assim, bem vermelhos assim.” (GF4F)*

*“Maconha é a mais fraca, só dá moleza.” (GF5M)*

*“Se beber e depois fumar começa a passar mal.” (GF5M)*

*“A farinha só dá mais efeito com a cerveja, senão não dá nada só fica agitado, agora se tomar alguma coisa alcoólica junto...” (GF5M)*

*“Tem outros que já ficam bem quietos.” (GF5M)*

*“Tem uns que já são “zueira” sem estar “chapado”, quando chapa fica pior ainda.” (GF5M)*

*“Eu ouvi em uma palestra que a pessoa que usa, assim muita droga, se machucar demora mais para cicatrizar do que a gente.” (GF5M)*

*“Os que usam direto emagrecem.” (GF5M)*

*“Fica seco, parece até que está com AIDS.” (GF5M)*

*“Mas é só quando está fumando pedra,[emagrece] por que a maconha faz é engordar, por que dá fome pra caramba.” (GF5M)*

*“Ela tem visões que não estão acontecendo.” (GF3M)*

*“Quando fica fumando maconha, fica a saliva, assim quando vai cuspir, não sai nada, sabe? Fica assim no canto.” (GF3M)*

*“Tem gente que embala mesmo depois dá uma parada e depois volta à usar de novo... começa a fissura.” (GF5M)*

*“Dá cirrose. ” (GF3M)*

Mesmo eles se considerando bem informados e falarem com desenvoltura sobre o assunto, transparece a falta de conhecimento básico sobre as drogas e seus efeitos, misturando preconceitos sociais, julgamentos pessoais e dados inverídicos, que muitas vezes não correspondem à realidade.

As informações apropriadas, além de serem úteis para evitar o uso inadvertido dessas substâncias, possibilitariam o entendimento do que acontece com o próprio corpo facilitando a monitoração da saúde, em caso de uso, evitando doenças relacionadas e tomando consciência dos danos e até mesmo identificando uma possível dependência.

### **3.2.5 Motivação para o consumo**

Diferentes são os fatores motivadores, apontados pelos adolescentes para o consumo de drogas e estão relacionados tanto aos aspectos sociais como pessoais. A importância desses fatores, reside no fato de eles estarem falando de si próprios, ou seja seriam razões que de uma certa forma, justificaria o uso de drogas, por outro lado mostra a atitude de cada um frente à questão e para com o usuário.

Os motivos alencados por eles são divididos em tópicos para melhor visualização:

### **Curiosidade**

*“Vai por curiosidade e depois não sai mais.” (GF6M)*

*“Igual falam, a primeira vez você não sente nada, aí vai para a segunda, mais ou menos, aí vai para a terceira, aí já foi.” (GF2F)*

*“Tem um amigo meu que fala que é super gostoso.” (GF4F)*

*“Um pouco de curiosidade. Como é que deve ser? Será que é bom? A primeira vez que ele usa ele gosta, aí começa e vicia.” (GF6M)*

*“Aí ele pensa que tem o controle, que pára quando ele quer, mas não consegue.” (GF3M)*

*“Tem gente que é assim mesmo, a época que é perigoso é na adolescência, por que você esta experimentando as coisas novas da vida, aí depois fica mais velho e ele pára, outros não, continuam e não param nunca mais.” (GF6M)*

### **Fuga dos problemas**

Mesmo acreditando que algumas pessoas podem buscar nas drogas a solução para os seus problemas, eles argumentam que isso não resolve e tende a agravar a situação.

*“Na minha opinião, tem muitas pessoas que falam, que vão nisso por algum problema, mas sei lá, eu acho, se for por causa de problema, então está perdido, porque problema é o que mais tem, todo mundo tem.” (GF2F)*

*“Eu acho que a maioria é problema familiar, o pai e a mãe separa.” (GF1F)*

*“Se sente desprezado pelos outros, se sente diferente.” (GF1F)*

*“Eu acho que não é tanto por causa de problema, porque meu pai separou da minha mãe, eu tinha 9 anos, senti falta lógico, meu irmão, meu tio foi preso, tive tio que morreu, e só usei droga depois dos 13, e com frescurinha.” (GF1F)*

*“Às vezes a pessoa usa sentindo que vai fazer bem, vou usar, vou esquecer os problemas...” (GF2F)*

*“O que é que adianta? (...) É depois o problema volta, quando volta a si o problema está aí de novo.” (GF2F)*

*“Ah, quando dá nervoso, dá vontade.” (GF4F)*

*“Para animar.” (GF5M)*

*“Para escapar dos problemas.” (GF4F)*

*“Pra esquecer.” (GF4F)*

*“Pra roubar e depois falar assim ‘não roubei’.” (GF4F)*

*“Às vezes eles usam drogas para resolver um problema que está dentro de casa, está com a cabeça meio atrapalhada, e o que ele vai fazer? Vai procurar alguma coisa para usar como encosto, então vai para as drogas.” (GF6M)*

### **Influência dos amigos**

As amizades com pessoas que consomem drogas é mencionada como um fator facilitador do uso, porém para a maioria o grupo não é determinante, o que condiz também com a fala de alguns professores que ressaltam o fato de o aluno buscar o grupo de usuário e não o contrário, ou seja, quando ele sente vontade de experimentar ele vai atrás de quem usa.

*“(...) tenho um colega que usa, colega meu mesmo eu descobri que ele usa não é só porque ele usa que eu vou usar. Mas tem gente aí de cabeça fraca, aí ele fala, eu uso, eu me sinto nas nuvens e todo mundo me respeita sabe, ainda mais se é um bem acabadinho que todo mundo zua, aí ele pega e vai, mas tem gente que não vai no embalo dos outros assim.” (GF1F)*

*“Tem muitos que falam que a pessoa, quando vai fumar droga é outro que leva, né? Mas eu, na minha opinião, acho que não, acho assim: tem pessoas que oferecem mas tem que ter cabeça, se a pessoa sabe que é errado, que não pode, que prejudica a gente, pra que vai fumar.” (GF2F)*

*“Eu acho que depende da companhia também, se você sai com uma pessoa que fuma, você vê aquela pessoa fumar, você acha legal, acha bacana aquela pessoa, que fuma fica alegre, eu acho que o incentivo está nisso.” (GF2F)*

*“Mas ninguém manda em ninguém.” (GF2F)*

*“Esse negócio de falar que fulano fumou por causa dos outros... fuma porque quer.” (GF2F)*

*“Não é influência de amigos, porque eu usei porque eu quis experimentar para ver como é que era, tinha uma pessoa perto de mim, que me deu, mas ela falou: “você quer usar? Não é bom” Mas na hora eu senti vontade de experimentar.” (GF2F)*

*“Você esta no meio ali e todo mundo fumando, você fuma também, por que eles fazem uma rodinha e vai passando, você esta ali no meio deles acaba aceitando.” (GF5M)*

*“No meio dos amigos é uma coisa, você fica “louco” escuta coisas, fica ligado... nem escuta o pai e a mãe falar que é ruim, que faz mal...” (GF5M)*

*“Se o cara fizer muitas amizades, freqüentar muitas festas assim que os amigos fumam, aí o cara não pára, vai fumando junto com eles e aí vicia. Mas se ele fumar uma vez, depois outra vez só quando encontrar os caras, não vicia muito, agora se o cara sai direto...” (GF5M)*

*“Para o cara entrar nas drogas, depende das amizades, se ele tem amizade com caras que não fumam nada, como ele vai experimentar?” (GF5M)*

*“Ninguém é obrigado a fumar.” (GF5M)*

*“É, ninguém fica fazendo pressão, isso aí não.” (GF5M)*

*“Os caras oferecem, se você está na roda, mas se você fala “eu não quero”, e se um deles começar a pressionar os outros já falam: ‘deixa o cara, se ele não quer fumar deixa ele quieto.’” (GF5M)*

*“Esse negócio de que o outro leva para esse caminho é conversa, vai quem quer.” (GF5M)*

*“Depende da pessoa, se a pessoa tiver cabeça.” (GF6M)*

*“Ele começa também por que vê um grupinho e pensa, “os caras são legais vou me juntar a eles”, aí ele começa a usar também.” (GF6M)*

*“Pode ser até um cara tranqüilo, mas se ele tem um amigo que usa e faz coisa errada ele vai na “fita” do amigo e aí se perde.” (GF3M)*

Apesar de não ser uma unanimidade, a maioria dos adolescentes não acreditam que os amigos influenciam na decisão de usar drogas e percebe-se em suas falas que, se existe tal pressão por parte dos usuários, isso ocorre de forma indireta, *“está todo mundo ali na rodinha, experimenta quem quiser”*, enfatizam os adolescentes.

A opinião de que *“ninguém obriga a usar”* é a tônica do discurso dos adolescentes. Esta ênfase na responsabilidade pessoal perante as suas escolhas nem sempre é percebida pelos adultos que tratam-nos como se não tivessem capacidade de decidir e que precisam estar sempre tutelados pelos adultos, que sabem o que é melhor para os mais jovens.

### **Oferecimento de drogas pelos colegas**

Nos fragmentos abaixo os alunos relatam a forma que as drogas são oferecidas a eles por seus colegas:

*“Pra mim já ofereceram, mas eu não peguei não.” (GF3M)*

*“Eles oferecem mais pra quem eles sabem que pega, agora cigarro eles oferece mais.” (GF1F)*

*“Também eu não sei quem fuma maconha, a gente desconfia mas não fala nada se não eles ficam com graça.” (GF1F)*

*“Tem uns que chega mostrar pra gente, ó tô com cigarro, parece que nunca fumou na vida, moleques retardados.” (GF1F)*

*“Eles dão cigarro pra gente também.” (GF1F)*

*“Tem muita gente que fala você é careta, quantas vezes já falaram pra mim que eu sou careta, eu tenho uma colega que ela usa droga e ela disse pra mim: ‘você é única amiga minha que é careta, por que o resto usa e você ainda vai usar, e não vai ser mais careta’, falou desse jeito.” (GF2F)*

*“Já me ofereceram também e eu não quis, nunca me interessei por isso, eu acho, na minha opinião, que eu nunca vou me interessar, mas também não tenho nada contra quem usa .” (GF2F)*

*“Tem gente que fala assim: ‘Fuma vai, que é gostoso. Vai, experimenta’.” (GF4F)*

*“Fumar a gente aprende assim, num instante. Depois vai roubar pra fumar, aí já era.” (GF4F)*

*“Tem um amigo meu que vende maconha, o cara vem lá de São Paulo e traz um monte de roupa nova pra ele, e ele troca por maconha...” (GF4F)*

*“Mas eles oferecem só maconha, porque pedra assim, é mais caro. (...) Maconha do traficante é 50 centavos, dá pra comprar assim, normal. ” (GF4F)*

O fato de os usuários não fazerem uma pressão sistemática para que os outros adolescentes usem desmitifica um pouco a idéia que todo usuário é um traficante em potencial e que venderia drogas para sustentar seu próprio vício. Constata-se que não é isso que acontece, até porque segundo eles *“as drogas são caras e ninguém dá para ninguém”*.

### **Respeito e admiração dos colegas**

A utilização de drogas para conseguir respeito através da intimidação e admiração dos colegas, foi apontada pelos adolescentes como uma das razões do uso,

a ponto de alguns meninos fingirem o uso de drogas como forma de se exhibir para os colegas e para as meninas.

*“Tem uma também as pessoas fumam também só para falar assim “Ah, vou fumar hoje só porque vou passar na frente daquela menina, aí ela vai achar bonito, então vou fumar, aí passa assim com a maconha na boca, ‘ah, vou ficar com ele porque é maloqueiro bate em fulano, os outros tem medo dele’.” (GF2F)*

*“É as pessoas, hoje em dia, falam vou ficar com ele, porque ele é o maioral, é o da turma, as meninas estão pensando assim hoje em dia, não falo de vocês...” (GF2F)*

*“Tem umas que falam eu vou usar porque aquela ali tem medo de mim, não vão mexer comigo, ninguém vai mais mexer comigo porque eu uso drogas.” (GF2F)*

*“Na nossa sala tem um menino que já começou a roubar, ele tá roubando e tá levando outro menino pro caminho, só que o outro tem cabeça boa e não tá indo tanto, mas tá indo, não tá tão aprofundado igual outro. O duro é que o menino acha bonito chegar ai e dizer: “eu roubei, vou matar um”, meu pai usa, já foi preso...” (GF1F)*

*“É às vezes usam para se mostrar “se sentir” com os amigos.” (GF2F)*

*“As pessoas tem medo de quem usa.” (GF2F)*

*“E também tem pessoa que não tem familiar preso, nem nunca teve, e bate maior banca de traficante, que sabe de tudo.” (GF1F)*

*“Se acha importante.” (GF1F)*

*“Se acha melhor que os outros.” (GF1F)*

*“Porque acha que a gente vai respeitar só porque tem pai preso, tio preso.” (GF1F)*

*“Se sente mais homem...” (GF1F)*

*“Ele não é maior que ninguém só porque fuma maconha.” (GF5M)*

*“Às vezes é só para conquistar uma menina, que muitas meninas gostam do cara só por que ele está fumando e usando umas roupas largas.” (GF6M)*

Tal comportamento dos alunos envolvidos com as drogas, inclusive mesclando-se consumo e tráfico, também é percebido pelos educadores que apontam estes

“líderes negativos” como sendo muito influentes dentro da escola. Ingressar nesses grupos passa a ser o desejo de muitos jovens, uma vez que eles, nesta fase, da vida buscam a socialização, como consequência acabam se identificando com esses grupos e se seus membros fizerem uso de drogas, o aluno tende a fazer o mesmo (BUCHER, 1992).

A coesão desses grupos pode estar baseada na discriminação que eles sofrem dentro da própria escola por parte dos educadores e também dos colegas que se afastam deles quando desconfiam que fazem uso de drogas. Rejeitados dessa forma eles tentam impor respeito pelo medo, manifestado tanto por professores como pelos colegas.

### **Influência da família**

A família pode ter dupla função. Se for um ambiente favorável e facilitar o desenvolvimento de seus membros, pode ser um fator protetor para o consumo de drogas mas, por outro lado, se não oferecer condições para a formação saudável dos seus membros ou um deles fizer uso de drogas, poderá ser um fator de risco (SCHENKER; MINAYO, 2005; SLOBODA, 2004). Os estudantes apontam esses dois fatores:

*“É porque também tem aquela coisa... tipo meu pai...meu pai usa, tem menino, menina nem tanto, que fala quero ser igual meu pai, todo menino fala vou ser igual meu pai, então vai preso, usa droga então vai seguir o mesmo caminho, e o pai não consegue segurar mais. Daí qualquer coisa ele já fala pro pai: “Ah, você já foi preso, você fez, aí não tem como segurar e filho vai no mesmo embaló.” (GF1F)*

*“Ou já vem da família dele que vende...” (GF6M)*

*“Ou então ele já foi criado nesse meio e acha isso normal.” (GF6M)*

*“Mas tem alguns pais também que incentivam o filho a usar. Vê o pai fumar e acha que é bom. Aí vai e fuma também.” (GF3M)*

*“Porque a família incentiva a não usar, essas coisas.” (GF3M)*

*“Tem a família que incentiva a não usar e tem a família que incentiva a usar.” (GF3M)*

*“Meu pai me mata. Minha mãe não deixa nem eu colocar cigarro na boca.” (GF3M)*

Muitos alunos também relataram o consumo de drogas entre seus familiares, o que eles pensam sobre isso pode-se inferir dos fragmentos abaixo:

*“Lá na casa da minha vó, minha tia, meu tio, outro tio, todos usam... eles estão acabando com a vida deles e da minha vó, acaba com vida de qualquer um. Eu não penso de usar... já usei sim mas não foi perto dos meus tios, foi andando pra rua.” (GF1F)*

*“Meu pai e minha mãe usavam...Meu pai ele fazia [embalava] e ainda batia na minha mãe pra ela fazer também, e ele usava também, ela roubava o dinheiro do meu pai e usava escondido dele...e bebiam também, morreram já.” (GF1F)*

*“Por causa de droga meu irmão tá preso, é um ano já, ele foi preso porque ele matou.(...) Ele já tava na pedra já, já tava na coca.” (GF1F)*

*“Meu pai foi preso, porque ele roubou pra comprar droga, e o outro tonto de menor, roubou, roubou, completou 18 anos foi pego, mas ele usava também, influência do pai.” (GF1F)*

*“Meu pai também foi preso porque ele vendia...” (GF1F)*

*“Minha mãe foi presa também, meu pai foi preso, porque usava droga e porque usava droga e porque matou um homem que estrupou(sic) minha mãe quando ela tinha 16 anos...” (GF1F)*

*“Meu pai bebe, mas sabe beber, meu pai é trabalhador.” (GF4F)*

*“Meu (pai) bebe todo dia.” (GF4F)*

*“Meu pai conhece o cheiro de tudo, ele já usou de tudo.” (GF4F)*

Nos relatos acima transparece que muitos deles não tem uma vida familiar harmoniosa, seja por uso de drogas ou por relações tumultuadas entre seus membros, o que caracteriza um fator de risco.

### **Experiência pessoal com as drogas**

Alguns alunos relataram espontaneamente o momento em que experimentaram alguma substância e todos afirmaram que apesar dessa experiência não continuaram usando.

*“Eu só experimentei uma vez, eu vi meu tio fumando, eu pensava, o que ele acha de bom nisso, uma vez ele saiu e eu fiquei sozinha, ai eu peguei dele e fumei.” (GF1F)*

*“Experimentei maconha dei uns tirinhos [cocaína]...” (GF1F)*

#### **Moderador: Mas, naquele momento o que te levou a experimentar?**

*“Ah, os colegas estavam todos ali, tudo usando, eu vi eles tudo dando risada aí falei, caramba vou entrar ai também experimentar e fiquei assim um bom tempinho usando, mas foi chegando uma hora assim que comecei a refletir, meu irmão está preso, por causa disso, meus tios com problemas aí eu parei.” (GF1F)*

*“Ah, eu não achei nada legal, não aconteceu nada, depois eu dormi e deixei meu filho chorando, fechei a casa e dormi.” (GF2F)*

*“Eu coloquei inteiro no papel não sabia...” (GF2F)*

*“Vocês podem não acreditar e até tirar saro, mas nunca coloquei um cigarro e nem bebida na boca... por causa do meu pai, tinha muito medo de ficar como ele.”(GF2F)*

*“Sim. Cigarro eu já experimentei, bebidas também, sei lá, acho que cigarro, pinga não é uma droga assim...mas é um vício, vira um vício. Que nem assim a maconha e essas coisas que deixa você louco e faz você fazer as coisas, sei lá é diferente. Porque o cigarro você fuma e fica a mesma coisa que você está antes, tá depois, faz mal pra saúde e tudo, mas é diferente, não é tanto.” (GF1F)*

*“Cerveja eu já experimentei, mas não gostei muito.” (GF3M).*

Em um dos grupos, uma aluna disse ter experimentado cocaína muito cedo, aos oito ou nove anos. Quando questionada ela disse: *“eu já convivi com isso, meu pai vendia, vi experimentei, é amargo”*, nesse caso ela havia “experimentado” passando o dedo no pó e colocando na boca, uma curiosidade característica da infância que não pode ser considerada uso de drogas. Isso mostra o quanto as drogas estão presentes nos lares da periferia não tanto como uso prazeroso, mas sim como opção de vida e de “trabalho” para muitas famílias que não tem emprego e nem perspectiva de futuro.

A vontade de experimentar drogas e o medo das conseqüências bem como os pensamentos e sentimentos envolvidos, podem ser observados no relato de uma aluna, descrito a seguir:

*“Eu tenho medo porque desde pequena eu vi baforar cola, disso é que eu tenho medo. Meus amigos fumam, às vezes eu vou na casa deles e eles estão fumando, baforando, então dá uma vontade!... Aí eu saio de perto.(...) tenho vontade e tenho medo de cheirar.” (GF4F)*

*“Hoje eu discuti com a minha mãe. Eu sou louca pra fumar maconha, sério mesmo. Aí eu falei pra ela que agora vou virar tudo o que a senhora falou pra mim, vou virar drogada, prostituta... nossa, eu falei tudo pra ela. Nossa, eu estava na intenção de tudo mesmo, menos prostituta, mas fumar eu ia... Eu brigo com minha mãe pra caramba, eu estou quieta num canto e ela vem e desce o tapa na cara...” (GF4F)*

**Moderador: Você falou que tem vontade de fumar maconha mas o que você acha que vai acontecer?**

*“Vai acontecer que eu vou ficar louca, muito louca, vou delirar... vou ficar leve” (GF4F)*

Neste caso dois fatores de risco estão presentes de forma combinada. Uma relação complicada em casa, principalmente com a mãe, em que não há espaço para o diálogo, e a convivência com amigos usuários, o que facilitaria o acesso às drogas (SCHENKER; MINAYO, 2005).

### 3.2.6 Fontes de informações

Nos extratos abaixo estão expostos a forma como eles obtém informações e com quem eles conversam sobre o assunto. Apesar de eles ser influenciados pela mídia, destacam o importante papel da escola e da família neste aspecto que, quando não assume essa responsabilidade, sua omissão é percebida pelos jovens.

Enfatizam também a falta de informação que muitas vezes, segundo eles, “tem muitos que falam que sabem tudo, mas não sabem.” O que eles conhecem são as próprias sensações provocadas pelas substâncias. “O cara sabe aquele barato que dá ali, mas conhecer mesmo os efeitos no corpo, as coisas que acontecem com quem usa, muitas vezes eles não sabem não.”

#### Escola

Mesmo sendo a escola um dos locais mais importantes para a disseminação de informações sobre drogas, dizem que aprenderam muito pouco sobre o assunto, se limitando à algumas palestras esporádicas e atividades da policia militar na 4ª série:

*“Na 4ª série tinha aquele Proerd.” (GF1F)*

*“Não aprendi nada aqui, de drogas.” (GF4F)*

*“Aqui chegou, sentou, fez a lição, já era, não ensinam mais nada. (...) Seria bom que eles ensinassem...” (GF4F)*

*“É teve uma que o cara até vendia umas camisetas...” (GF5M)*

*“Agora já não falam tanto, faz tempo que não tem essas palestras.” (GF5M)*

*“Nas aulas não, mais é nas palestras que tivemos.” (GF6M)*

*“Fica até chato você ir na palestra sobre drogas, por que você já sabe tudo o que eles vão falar.” (GF6M)*

*“É por que todos os dias você está vendo isso direta ou indiretamente, então não tem muita novidade.” (GF6M)*

*“Tem vez que até enche o saco de ouvir isso um monte de vez.” (GF6M)*

*“E ainda tem uns que tem que escutar o pai e a mãe falando direto em casa.” (GF6M)*

## **Família**

A falta de diálogo familiar foi apontada pela maioria dos adolescentes, não só na questão das drogas mas também em outros assuntos comum a essa faixa etária. Dizem que em casa não podem falar sobre essas questões, seja por desconhecimento dos pais ou falta de comunicação e argumentam que qualquer pergunta sobre drogas desperta a suspeita dos pais e, em alguns casos, pode até causar atitudes agressivas. Sendo assim, preferem informar-se com colegas mais velhos que sabem mais, ou seja, os que usam ou já usaram drogas.

*“A minha mãe não fala, nem sobre drogas nem sobre nada, se eu quiser tenho que perguntar para o meu primo, ele já usou drogas ele já fez de tudo, o que eu preciso saber eu pergunto pra ele, ele é mais velho do que eu. Não tenho coragem de chegar na minha mãe e minha mãe não tem coragem de chegar em mim, aí eu vou pelos meus primos, minhas amigas...” (GF2F)*

*“A mãe é última pessoa que nós procuramos, a gente procura mais os amigos, porque a gente se abre mais.” (GF2F)*

*“Porque ela vai achar ruim, e já vai bater na tua cara.” (GF2F)*

*“Tem pais que são muito bravos, mas tem pais que não.” (GF2F)*

*“Tem pais que já querem por pra fora de casa, “está perguntando é porque está fazendo.” (GF2F)*

*“A gente fica com medo não sabe a reação deles...” (GF2F)*

*“Tem pai que não entende: ‘sabe aquilo lá é certo ou errado’, ‘Porque você já está fazendo, tá ficando vagabunda!’ ” (GF2F)*

*“Se eu falar: ‘Pai, quero conversar com você sobre maconha.’, ele já quebra os meus dentes.” (GF4F)*

*“Minha mãe é louca, não dá pra falar, ela fica me chamando de “nóinha” ” (GF4F)*

*“Eu falo, mas não pergunto nada desse negócio de drogas.” (GF6M)*

*“Eu não pergunto para ninguém, por que é difícil ter dúvidas, nas palestras, jornais e na televisão vivem falando de droga.” (GF6M)*

*“A primeira que a gente tem que pedir conselho é a mãe porque a mãe não quer o mal do filho, mas e a coragem de chegar...” (GF2F)*

*“Eu conto tudo para minha mãe, tudo que eu faço eu conto pra ela.”*

**Moderador: Quando você experimentou a maconha você contou para ela?**

*“Não, ela não sabe. Se ela soubesse ela me mataria! ” (GF2F)*

*“Pô cara, a minha mãe nem parece que é minha mãe, parece minha amiga, ela fala para mim tomar cuidado, mas eu falo para ela que eu tenho minha cabeça e sei das coisas, sei o que é errado.” (GF6M)*

*“Minha mãe me dá bastante conselho, mas tudo que ela fala eu já sei.” (GF6M)*

### **3.2.7 Drogas na escola**

Constata-se que eles tem a percepção que o consumo de drogas na escola, principalmente a maconha, é bem maior do que demonstram as pesquisas. Porém, quando questionados se realmente viram alguém usando ou comprando são mais reticentes e afirmam *“tem mais à noite”* ou *“tem mais à tarde”*, ou seja é uma opinião baseada nos comentários alheios e suposições pessoais.

*“À noite é o que mais tem.” (GF4F)*

*“Dentro do banheiro então, é um cheiro tão forte.” (GF4F)*

*“Pinga, o pessoal da noite toma bastante, eles trazem até para a escola..” (GF5M)*

*“Antes eles traziam agora acho que não trazem mais.” (GF5M)*

*“Se pegar o cara usando não dá nada.” (GF5M)*

*“Pegaram um cara fumando dentro do banheiro, só fizeram ele vir no sábado lavar o banheiro, mais nada.” (GF5M)*

*“Nem todos que fumam, fumam em qualquer lugar, eles fumam escondido.”(GF5M)*

*“Mais maconha.” (GF6M)*

*“Mas álcool tem muito mais, cigarro.” (GF6M)*

*“Eu acho que o cigarro deveria se proibido também, ainda mais que tem gente que fuma na escola...” (GF6M)*

*“Se pegar alguém fumando na escola não dá nada.” (GF6M)*

*“Sei lá acho que chamam a polícia.” (GF6M)*

*“Dá só um sermão, cigarro mesmo a gente vê direto o pessoal fumando.” (GF6M)*

*“Maconha eu nunca vi.” (GF6M)*

*“Maconha aqui na escola é mais difícil, agora à noite tem e tem muito.” (GF6M)*

*“Menina eu vejo mais com cigarro.” (GF3M)*

*“Tem umas que fumam maconha.” (GF3M)*

*“É proibido para menores, mas é só chegar no bar e pedir, eles nem perguntam nada.” (GF6M)*

*“Gorote<sup>7</sup> de pinga, misturam no meio do refrigerante e tomam, eu cansei de sair com os colegas meus que fazem isso.” (GF6M)*

---

<sup>7</sup> Embalagem plástica com 350 ml de pinga, que é vendida em supermercados e bares.

Além das drogas ilícitas, que geralmente chamam bastante a atenção, destacam o consumo constante de bebidas alcóolicas e cigarro. Dizem que muitos alunos vem embriagados e narram que alguns até chegam a trazer para dentro da escola *“vidrinhos com pinga.”*

Mesmo sendo substâncias proibidas para menores (“qualquer um compra”), segundo eles, existem vários bares nas imediações das escolas que são freqüentados por alunos. De acordo com um estudo feito nas escolas brasileiras por Abramovay (2003), em 63% das escolas pesquisadas os estudantes freqüentam os bares e botequins próximos às escolas.

### **3.2.7.1 Percepção em relação aos usuários**

Confirmam também a visão de que os alunos usuários são “invejados” pelo seu comportamento e alguns meninos chegam a fingir uso de drogas para conquistar as meninas, para intimidar os colegas ou então para participar desses grupos que tem um estilo próprio e são bastante unidos. Neste contexto, a droga seria um símbolo de status e poder ao jovem, que não consegue se destacar de outra forma dentro da escola.

Numa total inversão de valores, esses sujeitos passam da transgressão das normas a condição de “marginais”, “perigosos” e passam a ser admirados e temidos, numa associação nem sempre muito clara entre o uso de drogas e o tráfico e a criminalidade, despertando o medo nos agentes educacionais e adquirindo o “respeito” dos colegas.

Também discorrem sobre os sintomas que para eles possibilita a “identificação” do usuário:

*“Se sente mais homem e acha que a gente é obrigado a ter medo dele. É porque, se o pai da gente não mexe, não tem parente que mexe, a pessoa chega e fala isso a gente fica com medo, com receio de falar alguma coisa, e a pessoa vim e fazer mal pra família da gente, na hora a gente não pensa na gente, pensa nos pais nos irmãos, que estão em casa.” (GF1F)*

*“Ai na sala fica aquele clima assim pesado, só ele manda, só ele fala, se ele fala que pedra é madeira todo mundo tem que falar que é. Mas não é assim, pelo menos a gente não respeita ele, ele se sente todo poderoso, mas pode ser na rua, na sala de aula ninguém tem medo dele.” (GF1F)*

*“Tem cara que começou ontem já quer mandar nos outros.” (GF1F)*

*“No jeito de andar.” (GF1F)*

*“Só olhar no olho.” (GF1F)*

*“Pelos atos, também.” (GF1F)*

*“O jeito de falar responder.” (GF1F)*

*“A pessoa fica meio boba.” (GF1F)*

*“Pergunta uma coisa responde outra.” (GF1F)*

*“Tem gente que antes de entrar na escola bebe ali fora.” (GF2F)*

*“Compra droga e não paga para ver, eles vem e te matam.” (GF6M)*

*“Ou então o cara não tem dinheiro para droga vai e assalta.” (GF6M)*

*“Tem uns caras que brigam aqui na escola, com certeza eles devem fumar uns...” (GF6M)*

*“Às vezes você tem que se fingir de mudo para não brigar.” (GF6M)*

*“Tem vários sintomas, o olho fica vermelho, a pessoa fica nervosa, às vezes tenta disfarçar o cheiro passando perfume.” (GF6M)*

*“Dá muita fome também.” (GF6M)*

*“Muda o comportamento, fica rebelde.” (GF6M)*

*“Muda e muito, isso eu tenho exemplo, eu conheci um cara, não vou falar o nome, ele era bacana pra caramba, começou andar com uns caras aí, andar com umas roupas larga, falando gíria, mas não a gíria básica, gíria pesada mesmo e ele fumava maconha, mas depois eu não vi mais ele, a gente se afastou dele, os amigos se afastaram dele.” (GF6M)*

*“Quando o cara começa assim eu já procuro me afastar.” (GF6M)*

*“Eu fico na minha e procuro não desfazer o cara, tipo assim você está usando, problema seu, eu não vou falar para você usar ou não usar, mas andar com você eu não ando não.” (GF6M)*

*“Eu já não penso assim, por que o amor ao próximo tem que ser ao máximo, então tipo, tento fazer o cara voltar a si e parar com isso, por que isso vai levá-lo à morte, eu tento, mas se ele vem com agressividade aí é outra coisa.” (GF6M)*

*“E todo mundo fala mal do cara se ele usar droga.” (GF6M)*

*“Fica com fama de maconheiro.” (GF6M)*

*“Eu acho que a vontade do Diretor é expulsar o cara mas não tem motivo para isso.” (GF6M)*

*“Esses que são usuários até a professora tem medo deles.” (GF6M)*

*“Quando a professora sabe que o cara é usuário ele não pega muito pesado não, por que ela sabe que vai sobrar pra ela.” (GF6M)*

*“Tem professor que tem medo porque tem moleque assim que manda dentro da sala, e o professor não faz nada.” (GF6M)*

*“Tem cara que manda na sala.” (GF6M)*

*“Se eu souber que um dos meus amigos usa drogas, eu até converso com ele, mas não vai ser mais a mesma coisa.” (GF6M)*

*“Tem uns que andam com drogados só para por banca, só para ser protegido por eles.” (GF6M)*

*“Andam com umas roupas largas...” (GF6M)*

*“Só por que o cara usa essas roupas é bandido? Nada a ver.” (GF6M)*

*“Eu acho que isso aí já é preconceito.” (GF6M)*

*“Tem uns que usam essas roupas e usam drogas, mas são poucos, não são todos, eles gostam do estilo, eles curtem hap.” (GF6M)*

No ambiente escolar os usuários de drogas são identificados por docentes e discentes pelo comportamento que apresentam, que podem ir desde um comportamento agressivo até outro extremo de “ficar quieto num canto”. Há mais um julgamento subjetivo baseado no estereótipo do perfil do viciado do que a observação concreta com evidências. Tal procedimento pode, assim, facilmente levar a que incorra no erro de atribuir o uso de drogas a quem não usa ou vice versa, e é reflexo do desconhecimento da ação das drogas no organismo e do preconceito social existente na sociedade em relação aos “drogados”.

No entanto, os alunos são menos enfáticos na desaprovação dos usuários, do que em relação às substâncias. Mesmo os que não aprovam esse comportamento manifestam maior compreensão e consideram esses colegas como pessoas fracas, “que não tem cabeça” e se deixam influenciar facilmente pelos outros.

### **3.2.8 Drogas no local de moradia**

A maioria dos alunos residentes na periferia declara que a droga está presente nestes locais, tanto no que diz respeito ao consumo, como também no tráfico. Até que ponto tais percepções estão corretas não é possível determinar com clareza, mas demonstra que a questão das drogas, de uma forma ou de outra, está presente em seu dia a dia.

### Consumo

*“Ali onde eu moro tem uma pracinha, tem uns moleques que ficam fumando e quando a gente passa, eles ficam assim, pensando que é a polícia. E eles ficam desesperados.” (GF3M)*

*“Lá perto de casa a polícia revista as casas direto, tem muita gente lá perto que usa.” (GF1F)*

*“Lá perto de casa tem um lugar que é boca.” (GF1F)*

*“Esses dias eles fizeram perseguição aí jogaram os papelotes lá num terreno e a polícia tava procurando.” (GF1F)*

*“Lá perto de tem um rapaz que vende, ele ia lá no mercado comprava vela pra aumentar, aí ficava mais, ele joga no terreno da casa dos outros para esconder e a polícia não pega e a noite ele pega.” (GF1F)*

*“Esses dias mesmo saiu o maior tiroteio na frente da minha casa, por causa disso, pessoal cobrando, “você tem que me pagar!”, uma coisa bem constrangedora, você fica até chocada.” (GF2F)*

*“Ontem de manhã eu vi um homem, ele enfiou a maconha dentro do nariz.” (GF4F)*

*“Teve um que a polícia veio para pegá-lo, e ele pegou e engoliu a maconha.” (GF4F)*

*“Eu já nasci sentindo esse cheiro, perto da minha casa tem gente que fuma.” (GF4F)*

*“Lá perto da minha casa tem duas construções que não tem portão, todo dia que você passar lá, está cheirando maconha, querosene. Acho que eles passam assim, maconha com querosene, dá até nojo.” (GF4F)*

*“É, cola, pedra... Isso, cheiram todo dia. Perto da minha casa tem um monte de gente que fuma.” (GF4F)*

### Tráfico

De acordo com os adolescentes é comum o tráfico de drogas nos bairros aonde moram e as pessoas sabem onde são os locais de venda, porém dizem que não há venda “na porta da escola”, como às vezes é destacado na imprensa.

*“Tem gente que tá preso porque vende droga...” (GF2F)*

*“Eu não acho que estão errado. Porque tem gente que vende pra sobreviver.” (GF2F)*

*“Eu acho que não é motivo, se dependesse de vender para sobreviver, porque tem tanta gente na rua catando papelão se vira e sobrevivem. Eles estão tentando sobreviver por cima dos outros que só tão afundando.” (GF2F)*

*“Bobo é quem compra.” (GF2F)*

*“Tem muitos casos que não é só pobre que compra, rico também, vai até preso. Tem até aquele caso da TV que o menino usava droga e matou o pai e a mãe dela.” (GF2F)*

*“Meu primo vende maconha.” (GF4F)*

*“Lá onde eu moro, acho que eles vendem lá perto de casa.” (GF4F)*

*“As drogas não estão só no meio dos pobre, você vê no governo, se você vê vai descobrindo cada coisa...” (GF2F)*

*“Fumam e vendem. Por exemplo, o M. P., o filho do M. P., todo mundo sabe que vende.” (GF4F)*

*“Tem uma colega nossa que vende.” (GF4F)*

*“A maioria das pessoas está tudo fumando.” (GF4F)*

*“Eles falam assim, quando vende ou quando fuma, a pessoa é respeitada, e os outros têm medo.” (GF4F)*

*“Na frente da minha casa teve um que morreu, outros levaram bala, por causa de quê? Por causa da maconha, porque deve...” (GF4F)*

*“Eu tenho um colega, saiu no jornal com metralhadora, é traficante.” (GF3M)*

*“O meu primo vendia.” (GF3M)*

*“Briga com traficante não dá porque quem quer vai lá na “boca” compra e fuma.” (GF5M)*

*“Quem fuma já sabe quem vende.” (GF5M)*

*“Eles não ficam na porta da escola, ainda mais que tem ronda escolar.” (GF5M)*

### **3.2.9 Prevenção**

Os adolescentes não manifestam uma concepção bem definida sobre o que poderia ser feito para que as pessoas não usassem drogas e isso se deve ao fato de eles nunca terem tido uma educação preventiva de qualidade.

*“Queimar todos os pés de erva..” (GF1F).*

*“Eu acho assim que agente vê fala, fala direto na TV, então eu acho que não tem como, sempre vai ter, nos Estados Unidos eles usam até para remédio, então não dá pra acabar, só entra quem quer mesmo...” (GF1F)*

*“E não é só a droga que leva ao crime, tem gente que usa droga mas não quer matar ninguém, fica na dele, como se usasse cigarro.” (GF1F)*

*“Eu acho que o Governo deveria tomar vergonha na cara e parar de roubar e abrir mais firmas para dar emprego, antes de vender drogas eles vão arrumar serviço em indústria. Tem gente que compra porque está desempregado, então pra não ficar pensando, porque tem mulher, tem filhos, sem ter o que comer, passando fome um dia ele vai lá e usa e esquece tudo, então o Governo deveria para de roubar e abrir firmas.” (GF1F)*

Por outro lado destacam negativamente as atividades de prevenção a que foram submetidos e o desagrado com os conteúdos ministrados e principalmente a forma com que foi realizada

*“Tudo adolescentes, ele [ex- usuário] tinha que falar com jeito...” (GF1F)*

*“A vida dele era maior chata e a gente tinha que ficar escutando...” (GF1F)*

*“É assim também, às vezes chega o cara pra ensinar e eles falam: “Eu não vou aprender com esse bosta, eu uso e pronto, não precisa falar como que é, vou fumar, eu fumo mesmo, o problema é meu, se gostar gostou, se não gostar, vai pra...””(GF4F)*

*“Eu achei ruim. Tem que ficar sentado.” (GF3M)*

*“Nessa escola aqui eu não assisti nenhuma. ” (GF3M)*

*“Não tinha cadeira, tinha que sentar no chão. Aí eu peguei e saí, nem fiquei de pé.” (GF3M)*

*“Ele [ex-usuário] chegou aí mandando os outros calar a boca, lá de cima ele mandava calar ao boca, além de ficar escutando o papo chato dele, ele vem aqui na escola dos outros querendo mandar nos outros, ninguém é obrigado a escutar aquilo, ainda se ele falasse de um jeito legal.” (GF1F)*

Mesmo assim demonstram o interesse e a necessidade de conhecer mais sobre o assunto, mas de uma forma menos “chata” do que geralmente são realizadas estas atividades com eles. Sugerem o uso de outras formas de apresentação, outros meios e linguagens como filmes, teatros e gincanas, a seguir são destacadas as suas sugestões:

*“Eu acho que trazer uns vídeos, uns filmes do que aconteceu na real.” (GF1F)*

*“O que acontece com as pessoas que fumam, ficam internadas.” (GF1F)*

*“Trazer drogas pra gente ver, será que a polícia não empresta?” (GF1F)*

*“Eu acho que a polícia também é um pouco culpada, que as vezes a gente tá limpo, não tem nada, e eles forjam ali uma droga pra você rodar.” (GF1F)*

*“Sabe o que dá pra fazer? Chamar os que quisessem e vir pra cá e ficar conversando sobre isso.” (GF4F)*

*“Acho que a melhor coisa seria passar filme, porque palestra já teve. O cara saiu daqui e os bandidos foram lá e mataram ele só porque ele falou mal das drogas.” (GF4F)*

*“Conversa assim como a gente está agora é a melhor coisa.” (GF4F)*

*“Pelo menos uma vez por semana tinha que vir alguém falando nas salas, não muito tempo, uns 30 minutos já estava bom, falando das drogas dos efeito e problemas.” (GF5M)*

*“Ou poderia ser no recreio também.” (GF5M)*

*“Mas assim, quem se interessar fica, quem não se interessar sai, porque quem ficar é porque está querendo saber.” (GF5M)*

*“Eu acho legal por que ele [ex-usuário] já viveu tudo isso, já sabe como é que é, já viveu o drama.” (GF6M)*

*“Que nós saíssemos da escola para fazer caminhadas.” (GF6M)*

*“Tipo fazer assim grupo das meninas e dos meninos e fazer perguntas “o que a droga faz?”, tipo um debate pode até ter uns prêmios para quem ganhar.” (GF6M)*

*“Ou sair nas ruas incentivando as pessoas para não usar, colar cartazes.” (GF6M)*

*“Fazer gincana contra as drogas, tipo quem conseguir trazer mais pessoas que eram usuários e agora não são, ou então quem responder mais perguntas sobre as drogas.” (GF6M)*

*“Fica diferente das palestras que são sempre a mesma coisa e nós gostamos é de agito, de fervo!” (GF6M)*

*“Em vez de eles darem palestras é a gente que vai fazer a palestra, tipo uns perguntam e a gente responde e o que a gente não souber a gente vai procurar aprender para poder passar.” (GF6M)*

*“Competição sempre é legal.” (GF6M)*

*“As palestras são chatas demais, era bom mudar um pouco, aí iria ficar legal.” (GF6M)*

*“Devia pegar umas fotos de pessoas que usam drogas assim, quase morrendo, pra colocar medo. Acho que isso ajudava bastante.” (GF3M)*

*“Um pulmão bem “bagaçado”, assim, sei lá.” (GF3M)*

As atividades que os adolescentes acreditam ser mais eficientes é permeada pelo modelo de prevenção baseado no amedrontamento, o que não seria o ideal

segundo os especialistas (BUCHER, 1992). Porém, qualquer tipo de prevenção não pode prescindir da participação e do interesse do adolescente, caso contrário já estará fadado ao fracasso. Neste sentido, as atividades não devem ser baseadas somente naquilo que os adultos consideram como válido e apropriado; têm que levar em conta os interesses dos alunos e a, partir daí, construir um modelo específico de prevenção.

## Considerações finais

---

Os resultados obtidos no presente estudo, permitem-nos tecer algumas considerações a respeito da questão das drogas no ambiente escolar, ainda que os seus resultados não possam ser generalizados de maneira indiscriminada, devido a complexidade do fenômeno e as peculiaridades específicas de cada grupo estudado. Assim, a realidade de uma escola privada de classe média alta, por exemplo, pode ser bem diferente da que é aqui apresentada.

Por outro lado, essas considerações não devem ser tidas como as únicas possíveis, devido ao fato de tratar-se de um estudo qualitativo, o que permite diversas interpretações que não se esgotam na presente análise, ainda mais tendo em vista a quantidade e a densidade dos dados coletados.

Na parte introdutória do trabalho foi dissertado sobre a educação para contextualizar o assunto das drogas, tendo em vista a necessidade desse tema ser inserido em um contexto mais amplo, devido a complexidade da questão e o cuidado de se evitar fazer uma análise fragmentada do fenômeno.

Quiçá pudéssemos não ter encontrado a realidade que descrevíamos como histórica e deveras superada na educação. Não sem perplexidade, podemos verificar a que o ensino público atual atravessa um período peculiar em que as dificuldades encontradas no passado estão ainda presentes e, além disso, é assolado pelos sintomas e problemas da sociedade contemporânea, caracterizada pelo consumismo,

violência, desigualdades sociais e também o consumo de substâncias psicoativas. Desse modo “o que era ruim ficou ainda pior”, no dizer dos educadores.

A tônica dos discursos dos docentes continua sendo a culpabilização do aluno, reflexos da teoria da *carência cultural* e seus desdobramentos, historicamente muito presente na educação brasileira, segundo os especialistas no assunto.

Esse tipo de raciocínio simplista e reducionista impede que se busque as verdadeiras causas dos problemas da educação atual e a melhor forma de melhorar sua qualidade e eficiência, visando uma transformação para que a escola não seja só uma transmissora de informações, mas sim agente de transformação da sociedade, formando cidadãos críticos, que tenham consciência de suas responsabilidades e direitos.

Ficou evidenciado pela análise das falas dos participantes a precariedade do ensino público, e o mais grave, a ineficiência em atingir seu principal objetivo que é ensinar os alunos. Segundo os professores, eles “não conseguem ensinar e os alunos não querem aprender”, predominando o desinteresse mútuo e o desânimo generalizado, que impossibilita a busca de novas alternativas para a transformação desse quadro.

Dentro desse contexto, a questão das drogas é só mais um problema que vem afetar a escola pública atual que já sofre as conseqüências da falta de investimento na qualidade da educação e a necessidade de se atualizar frente às transformações que a sociedade atravessa.

Esta situação só tende a agravar o consumo de substâncias psicoativas, uma vez que o ensino de qualidade é um fator protetor (SLOBODA, 2004; BUCHER, 1996;

CARLINI-COTRIM; PINSKY, 1989;). Destarte, se a escola oferecesse uma educação apropriada, isso por si só constituiria um fator importante para afastar seus alunos das drogas. Principalmente tendo em vista que em muitos casos o envolvimento do adolescente com esse tipo de produto da sociedade moderna, se dá pela falta de conhecimento ou falta de oportunidade de realização pessoal, que passa, necessariamente, por uma educação de qualidade.

No que tange especificamente as questões relativas às drogas, há um desconhecimento evidente, tanto por parte dos professores, quanto por parte dos estudantes. Isso não surpreende muito, uma vez que eles não recebem nenhuma formação nesse sentido a não ser as informações veiculadas pela mídia, que estão longe de serem apropriadas por ser disseminadora de preconceitos e todo tipo de sensacionalismo.

O desconhecimento dos educadores aliado aos preconceitos e tabus existentes, geram o temor e eles acabam manifestando o medo dos alunos “drogados”. Esse sentimento impede uma relação autêntica entre ambos prejudicando o ensino e deteriorando a autoridade ética natural do professor, que deveria ser respeitado e não intimidado pelos discentes.

Os alunos, por sua vez, assim discriminados e temidos, reagem emitindo os comportamentos esperados, transgredindo regras e “impondo respeito” e se tornam, dessa maneira, modelos a ser seguidos pelos seus pares. Unem-se assim em grupos, afetivos e coesos que substituem a falta de união da família e a carência de amizades causada pelos estereótipos de “alunos drogados”, que lhes são autorgado, sutil ou declaradamente, pela instituição e pelos colegas.

Os professores, cientes de suas responsabilidades na formação desses jovens e da gravidade do problema, não sabem o que fazer vendo “meninos inteligentes e saudáveis sendo destruídos pelas drogas”. Não existe nenhum tipo de procedimento pré estabelecidos nestes casos e nem um tipo de apoio extra-escolar e as providencias consistem em tentar convence-los, sem muito argumentos, a largar as drogas. Caso não desistam do consumo não são “expulsos” e espera-se que, com o passar do tempo, eles saiam das drogas, mas na maioria das vezes, eles desistem de estudar.

Apontam ainda, a escola como um local excepcional para a realização de atividades preventivas e demonstram um genuíno interesse em aprender sobre isso, tendo em vista que eles não escolheram esse problema como prioritário, mas ele se instalou também no âmbito da escola e os educadores são solicitados a tomar atitudes diárias frente a esse fenômeno, sem ter a devida capacidade para enfrentá-lo.

No que tange aos alunos, as discussões nos grupos evidenciaram a admiração manifesta ou latente que eles tem em relação aos “líderes negativos”, que são os contestadores, os que se destacam e fazem mais “sucesso com as meninas.” Em uma total inversão de valores eles passam a ser admirados pelos colegas e se tornam uma opção de comportamento de “modo de ser”, de “estilo de vida”, criando uma sub-cultura da “marginalidade”. A primeira vista, parece um absurdo, mas é isso que ocorre, muitas vezes, também na sociedade onde um “Fernandinho Beira-mar” é conhecido nacionalmente, onde as pessoas elegem candidatos que “roubam mas fazem”, relegando à ética ao segundo plano, tudo isso com ampla cobertura da mídia o que influência o comportamento das pessoas, principalmente dos mais jovens.

Os alunos manifestaram uma percepção negativa em relação às drogas e o conhecimento que eles possuem sobre o assunto é insuficiente e oriundo das observações que fazem no cotidiano, das informações na mídia e de algumas atividades esporádicas realizadas na escola. Essas atividades são consideradas por eles como sendo extremamente “chatas” e são “sempre a mesma coisa” não despertando-lhes o menor interesse.

As palestras são feitas por “ex-dependentes”, organizações religiosas ou pessoas interessadas em “vender camisetas”, segundo eles. Também, em sua maioria, participaram do Proerd, programa desenvolvido pela Polícia Militar nas escolas, única atividade preventiva atualmente em curso, o que demonstra que a prevenção em nosso país ainda é tratada como uma assunto policial e não como uma questão de saúde e educação como sugerem os pesquisadores.

A opinião por eles manifestada a respeito da motivação para o consumo de drogas é permeada pela decisão pessoal. Acreditam que os amigos influenciam, a família, a curiosidade, mas nada é determinante a não ser a vontade pessoal e a decisão deliberada de usar. Portanto, para eles, àqueles que decidem usar é porque “não tem opinião”, ou tem “cabeça fraca” ou simplesmente por que “querem se aparecer.”

As meninas, por sua vez, também tem envolvimento com drogas, só que os tipos de substâncias e as motivações são outras, geralmente usam e falam mais de cigarro, álcool e medicamentos. O desejo de emagrecer foi o fator preponderante, muito enfatizado por elas, algumas delas tentaram perder peso devido a pressão exercida pela própria mãe o que fez com que usassem substâncias anfetamínicas e até

aprenderam a fumar para emagrecer. Demonstraram também um desconhecimento e um grande interesse por questões relacionadas à saúde, à sexualidade e à afetividade.

Os estudantes também enfatizaram a total ausência de diálogo em seu ambiente familiar, onde qualquer pergunta pode gerar suspeitas e punições, àqueles que tem espaço para perguntar, muitas vezes não são atendidos por falta de conhecimento dos pais sobre o assunto, seja relativo às drogas ou qualquer outra questão de interesse dos adolescentes.

Os resultados encontrados indicam que a busca de soluções para a questão das drogas no segmento escolar não pode ser pautada por um raciocínio simplista de causa e efeito e nem pode ser tratado de forma isolada do contexto e de outras questões que interessam os jovens como a sexualidade, relacionamento pessoal e respeito às diferenças sociais e pessoais.

De acordo com as constatações acima, verifica-se que o discurso preventivo deveria ter por princípio o fortalecimento da capacidade pessoal do adolescente de tomar as decisões que julgar corretas para a sua vida. Para que isso ocorra é preciso fornecer a esse indivíduo, as informações necessárias para o desenvolvimento de uma reflexão crítica a respeito daquilo a sociedade lhe proporciona para consumir.

Deve-se desenvolver estratégias de alcance mais amplo e com efeitos que de longo prazo, envolvendo a cooperação entre a escola, a família, a comunidade e as instituições governamentais, através de políticas públicas bem delineadas e que tenham por princípio a proteção da saúde do adolescente e sua qualidade de vida, assim eles deixariam de ser considerados como um "problema social", para ser agentes de transformação da sociedade.

## REFERÊNCIAS

---

ABRAMOVAY, M; RUAS, M. das G. *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2003. 88p.

AQUINO, J.G. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: \_\_\_\_\_(org.). *Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. 19-30.

\_\_\_\_\_. *A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento*. (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e prática*. São Paulo: Summus, 1996, 39-55.

BAUS, J.; KUPEK, E.; PIRES, M., Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Revista de Saúde Pública*, 36 (1): 40-6, 2002.

BARDIN L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIASOLI-ALVES, Z.M.M. A pesquisa em Psicologia: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, G. (org.). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. 135-157.

BLEGER, J. *Temas em psicologia: a entrevista e grupo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei 8069, de 13.07.1990*. São Paulo: Cortez, 1991.

BUCHER, R. *Drogas o que é preciso saber para prevenir*. São Paulo: Fundo Social de Solidariedade do estado de São Paulo, 1996. 62p.

\_\_\_\_\_. *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 323p.

\_\_\_\_\_.; OLIVEIRA, S. O discurso do “combate às drogas” e suas ideologias. *Revista de Saúde Pública* 28(2):137-45, 1994.

CAMPOS, L. F. L. *Métodos e técnicas de pesquisa em Psicologia*. Campinas: Alínea, 2001.

CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J.C.; NOTO, A.R.; NAPPO, S.A., 1º Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil-2001. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre drogas Psicotrópicas (CEBRID), 2001.

CARLINI-COTRIM, B.; GAZAL-CARVALHO, C.; GOUVEIA, N., Comportamento de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública* 2000; 34(6):636-45.

\_\_\_\_\_. Potencialidade da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre o abuso de substâncias. *Revista de Saúde Pública*, 30 (3): 285-93, 1996.

\_\_\_\_\_; PINSKY, I. Prevenção do abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. *Cad. de Pesquisa* 1989; São Paulo (69): 48-52.

FRANCO, M.L.P.B. Porque o conflito entre tendências metodológicas não é falso. *Cad. de Pesquisa*, (66): 75-80, 1988.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO A. R.; FONSECA A. M.; CARLINI, E. A., *V levantamento nacional sobre o uso de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras, 2004*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. CEBRID/Escola Paulista de Medicina, 2005.

\_\_\_\_\_; CARLINI, E. A., *IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras-1997*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. CEBRID/Escola Paulista de Medicina, 1997.

GIROUX, H.A., *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GODOI, A.M.M.; MUZA, G.M.; COSTA, M.P.; GAMA, M.L.T., Consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de rede privada. *Revista de Saúde Pública*, 25 (2):150-6, 1991.

GONDIM, S.M.G. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12 (24):149-61, 2003.

KAPPANN J.I.; GUIMARÃES J.L.; GODINHO P.H.; CRUZ R.; TOSTA, L.A.J. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Revista de Saúde Pública*, 38 (1): 130-2, 2004.

\_\_\_\_\_ ; GUIMARÃES J. L. Prevalência do uso de drogas psicoativas por adolescentes de escolas públicas e particulares. *Revista de Saúde Pública*, 2005(prelo).

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 24-62.

KRUEGER, R. A. *Focus group: a practical guide for applied research*. Newbury Park: Sage Publications, 1988.

LIBÂNEO, J.C., *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO M. C. S. *O desafio do conhecimento-pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasca, 2000.

\_\_\_\_\_ ; Deslandes, S.F., A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Cad. de Saúde Pública*, 14 (1): 35-42, 1998.

MUZA, G. M.; BETTIOL H.; MUCCILLO G.; BARBIERI M.A., Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP. I - Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. *Revista de Saúde Pública*, 31 (1): 21-9, 1997a.

\_\_\_\_\_, Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil).II - Distribuição do consumo por classes sociais. *Revista de Saúde Pública*, 31 (2):163-70, 1997b.

NOTO, A. R.; BAPTISTA, M.C.; FARIA, S.T.; NAPPO, S.A.; GALDURÓZ, J. C.; CARLINI, E. A., Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Cad. de Saúde Pública*, 19 (1): 69-79, 2003.

OSÓRIO, L.C., *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A Editor, 1996.458 p.

\_\_\_\_\_. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia USP*, 3 (1-2):107-21, 1992.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*. São Paulo, T.A Editor, 1984.

PATTON, M. Q. *Qualitative Evaluation and Research Methods*, London: Sage Publications, 1990.530 p.

PEARSON, G. Substance abuse and the family. *Current Opinion Psychiatry*, 13 (3): 305-8, 2000.

QUEIRÓZ, S.; SCIVOLETTO, S.; SILVA, M.M.S.; STRASSMAN P.G.; ANDRADE, A.G.; GATTAZ, W.F. Uso de drogas entre estudantes de uma escola pública de São Paulo. *Rev. Psiq. Clínica*, 28 (4): 176-82, 2001.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J.G. (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. 83-101

\_\_\_\_\_.As drogas e o aluno adolescente. In: *Drogas na escola alternativas teóricas e práticas*. AQUINO J.G. (org.) São Paulo: Summus,1998.123-42.

RICHARDSON R.J. et al. *Pesquisa Social: Métodos e técnicas* .São Paulo: Atlas,1999. 334 p.

SALLES, L. M. F. *Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular*. Piracicaba: Unimep, 1998.

SANCHEZ, Z.V.M; OLIVEIRA, L.G.; NAPPO, S. A., Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (1):43-55, 2004.

\_\_\_\_\_; NAPPO, S. A., Seqüência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. *Revista de Saúde Pública*, 36 (4):420-30, 2002.

SANTOS, J.C.F. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. GAMBOA S.S. (Org.) São Paulo: Cortez, 1995.

SLOBODA, Z. Programas de prevenção ao uso de drogas em escolas dos EUA. In: *Adolescência e drogas*. PINSKI, I.; BESSA, M.A. (Org.) São Paulo: Contexto, 2004. 106-121.

SOARES, C. B.; SALVETTI, M.G.; ÁVILA, L. K., Opinião de escolares e educadores sobre saúde: o ponto de vista da escola pública de uma região periférica do Município de São Paulo. *Cad. de Saúde Pública*, 19 (4):1153-61, 2003.

\_\_\_\_\_; JACOBI, P. R. Adolescente, drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar. *Cad. de Pesquisa*,109:213-37, 2000.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, H.R.C.F.; SILVA, C.A.M., O uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Revista de Saúde Pública*, 38 (2): 277-83, 2004.

SOUZA, D.P.O. de, ARECO K.N.; SILVEIRA FILHO, D.X. da Álcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso. *Revista de Saúde Pública*, 39 (4): 585-92, 2005.

\_\_\_\_\_; MARTINS, D.T.O. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil, 1995. *Cad. de Saúde Pública*, 14 (2): 391-400, 1998.

TAVARES, F. B.; LIMA, M. S.; BÉRIA, J. U., Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 35 (2):150-8, 2001.

ZIMERMAN, D.E. Fundamentos teóricos. In: ZIMERMAN, D.E.; OSÓRIO, L.C. (Org.) *Como trabalhamos com grupos*. Porto alegre: Artmed, 1997, 23-33.

# APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### Roteiro de entrevista com professores

#### **1- Concepção de aluno**

- 1.1 Como é educar os alunos nos dias de hoje?
- 1.2 Eles têm muita dificuldade de aprender?
- 1.3 Você fala com eles sobre questões como drogas, ou outros assuntos extra curriculares?
- 1.4 O que, geralmente eles querem saber, além dos conteúdos regulares?
- 1.5 Como é a sua relação com seus alunos?

#### **2- Escola**

- 2.1 Existem muitos problemas nesta escola? Que tipo de problemas?
- 2.2 O que poderia ser feito para resolver esses problemas?
- 2.3 O que deveria ser feito para melhorar a qualidade do ensino público?

#### **3- Satisfação profissional**

- 3.1 Você se sente realizado em sua profissão?
- 3.2 Quais as principais dificuldades que você encontra em sua profissão?
- 3.3 Você se sente preparado para lidar com as dificuldades atuais de seus alunos?

#### **4- Adolescência**

- 4.1 Muitos de seus alunos estão, ou estão entrando, na adolescência, na sua opinião o que é um adolescente?
- 4.2 Como é o comportamento de seus alunos adolescentes?
- 4.4 Por isso que você descreveu, você acha que eles estão mais propensos ao uso de drogas?

#### **5- Drogas na sociedade**

- 5.1 O que deveria ser feito em relação as drogas em nossa sociedade?
- 5.2 Qual é sua opinião sobre a liberação ou proibição das drogas em nosso país?
- 5.3 O que o governo deveria fazer para evitar o uso de drogas em nossa sociedade?
- 5.4 O governo deveria ser mais duro na repressão às drogas? E a escola?

#### **6- Percepção sobre drogas.**

- 6.1 Qual a sua opinião sobre o consumo de drogas?
- 6.2 Quais as drogas que você conhece?
- 6.3 Há consumo de drogas na escola?
- 6.4 Que tipos de drogas?
- 6.5 Você já presenciou alguém usando?
- 6.6 Você já viu alguém comprando ou vendendo drogas? Onde?
- 6.7 Na sua opinião, qual é a droga mais perigosa? Por que?

6.8 Você conhece pessoas que consomem ou são dependentes de drogas?

### **7- Usuário**

7.1 Como saber se um aluno está usando drogas?

7.2 Ele se diferencia dos demais? De que forma?

7.3 Na sua opinião quem usa mais drogas os meninos ou as meninas?

7.4 Em que idade eles começam a usar?

7.5 Quais os motivos que leva uma pessoa a consumir drogas?

7.6 O que fazer em relação ao usuário de drogas?

### **8- Atitudes práticas**

8.1 Se você descobre que um aluno está envolvido com drogas o que você faz?

8.2 Isso já aconteceu? O que você fez?

8.3 Que medidas a escola toma nestes casos? Você concorda com isso?

8.4 Que medidas os pais deveriam tomar num caso assim?

8.5 Se um aluno lhe procurar dizendo que consome drogas o que você faz?

### **9- Prevenção**

9.1 O que deveria ser feito na escola para prevenir o uso de drogas?

9.2 A escola é um local adequado para realizar atividades de prevenção ao uso de drogas?

9.3 Qual o papel da escola na prevenção?

9.4 E o papel do professor?

9.5 A prevenção deveria fazer parte do currículo?

9.6 Pessoalmente você se sente preparado para ensinar seus alunos sobre drogas?

9.7 Há algum programa de prevenção atualmente na escola? Vem dando resultado?

9.8 Na sua opinião como deveria ser um programa ideal, de prevenção ao uso de drogas na escola?

9.9 Os alunos têm informações suficientes sobre as drogas?

### **10- Vida pessoal**

10.1 Você fuma?

10.2 Toma bebidas alcóolicas?

10.3 Já experimentou algum tipo de droga? Algum medicamento?

10.4 Já ocorreu algum caso de uso de drogas ou bebidas em sua família?

10.5 Onde você costuma obter informações sobre as drogas?

10.6 Você acha que as informações veiculadas nos meios de comunicações são suficientes e adequadas?

### **11- Drogas e violência**

11.1 Qual a relação entre as drogas e violência?

11.2 Há tráfico de drogas na escola? E nas imediações? Já presenciou alguém passando drogas?

11.3 Os alunos que usam drogas são mais violentos?

11.4 Você tem medo que eles tenham uma atitude violenta com você?

11.5 Já houve algum episódio causado por alunos drogados?

11.6 Já houve ameaças ou violência por parte de traficantes?

11.7 Acontecem muitos casos de violência envolvendo alunos?

11.8 Ocorrem mais dentro da escola ou nas imediações?

<b>APÊNDICE 2</b>
-------------------

**Questionário - Professores**

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- Sexo:
- 4- Estado Civil:
- 5- N.º filhos:                      Idades:
- 6- Religião:
- 7- Formação:
- 8- Tempo de serviço:
- 9- N.º de aulas:
- 10- N.º de escolas:
- 11- Disciplina que ministra:
- 12- Você participou de algum curso, palestra ou atividades sobre drogas?
- 13- Onde?
- 14- Quando?
- 15- Carga horária:
- 16- Qual sua avaliação?
- 17- Se tivesse oportunidade, gostaria de participar de cursos, palestras ou outras atividades sobre drogas?

## APÊNDICE 3

### Roteiro Grupo Focal

Tema principal: Consumo de drogas

Roteiro para ser seguido em cada encontro

Recepção

Apresentação do moderador e dos componentes do grupo.

Pontos a ressaltar antes de iniciar a discussão:

- Estamos aqui para aprender com vocês tudo que vocês sabem sobre as drogas.
- A opinião de todos é importante, queremos ouvir cada um de vocês falar, portanto todos devem dar a sua opinião independente de ser certo ou errado.
- O que a gente conversar aqui vai ficar somente entre nós, ninguém mais vai ficar sabendo, nem a direção da escola, nem os pais e professores, também pedimos para vocês não comentarem o que a gente conversar aqui com outros colegas.
- A nossa conversa será gravada para facilitar as anotações e ninguém mais vai ouvir a fita só nós e depois serão apagadas.

No final avaliação verbal dos participantes para verificar possíveis angustias ou tensões despertadas pelas discussões do grupo e fechamento, para neutralizar possíveis efeitos negativos causados pela opinião de alguns sujeitos sobre os outros, e esclarecimento das dúvidas que surgirem.

### Temas:

- A. Conhecimento sobre tipos de drogas e seu consumo tanto drogas lícitas quanto às ilícitas.
- B. O usuário e a motivação para o uso segundo a ótica dos adolescentes.
- C. Fatores de risco e fatores protetores.
- D. O papel da família, da escola, da informação e da religião na prevenção ao uso de drogas.
- E. O que a escola deveria fazer para evitar que os alunos usem drogas.

- F. Percepção dos alunos sobre o consumo de drogas na escola e sobre alunos usuários.

## **ENCONTRO**

**Duração** 1:30 minutos

Apresentação

Dinâmica de aquecimento

Perguntas para orientar a discussão

- 1- O que vocês pensam sobre as drogas?
- 2- Quais as drogas que vocês já ouviram falar?
- 3- O que vocês aprenderam sobre as drogas?
- 4- O que acontece com quem usa drogas?
- 5- Na opinião de vocês o que leva alguém (aluno) a usar drogas?
- 6- Vocês conhecem pessoas que usam drogas? O que vocês pensam sobre essas pessoas?
- 7- O que poderia ser feito para evitar que as pessoas usem drogas? (na escola, na família e na sociedade).



10- O que você achou das atividades sobre drogas que participou?.....

11- Se tivesse oportunidade, gostaria de participar de cursos, palestras ou outras atividades sobre drogas? ( ) Sim ( ) Não

12- Você acha que alguém de sua família bebe demais? ( ) Sim ( ) Não

Quem? ( ) Pai ( ) Mãe ( ) Irmãos ( ) Irmãs ( ) Outros

13- Alguém da sua família usa drogas? ( ) Sim ( ) Não

Quem? ( ) Pai ( ) Mãe ( ) Irmãos ( ) Irmãs ( ) Outros

**14- Na sua casa tem:**

A. Televisão? (Não vale quebrada) ( ) Não ( ) Sim Quantas?...

B. Rádio? (Não vale quebrado) ( ) Não ( ) Sim Quantos?...

C. Aspirador de pó? (Não vale quebrado) ( ) Não ( ) Sim Quantos?...

D. Máquina de lavar roupa? (Não vale quebrada) ( ) Não ( ) Sim Quantas?...

E. Automóvel? (Não vale motos) ( ) Não ( ) Sim Quantos?...

F. Empregada doméstica que trabalha todo dia? ( ) Não ( ) Sim Quantas?...

G. Banheiros ( ) Não ( ) Sim Quantos?...

15- Você experimentou cigarro? ( ) Sim ( ) Não

16- Você experimentou bebidas alcoólicas? ( ) Sim ( ) Não

17- Alguém já te ofereceu alguma droga? ( ) Sim ( ) Não

18- Você experimentou alguma droga? ( ) Sim ( ) Não

Que tipo de droga?.....

.....

.....

.....

.....

## APÊNDICE 5

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO  
UNESP-ASSIS**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A presente pesquisa intitulada “**As drogas segundo a percepção de professores e alunos do ensino fundamental**”, tem por objetivo analisar o que pensam professores e alunos sobre o consumo de drogas e demais fatores relacionados ao cotidiano escolar. A pesquisa tem como pesquisadores responsáveis **Jair Izaías Kappann e Prof. Dr. José Luiz Guimarães**.

A participação na pesquisa consiste em uma entrevista de aproximadamente duas horas, com os professores e em entrevistas em grupos com os alunos. As perguntas feitas estão relacionadas às drogas e ao ambiente escolar e o entrevistado poderá recusar-se a responder qualquer questão que julgar incomoda ou inadequada.

Em qualquer momento no decorrer da pesquisa os autores poderão ser encontrados na **UNESP-Assis, à Av. Dom Antônio, 2100 CEP 19806-173, Fone: (18) 3302 5901**, para tirar eventuais dúvidas e prestar os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Para que a entrevista tenha uma duração menor e nenhum detalhe seja omitido, solicitamos a permissão para gravar as entrevistas que serão exclusivamente usada para esta pesquisa e somente serão ouvidas e manuseadas pelos pesquisadores.

Declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionados:

- A garantia de receber a resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a respeito dos procedimentos da pesquisa;
- A liberdade de retirar o meu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem que isso me traga qualquer prejuízo;
- A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada à minha privacidade;
- Compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade de continuar dele participando;
- O acesso aos dados do estudo quando solicitado e o conhecimento de que esses dados poderão ser usados em trabalhos científicos com o anonimato assegurado.

Declaro ter sido suficientemente informado e concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, voluntariamente concordo em participar do referido projeto.

Assis,.....de.....de 2004.

.....  
Assinatura do participante ou responsável legal

.....  
Jair Izaías Kappann- Pesquisador

.....  
Dr. José Luiz Guimarães- Pesquisador Orientador

**ANEXO 1**

**Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa**